

Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

Tânia Cristina Fernandes Ferreira

A valorização turística do património cultural imaterial: O caso das Festas Nicolinas



Universidade do Minho

Escola de Economia e Gestão

Tânia Cristina Fernandes Ferreira

A valorização turística do património cultural imaterial: O caso das Festas Nicolinas

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Economia Social

Trabalho realizado sob a orientação da

**Professora Doutora Maria Cristina Guimarães
Almeida Moreira**

(Universidade do Minho)

e da

Professora Doutora Cláudia Helena Nunes Henriques

(Universidade do Algarve)

DECLARAÇÃO

Nome: Tânia Cristina Fernandes Ferreira

Endereço eletrónico: tcff.17@gmail.com

Título dissertação: A valorização turística do património cultural imaterial: O caso das Festas Nicolinas

Orientadoras: Professora Doutora Maria Cristina Moreira (Universidade do Minho) e Professora Doutora Cláudia Henriques (Universidade do Algarve)

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Mestrado em Economia Social

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

O meu agradecimento sincero a todos e todas que deram a sua contribuição e o seu apoio para que esta dissertação fosse realizada.

Aos meus pais, Joaquim e Maria, e ao meu irmão, Luís, pelas palavras de incentivo e de confiança que foram fulcrais na realização desta dissertação.

Aos meus amigos, Nuno Ribeiro, Sónia Machado e Rita Fernandes, pelo carinho, ajuda e compreensão, durante este percurso.

Aos colegas do Mestrado em Economia Social, especialmente, ao José Nuno Senra, Joana Dias, Antonela Jesus, Miguel Cruz, Soraia Martins e Diana Marques, pelo apoio e amizade.

Às minhas orientadoras, Professora Doutora Maria Cristina Moreira e Professora Doutora Cláudia Henriques, pelo acompanhamento, motivação e sugestões na realização deste trabalho.

Uma palavra de agradecimento, pelo conhecimento transmitido, ao corpo docente, do Mestrado em Economia Social, em especial, à Professora Doutora Maria José Casa-Nova, Professor Doutor Paulo Reis Mourão e ao Professor Doutor Orlando Petiz.

A todos e todas o meu MUITO OBRIGADO!

Resumo

Com a evolução da sociedade, as motivações pessoais adjacentes ao lazer e às férias vão-se dispersando pelas mais variadas áreas. O turismo cultural tem vindo assumir um papel preponderante na escolha do destino turístico. A busca pelas emoções e novas experiências e o reencontro com a cultura e o sentido de pertença faz do turismo cultural um potencial turístico, um pouco por todo mundo. Indo ao encontro deste novo paradigma, o património imaterial torna-se determinante nas sociedades, na medida em que expressa a sua identidade e heterogeneidade, apelando ao acionar de medidas com vista à sua preservação e conservação bem como valorização turística no contexto da mercantilização da cultura nas sociedades pós-modernas. No panorama português, o turismo é encarado já de uma forma mais sólida, dando resultados principalmente em zonas, cujos recursos culturais e patrimoniais possuem um sentido identitário de um povo, de uma região e de um País, como é o caso de Guimarães. Assim, a questão que se coloca é se o papel das entidades públicas e associações Nicolinas envolvidas nas Festas Nicolinas contribui para a sua preservação e valorização turística.

Através da realização de entrevistas bem como a construção das fichas etnográficas permitiu definir as Festas Nicolinas como objeto do estudo. O método de investigação escolhido auxiliou na resposta à questão de partida, permitindo verificar que todos os entrevistados contribuem para a preservação das Festas Nicolinas. A opinião dos entrevistados relativamente à potencial valorização turística das festas difere. De facto, enquanto, uns consideram que as festas, como elemento identitário, podem contextualizar-se no desenvolvimento do turismo cultural do concelho, outros entrevistados continuam a destacar a identidade das ditas festas mas, sendo dos e para os residentes (locais). As Festas Nicolinas possuem uma dinâmica local carecendo ainda de uma estratégia regional, aumentando valor ao destino Porto e Norte de Portugal.

Palavras-chave: cultura, património imaterial, tradição, identidade, memória social e turismo cultural

“The tourism development of intangible cultural heritage: The case of Festas Nicolinas”

Abstract

With the society's evolution, personal motivations concerning leisure and holidays follow different ways in varied areas. Cultural tourism has been assuming an important role concerning the touristic destination choice. The search for emotions and new experiences and the meeting with culture and its sense of belonging make cultural tourism a touristic potential throughout the world. Regarding this paradigm, the immaterial heritage becomes crucial in societies expressing their identity and heterogeneity, and also requiring the introduction of measures to preserve and conserve them alongside with the touristic valorization, with regards to issues concerning the culture mercantilization on postmodern societies. On the Portuguese scene, tourism is seen in a more solid way, reporting results mainly in areas whose cultural and heritage resources own the sense of identity of a people, a region and a country, as is the case of Guimarães. Thus, the question that arises is whether the role of public identities and associations involved in the Nicolinas Festivities contributes for the touristic valorization.

With the realization of the interviews and the construction of ethnographic records, was allowed describing the Events Nicolinas as an object of study. The research method chosen helped answer the question of departure, allowing us to check that there is a concern on the preservation of Nicolinas Festivities. The opinion of the respondents regarding the potential tourism development differs festivities. Indeed, while some believe that while the parties may contextualize identity element in the development of cultural tourism in the county, other respondents continue to highlight the identity of said parties but, being specially designed to local residents. The Nicolinas Festivities own a local dynamic and need a regional strategy in order to increase value to destinations such as Porto and the north of Portugal.

Keywords: culture, intangible heritage, tradition, identity, social memory and cultural tourism.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstrat	vii
Índice	ix
Índice de Imagens	xii
Índice de Tabelas.....	xii
Índice de Gráficos	xii
Lista de siglas e abreviaturas	xiii
Capítulo I - Introdução	1
Capítulo II – Conceito de Património Cultural Imaterial	3
2.1. Património cultural: Definição	3
2.1.1. Património Cultural Imaterial: conceitualização	4
2.1.1.1. Proteção e Conservação do Património Cultural Imaterial	5
2.2. Síntese do capítulo	6
Capítulo III - Contextualização do conceito de Turismo Cultural	7
3.1. Turismo: Definição	7
3.2. Turismo Cultural: Conceito	7
3.2.1. Oferta e procura de turismo cultural.....	10
3.2.1.1. Motivação e perfil dos turistas culturais.....	13
3.3. Síntese do capítulo	15
Capítulo IV- Festa populares: evento turístico	17
4.1. Festas Populares: Definição	17
4.2. Eventos Turístico-Culturais: Conceito	19
4.2.1. Eventos turísticos culturais: Comunidade local vs Turistas	21
4.2.2. Gestão e planeamento de eventos turístico-culturais.....	24
4.3. Síntese do capítulo	26
Capítulo V - Metodologia	27
5.1. Investigação na área do turismo	27
5.2. Questões de partida e objetivos	27
5.3. Processo de investigação	28
5.3.1. Análise qualitativa	32
5.3.1.1. Estudo de caso.....	33
5.3.1.2. Método de amostragem <i>snow-ball</i>	33
5.3.1.3. Análise documental e bibliográfica.....	34

5.3.1.4.	Observação	35
5.3.1.5.	Fichas etnográfica	35
5.4.	Trabalho de campo	36
5.5.	Síntese do capítulo.....	37
Capítulo VI – A valorização turística do património cultural imaterial: O caso das Festas Nicolinas		
39		
6.1.	Planeamento e Gestão do Turismo da Região Norte.....	39
6.1.1.	Planeamento e Ordenamento do Território e o Turismo Cultural: PROT-Norte. ...	39
6.1.2.	Planeamento Turístico: Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT) e o Turismo Cultural (touring e city breaks).....	40
6.1.3.	Touring Cultural e Religioso e City Break.....	44
6.2.	Breve caracterização do concelho de Guimarães.....	48
6.2.1.	Breve análise socioeconómica e demográfica.....	48
6.2.2.	Breve análise da evolução do turismo em Guimarães.....	49
6.2.3.	Breve síntese da dinâmica cultural de Guimarães.....	53
6.3.	Objeto de estudo - Festas Nicolinas	55
6.3.1.	Caracterização geral das Festas Nicolinas.....	55
6.3.1.1.	História e Evolução	55
6.3.1.2.	Números Nicolinos.....	64
6.3.2.	Análise e interpretação dos resultados	68
6.3.2.1.	Envolvimento das entidades entrevistadas nas Festas Nicolinas.....	68
6.3.2.2.	Preservação e Conservação do património nicolino.....	70
6.3.2.3.	Valorização Turística das Festas Nicolinas.....	77
6.3.2.4.	Visibilidade turística dos números nicolinos.....	81
6.4.	Síntese do capítulo.....	82
Capítulo VIII - Conclusão		
85		
Bibliografia		
89		
Apêndices		
103		
Apêndice I.....		105
Apêndice II.....		106
Apêndice III		107
Apêndice IV		114
Apêndice V.....		116
Apêndice VI		119
Apêndice VII.....		121
Apêndice VIII.....		126

Apêndice IX	127
Apêndice X.....	128
Apêndice X I	129
Apêndice XII.....	138
Apêndice XIII.....	142
Apêndice XIV	147
Apêndice XV.....	150
Apêndice XVI	155
Apêndice XVII.....	161
Apêndice XVIII.....	167

Índice de Imagens

Imagem 1 – Quatro vertentes que explicam o Turismo Cultural	9
Imagem 2 - Modelo de Inskeep: Plano turístico.....	13
Imagem 3 - Festas Nicolinas uma atração turístico-cultural	78
Imagem 4 - Programas das Festas Nicolinas.....	126
Imagem 5 – Objetos nicolinos.....	127
Imagem 6 –Moinas.....	128
Imagem 7 – Cortejo do Pinheiro	128

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Elementos constituem um produto turístico cultural.....	11
Tabela 2 - Graus de motivação do Turista Cultural	14
Tabela 3 - Tipo de Turistas Culturais.....	15
Tabela 4 – Impactos dos Eventos Turístico – culturais.....	20
Tabela 5 – Etapas do processo de investigação.....	30
Tabela 6 – Evolução do turismo no Norte, no Ave e em Guimarães (2009-2012)	51
Tabela 7 – Excertos de Pregões a mencionar o nome Toural.....	59
Tabela 8 – Principais símbolos das Festas Nicolinas	62
Tabela 9 – Resumo descritivo dos números nicolinos	65
Tabela 10 - Medidas preservação e conservação do património nicolino.....	74
Tabela 11 – Núcleo Vivente de uma cultura	74
Tabela 12 – Obstáculos em tornar as Festas Nicolinas num produto turístico.....	80
Tabela 13 - Entidades Entrevistadas	105
Tabela 14 - Guião de Entrevista.....	106
Tabela 15 - Ficha Etnográfica nº 1	129
Tabela 16 - Ficha Etnográfica nº 2.....	138
Tabela 17 - Ficha Etnográfica nº 3	142
Tabela 18 - Ficha Etnográfica nº 4.....	147
Tabela 19 - Ficha Etnográfica nº 5.....	150
Tabela 20 - Ficha Etnográfica nº 6.....	155
Tabela 21 - Ficha Etnográfica nº 7.....	161
Tabela 22 - Ficha Etnográfica nº 8.....	167

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Taxa média de ocupação quarto, em Guimarães (2008-2012).....	52
Gráfico 2 - Número de visitantes a equipamentos culturais, em Guimarães (2008-2012).....	53
Gráfico 3 - Número de visitantes aos postos de turismo de Guimarães, em 2011 e 2012	54
Gráfico 4 - Número de visitas ao <i>site</i> do Guimarães Turismo, em 2011 e 2012.....	54

Lista de siglas e abreviaturas

AAELG/VN	Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães/Velhos Nicolinos
ACFN	Associação de comissões de festas Nicolinas
CCDR-N	Comissão De Coordenação E Desenvolvimento Regional Do Norte
INE	Instituto Nacional de Estatística
NUTS I	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, 1º nível
NUTS II	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, 2º nível
NUTS III	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, 3º nível
NWHO	<i>Nordic World Heritage Office</i>
OMT	Organização Mundial do Turismo
PSP	Polícia de Segurança Pública
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNWTO	<i>World Tourism Organisation</i>
WEF	<i>World Economic Forum</i>

Capítulo I - Introdução

O presente estudo surge do interesse em investigar a temática do turismo cultural, uma das áreas com maior crescimento no turismo sendo um importante factor de desenvolvimento socioeconómico e cultural.

As manifestações culturais e tradicionais e o quotidiano da população local são fatores que atraem os turistas (Cunha, 2008). Para além do turismo ser uma forma de preservar o património, uma forma de manter esse património “vivo”, ou seja, não permitir o seu desaparecimento (Henriques, 2007; Cunha, 2008).

De acordo com Carvalho (1943; 1956) e Miguel (1998), as Festas Nicolinas são das festas dos estudantes mais antigas de Portugal, sendo uma tradição que não se perdeu no tempo, pois a mensagem é passada de geração em geração e a comunidade sabe reconhecer a história e a tradição.

A investigação será conduzida no sentido de verificar o papel das entidades públicas e das associações envolvidas nas Festas Nicolinas e o seu contributo para a sua conservação e preservação bem como para a sua valorização turística.

O seguinte trabalho divide-se em 8 capítulos:

Capítulo II – Conceito de Património Cultural Imaterial: reflexão teórica acerca do património cultural, fazendo uma abordagem ao conceito de património cultural imaterial e a sua preservação e conservação.

Capítulo III – Contextualização do conceito de turismo cultural: abordagem teórica relativa ao conceito de turismo assim como a definição de turismo cultural, tendo como foco os seguintes pontos: oferta e procura de turismo cultural referindo-se também à motivação e perfil dos turistas culturais.

Capítulo IV – Festas populares: evento turístico: exposição teórica, numa primeira fase, sobre conceito de festas populares e numa segunda fase, uma exposição teórica sobre o conceito de eventos turístico-culturais. Referimos os eventos turísticos-culturais na perspetiva da comunidade local e dos turistas e abordamos, de forma sumária, a gestão e planeamento de eventos turísticos-culturais.

Capítulo V – Metodologia: inclui uma pesquisa bibliográfica e documental, tanto a nível da revisão de literatura como na análise do estudo de caso. No âmbito da investigação sobre as Festas Nicolinas, recolhemos informação através da Biblioteca Municipal de Guimarães, comunicação social, documentos facultados pela Associação

de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães/Velhos Nicolinos, onde tivemos acesso a excertos de entrevistas, fotografias, livros, informações importantes no desenvolvimento das fichas etnográficas sobre os números nicolinos por forma a entender a evolução das Festas Nicolinas, ao longo dos anos. Paralelamente, realizamos entrevistas junto das instituições envolvidas com a organização e preservação das Festas Nicolinas nomeadamente, Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães (AAELG/VN), Associação da Comissão de Festas Nicolinas (ACFN), Câmara Municipal de Guimarães e o responsável técnico do turismo da Câmara Municipal de Guimarães

Capítulo VI – Análise e interpretação de resultados: capítulo essencial no presente estudo. Numa primeira parte, realizamos uma abordagem teórica sobre o planeamento e gestão turística da Região Norte. Numa segunda parte, uma sucinta caracterização do concelho de Guimarães. Numa terceira parte, referência à história e evolução das Festas Nicolinas, através da análise etnográfica de cada número nicolino. Abordagem prática relativamente à preservação e conservação das Festas Nicolinas enquanto património e também análise das festividades relativamente à sua valorização turística.

Capítulo VII - Conclusão: incluiu as considerações finais relativas à investigação e é importante salientar, os anexos que visam complementar o presente estudo, tornando-a rica em informação. Em anexo estão as entrevistas realizadas, as fichas etnográficas de cada número, mapa do percurso do Cortejo do Pinheiro e das moinas, imagens relativas aos programas das festas e aos objetos simbólicos.

Capítulo II – Conceito de Património Cultural Imaterial

2.1. Património cultural: Definição

O conceito de património tem origem “ (...) quando um individuo ou um grupo de individuo identifica como seus um objeto ou um conjunto de objetos.” (Ballart, 1997:17). Para Santos (2001), a abrangência conceitual da abordagem do património cultural está relacionada com a própria definição antropológica da cultura, como tudo o que caracteriza uma população humana ou como um conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de cada sociedade ou grupo.

O património precisa de ser preservado sendo necessário articular com a sociedade de forma a perceber aquilo que pode ou não ser preservado. Unir o património às pessoas é importante para a construção de um sentimento de pertença coletiva, passa a assentar-se no princípio da semelhança cultural tendo por base uma cultura e uma história comum, que unem e identifiquem uma população (Gellner, 1998). A valorização das histórias, das memórias e saberes locais permite aos residentes e visitantes identificarem-se nessa história, possibilitando-lhes a ligação entre passado e presente.

De acordo com o Dec. Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro, o património cultural é importante na construção, conservação e explicação da identidade de uma comunidade. (nº1, art.º1). O património como todos os bens importantes e essenciais para identificar e caraterizar a comunidade e por isso deve ser preservado e conservado (nº1, art.º2). Pois reflete os “ (...) valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.” (nº3, art.º2). Considera-se também que os “bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas” integram o conceito de Património cultural (nº4,art.º2). “Património Cultural é uma expressão dos modos de vida desenvolvidos pela comunidade e transmitidos de geração em geração, incluído costumes, praticas, lugares, objetos, expressões artísticas e valores (...)” (ICOMOS, 2002:21).

Reis (2004) refere que a cultura e o património são elementos com potencial turístico mas, são por vezes esquecidos e existindo, assim, uma valorização turística dos mesmos. Não existe modernização nem política de desenvolvimento concretas uma vez que o foco é o lucro e não a divulgação. Segundo o autor supramencionado, neste momento o panorama têm-se alterado de forma benéfica devido à inserção do património cultural nas políticas de desenvolvimento territorial. Segundo Garrigós (1998:171), dirigir o património cultural é “ (...) administra-lo de tal modo que, não só não se deteriore e

pereça, mas que também se reabilite, se enriqueça, seja conhecido e disfrutado por todos e que converta num elemento de desenvolvimento económico e social.”.

2.1.1. Património Cultural Imaterial: conceitualização

De acordo com ICOMOS (2002:23) o “ (...) património cultural imaterial abrange todas as formas de cultura tradicional e popular ou folclórica, os trabalhos artesanais e tradicionais. Estas criações são transmitidas por via oral ou gestual e são modificados ao longo do tempo, através de um processo de recriação coletiva. Elas incluem as tradições orais, costumes, línguas, música, dança, rituais, festas (...).”.

Segundo a UNESCO (2003), o património imaterial é socialmente construído e permite, assim, a participação de diferentes culturas e classes sociais, sendo uma forma de promover o diálogo intercultural e a diversidade cultural. Portanto, o património cultural imaterial diz respeito à criação cultural das populações, nomeadamente, as tradições, os saberes, a língua, as festas, e outras manifestações que são passadas de geração em geração através da comunicação da sua herança cultural. A história oral traz esse passado para o presente, através da memória e da partilha de um património cultural comum, as pessoas sentem que pertencem a um lugar, a um grupo, a uma história. De acordo com o art.º 2.1 da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, o património cultural imaterial consiste em

“ (...) práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural [... e que esse...] património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade.” (UNESCO, 2003:3).

A proteção do património cultural imaterial é um tema que vem assumindo importância, ao longo dos tempos, principalmente, em fóruns organizados pela UNESCO. O património cultural imaterial é criador da diversidade cultural e responsável pelo desenvolvimento sustentável, como está referido na Recomendação da UNESCO para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore de 1989, pela Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural de 2001 e pela

Declaração de Istambul de 2002, adotada pela 3.^a Mesa Redonda de Ministros da Cultura. A UNESCO possui um papel a importância como promotor de normas para proteger o património cultural, nomeadamente, em 1972, com Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. É necessário estimular a consciencialização para a importância do património cultural imaterial e para sua preservação. O reconhecimento que a sociedade tem um papel significativo na produção, preservação e conservação do património cultural imaterial, enriquece a diversidade cultural e da criatividade humana (UNESCO, 2003).

2.1.1.1. Proteção e Conservação do Património Cultural Imaterial

O preâmbulo da Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial refere a importância do património cultural imaterial como impulsionador da diversidade cultural e do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2003). De acordo com a UNESCO (2003), o objetivo fundamental da Convenção é a contínua recriação e a transmissão geracional do património. Nessa linha de ideias, o art.º1 da Convenção, expõe a importância da conservação e da proteção do património cultural imaterial e do respeito pela identidade e cultura de todas as comunidades. (UNESCO, 2003).

Descrito na mesma Convenção o artigo 21º, estabelece o “ (...) património cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos existentes, bem como a exigência do respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e de um desenvolvimento sustentável.” (UNESCO, 2003:3-4). E ainda na alínea a) do artigo 13º refere que os Estados que fizeram parte da Convenção devem “ (...) adotar uma política geral destinada a promover a função do património cultural imaterial na sociedade e integrar a salvaguarda desse património nos programas de planeamento.” (UNESCO, 2003:7).

A convenção não menciona de forma direta o conceito de desenvolvimento sustentável mas, recorrendo à análise do artigo 2.1º da Convenção, verificamos que a noção adotada considera que o património imaterial é “ (...) constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e sua história.” (UNESCO, 2003:3). Junto com observação do artigo 2.3º, onde se define salvaguarda como sendo “ (...) medidas destinadas a assegurar a viabilidade do Património Cultural Imaterial.” (UNESCO,2003:4). Podemos interpretar que há uma preocupação com a sustentabilidade do património, principalmente, quando se faz a

referência a uma constante recriação do património, o mais importante não é o passado mas, sim a sustentabilidade do futuro, ou seja, salvaguardar o património imaterial para o futuro, de forma exequível e sustentável. Outro aspeto interessante referido no ponto 1 do artigo 2^a é a transmissão entre gerações do património cultural imaterial, estimulando o envolvimento dos mais jovens (UNESCO, 2003). Na alínea a) do artigo 14^o, reforça a importância da formação e da necessidade de envolver a população, ou seja, promover práticas educativas com vista a fomentar o orgulho a identidade cultural e assim promover a proteção e conversação do património cultural imaterial (UNESCO,2003).

A importância que o património imaterial tem adquirido, ao longo dos tempos, a nível local e regional, tem permitido um desenvolvimento de ideias que têm como objetivo preservar as tradições, conservar o património e formar as pessoas e incentivar a participação em eventos. Na óptica de Shackley (1999), a entrada de dinheiro através do turismo possibilita a manutenção e a conservação das festas, a formação dos habitantes e a melhoria das condições de alojamento e de acolhimento dos turistas. Simultaneamente, permite valorizar e preservar o património, a herança cultural e a memória.

2.2. Síntese do capítulo

Neste capítulo, demonstramos que o património cultural imaterial é importante e que pertence à identidade cultural de um povo criando um sentimento de pertença, partilha e sentido de continuidade. Essa identidade deve ser preservada e conservada, como verificamos na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, fomentando a transmissão inter-geracional. Neste sentido, como forma de preservar e conservar o património deverá ser utilizado como atração turística. Por isso, o próximo capítulo enquadrará o conceito de turismo cultural.

Capítulo III - Contextualização do conceito de Turismo Cultural

3.1. Turismo: Definição

Turismo é dos sectores de atividade, a nível mundial, de maior crescimento na economia, em 2012, este setor movimentou 9% do PIB mundial e 1,3 trilhões de dólares em exportação representando cerca de 6% das exportações mundiais. O turismo registou um crescimento de 4% face a 2011, obtendo um volume de 1.035 milhões de turistas, sendo a Europa o continente com maior destaque a nível mundial, apresentando 534 milhões de turistas (52% das chegadas mundiais) e receitas de 458 biliões de dólares (43% das receitas mundiais) (UNWTO, 2013).

Segundo Schwink (1930; in Andrade, 1992:62) o turismo é o “ (...) movimento de pessoas que abandonam, temporariamente o local da sua residência permanente, levadas por algum motivo relacionado com o espírito, o corpo ou a profissão.”. A Organização Mundial de Turismo (1995:14) define turismo como, “ (...) atividades de pessoas que visitem e permaneçam em locais, fora da sua residência habitual não mais do que um ano consecutivo, por motivos de lazer, negócios ou outros.”. Sendo que também pode ser entendido como “a soma de fenómenos e relações originados da interação de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas ou visitantes.” (Goeldner, Ritchie & McIntosh, 2002: 23).

Neste sentido, Ignarra (2003) refere que o turismo abrange quatro pontos de vistas: Turistas - o turista procura experimentar e ter prazer a nível físico e espiritual; Empresa de prestação de serviços - o turismo serve para maximizar o lucro; Estado - o turismo gera riqueza na região; Habitantes locais - o turismo é uma atividade geradora de empregos e uma forma de se conviver com a diversidade cultural.

3.2. Turismo Cultural: Conceito

A cultura é traduzida pelos padrões de atividade humana e organizações emblemáticas que incutem um significado e consideração a estas atividades, ou seja, é uma marca, uma identidade de um povo para Williams's (1976:87) “ (...) a cultura é uma das duas ou três palavras mais complicadas no idioma Inglês.”, o que pressupõe a complexidade da definição em causa.

“A cultura é definida por um conjunto de características materiais, intelectuais, emocionais e espirituais que identificam uma comunidade, sociedade ou grupo social. Ela inclui não apenas as artes e literatura, mas

também os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças. Cultura engloba a vida ou características e valores de uma comunidade contemporânea, bem como aqueles que sobreviveram a partir do passado.” (ICOMOS, 2002:21).

Isto quer dizer que a cultura é poderosa pela sua expansão no meio da comunidade, onde existe uma mistura de costumes e que promove a identidade de cada povo. Sem cultura uma comunidade não existe porque a sua natureza está baseada na cultura pois a cultura define um povo (ICOMOS, 2002).

Segundo Teisserenc (1997) existe um aumento da consciencialização da importância do papel cultura como elemento complementar no desenvolvimento, na promoção da imagem local e na formação dos habitantes. Há novos pontos de vista sobre o desenvolvimento, tendo como objetivo mudar os locais a nível social, económico e político (Reis, 2004). As atrações culturais aumentaram, criaram riqueza e emprego, ou seja, promovem o desenvolvimento local e regional e reforça as condições para surgir novas atividades relacionadas com a cultura. (Tomás, 2008)

De acordo com Richards (2004), os principais motivos para o crescimento do turismo cultural é o aumento de pessoas com o ensino superior, pois considera que os turistas culturais têm um nível escolaridade superior. Em 2011, o turismo cultural representa aproximadamente 37% das viagens turísticas no mundo e tem um crescimento de 15% por ano. (UNWTO, 2012a).

Turismo cultural consiste no “ (...) movimento de pessoas para atrações culturais fora do seu local habitual de residência, com a intenção de absorver nova informação e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais.” (Richards, 1996:24). De acordo com o Eurostat (1998:31) o “ (...) turismo cultural engloba todas as atividades culturais efetuadas por visitantes, bem como a oferta de produtos aos visitantes culturais, durante a sua visita.”. O turismo cultural está relacionado com a forma como os turistas consomem a cultura (Richards, 2000).

“Turismo Cultural é, essencialmente, uma forma de turismo que incide sobre a cultura e os ambientes culturais, incluindo paisagens do destino, os valores e estilos de vida, património, artes visuais e performativas, as indústrias, as tradições e atividades de lazer da população local ou comunidade anfitriã. Ele pode incluir a participação em eventos culturais, visitas a museus e locais históricos e misturar com a população local. Ele não deve ser considerado como um nicho definível dentro do vasto leque

de atividades de turismo, mas abrange todas as experiências absorvidas pelo visitante para um lugar que está além de seu próprio ambiente de vida.” (ICOMOS, 2002:22).

Segundo Pine & Gilmore (1999) e Richards & Wilson (2005) é necessário para o crescimento e desenvolvimento da atividade turística propiciar um conjunto de experiências que permitam a transmissão do conhecimento bem como uma mudança do ‘eu’, onde se consegue uma mudança de estádios, ou seja, passagem da ‘economia das experiências’ à ‘economia das transformações’. No turismo cultural existe um contacto entre a população local e o património sendo únicos e singulares enriquecem o conhecimento dos turistas e visitantes (Blackwell, 1997; Schweitzer, 1991).

Para McKercher & du Cros (2002), existem quatro vetores que podem explicar o turismo cultural: oferta, procura, experiência e gestão. Como podemos verificar na imagem 1, a parte superior do eixo vertical (experiência) indica natureza e o significado da experiência turística. A parte inferior do mesmo eixo (operacional) identifica o turismo cultural e mede o alcance da atividade do turismo cultural. No eixo horizontal verificamos a oferta e a procura que é uma perspetiva do turismo cultural a partir do setor do turismo como um todo. As motivações para viajar definem a procura dos turistas culturais. Cada vez mais a experiência influencia o turismo, ou seja, a experiência turística é um assunto a ter em conta quando se quer inovar no setor do turismo. E nesse sentido, o conceito de experiência turística com vertente cultural é cada vez mais útil e importante quando se estabelece uma ligação entre turismo e património cultural imaterial, pois verifica-se que os turistas desejam experiências culturais e que esse desejo é essencial na escolha de um produto turístico.

Imagem 1 – Quatro vertentes que explicam o Turismo Cultural



Fonte: adaptação própria com base em McKercher & du Cros (2002)

No pensamento de Richards & Wilson (2005), a cultura e economia são áreas cada vez mais adjacentes. E neste sentido, a cultura é considerado um fator essencial na estratégia adotada para o desenvolvimento da atividade turística para além de se conseguir preservar e conservar o património e as atividades culturais. Salientando ainda que, a cultura como atração turística é uma maneira de aumentar a competitividade e atração de um destino sendo importante no desenvolvimento do destino turístico visto que traz benefícios como investimento, emprego, receitas, população, entre outros. O turismo com motivação cultural tem um papel importante na dinâmica turística e que desenvolve as potencialidades da oferta e da procura dos destinos turísticos (Vasconcelos, 2011).

3.2.1. Oferta e procura de turismo cultural

A oferta turística consiste num conjunto de recursos que uma localidade detém como as atrações turísticas, transportes, serviços, infraestruturas básicos e acessibilidades, ou seja, consiste numa reunião de bens e serviços ligados, diretamente e indiretamente, ao turismo. (Mathieson & Wall, 1982). De acordo com Middleton (1989), os cinco elementos que constituem o produto turísticos são os seguintes: a) Atração: o que explica a escolha do turista; b) Facilidades: o que permite o turista desfrutar das atrações e estar no local; c) Imagem: fator essencial na escolha do turista, ou seja a ideia que o turista tem do destino que pretende ir; d) Preço: somatório do conjunto de despesas com a viagem.

A oferta turística é a “ (...) oferta de todos os produtos (bens e serviços) usufruídos ou adquiridos por visitantes, em resultado das respetivas viagens (...) a oferta de atividades turísticas inclui diversas atividades económicas, tratando-se de um sector muito heterogéneo, que abrange diversas atividades, algumas das quais diretamente dependentes do turismo e as outras apenas em parte.” (Eurostat, 1998: 16). Segundo Beni (1998), a oferta turística é tudo que atraí e fixa, os turistas, num dado tempo e numa dada região, por exemplo, a cultura, alojamento, lazer, social, turístico, etc. São fatores que sozinhos não têm qualquer valor nem qualquer finalidade turística, mas que juntos podem ajustar um determinado produto turístico.

Portanto, a oferta turística consiste num conjunto de elementos básicos, como infraestruturas, serviços públicos e turísticos e atrações turísticas. Sendo que os serviços públicos são elementares para o consumo de um produto turístico (Barreto, 1999). Os elementos que constituem a oferta turística estimulam o aumento do período de estada do turista, proporciona um aumento médio da despesa média, potenciando a diminuição

da sazonalidade aumentando assim o número de turistas em épocas baixas. São aspetos diferenciadores para o desenvolvimento local e essenciais para a escolha do destino por parte do turista (Grängsjö, 2003). Segundo Rowe (2001) um destino turístico-cultural deverá estar implícita a oferta de um conjunto de recursos culturais como tradições, arte, história, religião, festas populares, música, quotidiano dos habitantes e bem como outros. Para Ignaras (2003) os elementos que constituem um produto turístico cultural são importantes para atrair os turistas pois o que um destino oferece influencia a escolha do turista. O produto turístico cultural engloba o património cultural material e imaterial e agrega os produtos de turismo com vertente cultural em diferentes temas (tabela 1).

Tabela 1 – Elementos constituem um produto turístico cultural

<u>Elemento</u>	<u>Definição</u>
História e Arte	Os museus são das atrações mais procuradas.
Música e Dança	Turistas apreciam este tipo de atividades culturais.
Arquitetura local	Estilo arquitetónico e conforto.
Artesanato	Lembranças com simbolismo e tradição.
Folclore	Espetáculos bem como outro tipo de eventos tradicionais.
Património arquitetónico	Construção que mantenha as características singulares do local.
Peregrinação religiosa	Os turistas procuram as igrejas, santuários e as festas de cariz religioso.
Agricultura tradicional	Fator atrativo principalmente para o turista que vive fora do ambiente rural.
Desenvolvimento científico	Contribui para o desenvolvimento local, a nível científico cultural e económico.
Aspetos industriais	A vantagem a nível intelectual em conhecer a economia local e a indústria.
Turismo educacional	Deslocação para outros locais para estudarem e investigarem.
História da comunidade local	Contacto com os habitantes do local de forma a experimentar e vivenciar a vida quotidiana local.

Fonte: adaptação própria com base em Ignarra (2003)

Segundo Barreto (2007), o turismo cultural é constituído por eventos e reproduções figurativas, como por exemplo, dança teatro, festas, folclore, entre outros. E quando mais multiplicidade de eventos e atividades turísticas existir, maior será a capacidade de se desenvolver produtos turísticos diversificados.

Na atividade turística a oferta tem um papel importante sendo essencial descrever o outro lado, ou seja, a procura. O turismo é orientado para as pessoas que querem usufruir de um produto turístico, ou seja, orientado para a procura (Eurostat, 1998). Segundo Mathieson & Wall (1982) a procura turística possui diversas definições, podendo associar-se não só às motivações e aos comportamentos humanos mas, também poderá ser entendida como o desejo de viajar, de usufruir de certos produtos ou serviços longe do seu quotidiano. Em complemento Andrade (1992) refere que para existir uma procura real de atividade turística é preciso que o indivíduo tenha disponibilidade para o lazer, tenha dinheiro e vontade em fazer essas viagens e que não possua nada do foro psicológico ou físico, a impedir essa procura turística real. Segundo Cunha (2001), a procura turística consiste na aquisição, por parte dos turistas, num determinado momento, de diversificados bens e serviços.

Nesse sentido, Santos & Fernandes (2010) referem que a nível económico a procura turística total diz respeito à procura efetuada pelos turistas nacionais mais a procura dos estrangeiros, num determinado local e num determinado momento. Essa procura turística deve-se a um conjunto de recursos que o local detém, e como sugere Umbelino (2004), os recursos culturais são um património cultural, que é complicado classificar uma vez que pode ser um conjunto de elementos que reconhecem, diversificam e caracterizam um local.

O aumento da procura, por parte dos turistas, com motivação cultural está relacionada com o aumento da oferta de atividades turísticas e opções culturais e isto deve-se ao estímulo do património como produto turístico, liga-se o aumento do turismo cultural e o património (Hewison, 1987). No ponto de vista de Lage & Milone (2001), o agente económico fulcral na procura é o consumidor deste tipo de produto turístico. O seu principal fim é interpretar o comportamento do consumidor de um produto turístico, pois a procura turística está ligada às motivações e ao comportamento do consumidor.

Após uma abordagem dos conceitos da oferta e da procura, apresentamos o modelo de Inskip (1991) que visa essencialmente sintetizar os componentes de um plano turístico. O modelo de Inskip como elemento central apresenta o ambiente natural, cultural e

socioeconómico. Como forma de complemento o autor correlaciona o alojamento, outros serviços e equipamentos, outras infra-estruturas, atrações e atividades turísticas, transportes e elementos institucionais. Na medida em que, as infra-estruturas possam ser utilizadas não só pelos turistas, mas postas à disposição da população em geral, aumentando assim a dupla utilização e dupla complementaridade (imagem2).

Imagem 2 - Modelo de Inskeep: Plano turístico



Fonte: adaptação própria com base em Inskeep (1991)

O aumento exponencial do interesse das pessoas pela cultura dá origem a um novo segmento de mercado, em que os fatores que influenciam a oferta e a procura têm um papel essencial no planejamento e desenvolvimento sustentável da região turística (Inskeep, 1991).

3.2.1.1. Motivação e perfil dos turistas culturais

Segundo Cunha (1997) as motivações turísticas agrupam-se por relações, ou seja, as motivações culturais e educativas estão relacionadas com a necessidade do turista em conhecer o quotidiano da população local, experimentar algo novo e diferente, assistir a manifestações culturais, estudar ou tirar formações. Para além disso, o autor considera que estão patentes também as visitas aos familiares e amigos (razões étnicas) e o desejo pela aventura e pelo conhecimento de outras culturas (razões sociológicas e psicológicas). Portanto, as pessoas quando optam pelo turismo cultural procuram ter

novas experiências e conhecer os locais e as pessoas que lá habitam, ou seja, conhecer a localidade, paisagens, o cotidiano e eventos turísticos dos lugares (Niccolucci, 2007). E nesse sentido, Richards & Wilson (2007) referem que a procura dos lugares, das pessoas que lá habitam e das atividades turísticas são uma forma de aperfeiçoar e obter o ‘capital cultural’.

O turismo cultural “desenvolveu-se como alternativa à saturação do modelo tradicional, baseado na exploração de um número limitado de centros de atração e em resposta a uma procura mais exigente, segmentada e em mudança.” (Fundação Serralves, 2008:32). Por outras palavras, os turistas estão saturados do turismo tradicional e atualmente mostram interesse e atração por destinos turísticos com uma vertente cultural e criativa. De acordo com Cunha (2008:168), o que leva o turista a optar pelo turismo cultural é a “ (...) valorização cultural e a fruição de diversos atrativos existentes nos destinos, dos quais se destacam: atividades de animação cultural e visitas a museus, monumentos, eventos culturais e festividades tradicionais.”

A motivação do consumidor de turismo pode-se repartir em quatro partes: física ou psicológica (ex.: relaxe), cultural (ex.: procurar novas experiências), social (ex.: prestígio) e pessoais (ex.: fuga da rotina) (Mathieson & Wall, 1982). Silberberg (1995) desenvolveu um esquema onde apresenta os diferentes graus de motivação (grande, parcial, adicional e acidental) relativamente ao consumo do turismo cultural, apresentado na tabela 2.

Tabela 2 - Graus de motivação do Turista Cultural

Grande	“Grandemente motivados pela cultura, 5% mercado residente e 15% de turistas provenientes de fora da região. Locais: museus, teatros e ventos culturais.”
Parcial	“Motivados em parte, pela cultura, 15% do mercado residente e 30% de turistas provenientes de fora da região. Visitam familiares e amigos e ainda apresentam motivações culturais.”
Adicional	“A motivação cultural é secundária, estima-se que a sua representação atinja cerca de 20% do mercado.”
Acidental	“Turista acidental cultural, 20% do mercado onde a visita as atrações culturais acontece por acaso.”

Fonte: adaptação própria com base em Silberberg (1995:36)

Segundo Henriques (2007:8-9), o turismo cultural “ (...) satisfaz a necessidade humana de diversidade, com vista a aumentar o nível cultural dos indivíduos e dando lugar a novos conhecimentos, experiências e encontros”. Ainda acrescenta que o “turismo enquanto experiência cultural (...) deve constituir-se experiência autêntica e emocional e deve ser memorável.”. De acordo com Mckercher & du Cros (2002), existem cinco tipos de turistas culturais, tendo em conta as atrações turísticas que motiva a escolha do destino e a envolvimento dos turistas com essas atrações sendo que o património cultural visitado e padrão de visitas diferem do tipo do turista cultural, ou seja, os autores supramencionados para definirem os tipos de turistas culturais consideram a motivação da escolha, a experiência adquirida, as atrações culturais bem como a importância que dão ao património cultural (tabela 3).

Tabela 3 - Tipo de Turistas Culturais

Turista Cultural “intencional”	Viaja por motivos culturais e procura uma verdadeira experiência de turismo cultural.
Turista Cultural “paisagístico”	Sendo motivado pelo turismo cultural procura uma experiência mais superficial.
Turista Cultural “explorador”	O turismo cultural não é a razão principal mas acaba por ter uma verdadeira experiência de turismo cultural.
Turista Cultural “casual”	Identifica o turismo cultural como motivação fraca e procura uma experiência superficial.
Turista Cultural “acidental”	O turismo cultural não é a razão da visita mas, acaba por experimentar atrações culturais.

Fonte: adaptação própria com base em Mckercher & du Cros, 2002

3.3. Síntese do capítulo

Verificamos neste capítulo que o turismo cultural é um mercado importante a nível mundial e existe um aumento de turistas interessados por este tipo de segmento de mercado turístico. Os turistas são, cada vez mais, exigentes naquilo que procuram, por isso, a oferta do destino tem que ser diversificada e atrativa. No capítulo seguinte irá ser abordado o tema dos eventos turístico-culturais nomeadamente as festas populares como motor de desenvolvimento cultural e socioeconómico.

Capítulo IV- Festa populares: evento turístico

4.1. Festas Populares: Definição

Como se referiu anteriormente, “ (...) a cultura do povo é a cultura que o povo vive no quotidiano, condicionada, penetrada e marcada pela cultura da classe dominante que dispõe de meios institucionalizados para lhes transmite os seus valores e significados.” (Ander-Egg, 1999:24). Consiste num conjunto de valores, saberes, representações culturais, etc., que está associada a uma determinada pessoa que pertence a um dado grupo (Raposo, 2002) e essa cultura é transmitida, isto é, os saberes e valores são passados de geração em geração e é assim que são adquiridos (Henriques, 2003).

“Toda a identidade cultural – como distintivo pessoal, grupal ou nacional – configura-se a partir de cinco fatores principais que constituem o ‘núcleo vivente de uma cultura’:

- Histórico: a memória ou consciência coletiva de uma comunidade;
- Étnico: expressado como autoconsciência étnica, ou seja, como capacidade de autoidentificar-se como tribo, nação, nacionalização ou grupo étnico;
- Linguístico: a língua como sinal de identidade que configura uma maneira especial de comunicamos e ainda de organizar a leitura dos dados da realidade;
- Político: este fator expressa-se no exercício de autonomia e soberania política;
- Psicológico: como referente humano de identidade expressado na forma de compartilhar certos rasgos psicológicos em comum que configurem a personalidade básica ou carácter social.” (Ander-Egg,1999:66-67).

Para Prandi (1997), as festas possuem um ciclo e não são realizadas sempre da mesma forma por isso é que são tao únicas sendo um fator importante na definição da estratégica do desenvolvimento turístico, para além de serem um acto social apreciado, aceite e engraçado. Assim, festas populares definem-se como uma “expressão ambígua que se utiliza com diferentes usos. Nalgum caso designa a cultura do povo, noutra cultura para o povo e às vezes cultura pelo povo. (...) Cultura popular – práticas, obras e valores culturais das classes e dos meios populares.” (Ander-Egg, 1999:44). As festas são uma forma de transmissão de uma tradição e de saberes entre gerações sendo um património cultural imaterial (música, artesanato, crenças, valores, entre outros), ou seja,

são manifestações onde existe uma participação ativa da população e que valoriza a identidade cultural da população local (Pedro & Dias, 2008).

Segundo Benjamim (2001), as festas populares podem ter uma motivação relacionada com a religião, desporto, civismo ou política e caracterizam-se da seguinte forma:

➤ Públicas:

- Institucionalizadas: a sua realização provém da iniciativa de uma instituição, e que são atividades com uma hierarquia e normas a respeitar.
- Espontâneas: são festejos de algum *status* da população, como os festejos desportivos.

➤ Privadas: são comemorações familiares e pequenos grupos sociais, como os casamentos e batizados.

Segundo Vasconcelos (1986:33-35), “ (...) as tradições populares manifestam o modo como o povo enfrenta atualmente a natureza e como vive na sociedade. As tradições populares elucidam-nos sobre o passado, porque geralmente nenhuma delas é moderna (...)”. A tradição é o reconhecer dum caminho já feito no passado e passá-lo para o presente (Prandi,1997). Nesse âmbito, referimos as festas populares como acontecimentos com história, tradição e como um fator identitário de um local (Ribeiro & Ferreira, 2009). As festas populares têm o seu lado religioso e profano sendo que o profano por ter mais alegria e excitação leva mais gente à rua, tornando-se mais apetecível (Ribas, 1992). Ou seja, “ (...) ação de estímulo e mobilização de indivíduos, grupos e coletividades. Forma de infundir ânimo e insuflar dinamismo e entusiasmo. Dar vida e movimento a um conjunto de pessoas.” (Ander-Egg, 1999:28).

Tornar uma festa popular num produto turístico alerta-nos para o problema da autenticidade e do reconhecimento desse evento por parte das pessoas de fora. Ou seja, ao comercializar os eventos culturais terá de se evitar que se transformem em produtos turísticos clichés e vulgares (Macnells, 1976; Wang, 1999). Aproveitar as festas populares em termos turísticos é vantajoso não só a nível do comércio local, mas no aumento do fluxo de turistas, ou seja, atrai outros públicos e com isso existe um contacto entre as pessoas locais e os turistas fomentando a troca de conhecimentos, experiências, vivências e saberes (Ribeiro & Ferreira, 2009). Na necessidade de desenvolver um turismo sustentável e tendo por base a identidade cultural Raj (2003) refere que é necessário atrair as pessoas ao local, manter a autenticidade dos eventos

captando pessoas suscetíveis a nível emocional, incentivar o contacto entre turistas e habitantes, contribuir para a preservação do património e promover o desenvolvimento da região, o espírito de entrega, partilha e ajuda entre as pessoas envolvidas. Para Pedro & Dias (2008), o facto de existir uma participação da população local faz com que a autenticidade das tradições prevaleça. Este tipo de eventos turísticos tem ganho interesse e importância por parte das pessoas e, assim, melhoram a qualidade de vida do local (Dimmock & Tiyce, 2001).

4.2. Eventos Turístico-Culturais: Conceito

Os eventos consistem em atividades realizadas como atração turística, ou seja, tem como finalidade atrair pessoas para um determinado local (Rabaça & Barbosa, 1987). Podem ser vistos como “ (...) acontecimentos previamente planeados, organizados e coordenados de forma a contemplar o maior número de pessoas num mesmo espaço físico e temporal, com informações, medidas, projetos sobre uma ideia, ação ou produto, apresentando os diagnósticos de resultados e os meios mais eficazes para atingir determinado objetivo.” (Brito & Fontes, 1997:17).

Este tipo de eventos ainda consegue ter uma certa flexibilidade que permite algumas mudanças na sua organização, como por exemplo, mudança do sítio do evento, sem que haja uma perda do conceito e também consegue com que o lugar onde se realizam fique nas recordações das pessoas (Ribeiro & Ferreira, 2009). Existe uma transmissão de valores mas, devido às mudanças socioeconómicas e culturais essas tradições não podem ficar agarradas ao passado, ou seja, existe uma dinâmica do património cultural em que se conserva a identidade mas que vai sofrendo transformações, isto quer dizer que “ (...) a identidade também sofre transformações na medida em que se vai construindo, caminhado para o futuro sem esquecer o passado.” (Pedro & Dias, 2008: 12).

De acordo com Dimmock & Tiyce (2001) os eventos são: a) Megas - atraem muitas pessoas, têm um período de tempo fixado e precisam de diversos recursos; b) Marca (Hallmark) - simbólicos e significativos para a população local, eventos de larga escala e tamanho, ocorrem esporadicamente ou uma vez, tem duração fixada e são benéficos para o local; c) Locais - são pequenos em dimensão, comemorações tem significado para a população e acontecem de forma regular.

Para Brito & Fontes (2002) os eventos permitem a partilha de informação, a criação de novos produtos, o desenvolvimento a nível económico e sociocultural na região.

Portanto, os eventos geram riqueza no sentido que criam empregos, dinamizam a atividade económica local ligada, diretamente ou indiretamente, ao turismo (Zanini & Faria, 2003). Segundo NWHO (1999), os eventos têm impactos positivos e negativos (tabela 4) quer para a comunidade quer para o património cultural em si. Os impactos são muito importantes devido ao papel desempenhado pela cultura na comunidade e no seu quotidiano.

Tabela 4 – Impactos dos Eventos Turístico – culturais

Positivos	Negativos
<ul style="list-style-type: none"> • Orgulho da comunidade; • Sentimento de pertença coletiva e identidade local; • Promover o diálogo intercultural; • Incentivo ao artesanato; • Preservação e conservação do património; • Investimento em equipamentos e recursos; • Valorização do património local a nível interno e externo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Comercialização e vulgarização da cultura e das tradições; • Perda de identidade cultural; • Conflito entre os que beneficiam com o turismo e os que não beneficiam; • Por vezes, perda de acesso a determinados recursos, como as atrações culturais; • Perda de autenticidade e veracidade histórica; • Seleção de determinadas atrações culturais.

Fonte: adaptação própria com base em NWHO (1999)

Segundo Mayfield & Crompton (1995), os eventos que envolvam a população local podem ser interessantes para os turistas bem como os residentes através da recreação, da tradição e da promoção da identidade cultural. Para além de gerar receitas com atividade turística e consolidar o espírito e orgulho local através atração turística e tradicional oferecida. Os eventos têm que envolver todos os *stakeholders*, ou seja, articulação entre a comunidade local, os serviços ligados ao turismo, a organização e as entidades públicas. Sendo importante a formação dos habitantes para os motivar na participação no turismo tornando-os elementos essenciais na atividade turística (Richards & Wilson, 2007).

4.2.1. Eventos turísticos culturais: Comunidade local vs Turistas

De acordo com Wilkinson (1988:134) “os eventos de comunidades locais podem ser definidos como atividades estabelecidas para envolver a população local numa experiência compartilhada, visando seu benefício mútuo.”. O segredo para a comunidade aceitar um determinado evento é envolver a população na organização do mesmo e mostrar os benefícios que podem conseguir com o evento. (McCleary,1995).

Os eventos, como as festas populares, são benéficos para comunidade no sentido que existe um sentimento de partilha e de pertença, contacto com a diversidade cultural, comemoração da tradição e da identidade cultural (Getz, 1989; Dunstan, 1994), existe angariação de fundos, diversão social e divulgação cultural (Dimmock e Tiyce, 2001) e há promoção da região e estimulação do desenvolvimento económico (Getz, Anderson & Sheehan, 1998).

Para Dimmonck & Tiyve (2001) os beneficiados deste tipo de eventos são as entidades envolvidas na festa, e essas entidades são as seguintes: organizadores; comunidade; *staff* e voluntários; autoridades e agências; investidores e patrocinadores; turistas e participantes e outros como artistas, comunicação social, entidades relacionadas com o turismo. Os autores supramencionados referem ainda que pode não existir só benefícios pois os eventos têm custos e benefícios sociais, culturais, económicos, políticos e ambientais. A gestão do evento pretende que os custos sejam inferiores aos benefícios de forma a garantir o bem-estar e qualidade de vida das populações. Pois a “ (...) implementação de uma estratégia de desenvolvimento turístico (...) pressupõe uma outra capacidade de concertação, planeamento e execução das políticas públicas a nível regional, o que implica, por sua vez, um maior envolvimento de diversos agentes relevantes (públicos ou privados, Administração Central ou Autarquias, etc.)” (CCDR-N, 2006: 71-71).

Para Rushmann (1999) e Ignarra (1999) o turismo é benéfico ao local de destino pois aumenta o rendimento da população local, contribuindo para a expansão de outras atividades económicas como construção e a indústria, gera emprego tanto para população local como de fora do destino turístico, provoca uma mudança positiva na organização socioeconómica da região e estimula o investimento. Para além de permitir à população local promover, conservar e restaurar o património histórico e cultural, incentivando as pessoas locais no desenvolvimento e na promoção das tradições, criando um sentimento de pertença comum.

Os eventos turísticos culturais não possuem só vantagens pois atividade turística provoca o aumento da procura de emprego na atividade turística abandonando assim outras atividades, por exemplo, uma região em que atividade predominante é a agricultura, com o desenvolvimento do turismo, as pessoas tendem a abandonar a agricultura. Outra desvantagem é o facto de ter que importar certos produtos para ir ao encontro às necessidades dos clientes. Também o facto de a população ser dependente economicamente da atividade turística tem um impacto negativo com as épocas baixas, ou seja, é uma atividade sazonal pois existe uma concentração de turistas só em determinadas épocas do ano, existindo uma ausência de turistas em certas alturas (Rushmann, 1999; Ignarra, 1999).

A excessiva procura por certos produtos ou tradições locais pode provocar uma alteração na produção do produto ou uma alteração na forma de apresentação e organização de uma tradição para ir ao encontro aos interesses do ponto de vista turístico, ou seja, padronização do tipo de produto/bem local conforme a procura. Por vezes o impacto sociocultural pode ser o mais prejudicial na preservação da identidade cultural local devido á pressão que se exerce nos recursos locais (Ignarra, 1999). Outro impacto negativo é o choque de culturas, ou seja, o contacto entre pessoas com diferentes características sociais, económicas e culturais. (OMT, 1993). Ambos os impactos são fatores importantes para se ter um destino sustentável e competitivo e levam, por vezes, a alterações provocadas pelo aumento significativo da atividade turística (Rushmann, 1999).

Segundo Marques (2011) os eventos culturais ocorrem em locais particulares e momentos específicos, onde diversos agentes económicos têm interesse económico, cultural ou político no evento e existe um número significativo de assistências. Os eventos culturais como um produto turístico são benefícios para a região, ou seja, serem atrativos para os turistas. As características culturais são atrativos, segundo Dimmock e Tiyce (2001) trazem benefícios económicos para a população local. Getz (2001) indica o avanço e desenvolvimento cultural da população, o lazer e a comunicação e Raj (2003) refere o turismo e os benefícios socioculturais. De acordo com Cadima Ribeiro *et al* (2005) os eventos turísticos culturais são importantes na modificação e no dar 'nova vida' aos lugares, em diversos níveis (económico, social, paisagístico e cultural) e assim torna-se uma maneira de preservar e conservar o património local e dar outra imagem à comunidade.

Quando os impactos dos eventos começam a ganhar uma escala significativa dá-se por nome de turismo cultural. Onde existe uma partilha de experiências entre os turistas e os habitantes locais, tendo como foco o sentido de pertença e lugar (Derret, 2000). Portanto, a comunidade local é importante no desenvolvimento dos eventos turísticos com vertente cultural, no entanto, é essencial analisar os eventos no ponto de vista dos turistas. Os eventos turísticos devido às suas características e recursos são atrativos, conseguindo-se diferenciar e serem ao mesmo tempo singulares e únicos na oferta que proporcionam ao turista (Getz, 1991b).

Os turistas mudam as suas programações de viagem consoante os eventos pois preferem experimentar algo de novo e obterem um valor acrescentado à viagem (Getz, 2007). As pessoas que se interessam em conhecer e experimentar atividades culturais verdadeiras aderem aos eventos desse tipo, nomeadamente às festas populares e por isso é essencial aproveitar esse interesse dos turistas pois são uma atração singular (Getz, 2001 e 2007). Segundo Dimmonck & Tiyce (2001), os eventos culturais motivam o turista porque satisfazem o desejo de lazer e diversão, saem da rotina, conhecem e experimentam diferentes culturas e tradições, ou seja, promovem a diversidade cultural e o diálogo intercultural para além da experiência e do conhecimento adquirido através de uma comemoração única e especial.

O aumento da procura por eventos culturais tem provocado um crescimento de um tipo de turismo ligado à cultura, ou seja, os turistas optam pelo turismo que fornece experiências, conhecimento de saberes, valores e costumes, que transmite um sentido de pertença coletiva e de partilha de um sentimento comum (Urry, 1990 e Featherstone, 1994). Com isso pretende-se enaltecer o património, melhorar o bem-estar, qualidade de vidas das populações e ter experiências turísticas interessantes (Runa & Rodrigues, 1998).

Os eventos captam a atenção dos turistas porque possuem diversos benefícios como o turismo, o património, o crescimento socioeconómico; satisfazem os desejos em relação às atividades relacionadas com o lazer e turismo; permitem a partilha, alegria, o contacto, ou seja, o espírito de festividade; desenvolvimento de experiências singulares e únicas; transmitem o autêntico e o simbolismo dos valores de uma cultura; impulsionam o acolhimento; incentivam à construção de infraestruturas e desenvolvimento de atividades de lazer; preservam a tradição e estimulam a flexibilidade do mercado turístico (Getz, 2001). Para além dos turistas procurarem

aquilo é verdadeiro e histórico e isso transformou-se numa vantagem para a atividade turística (Raposo, 2002).

Para Andrade (1999:31) os “ (...) eventos constituem parte significativa na composição do produto turístico, atendendo intrinsecamente às exigências de mercado em matéria de entretenimento, lazer, conhecimento, descanso e tantas outras motivações.”. Por isso, “ (...) casa vez mais, as empresas estão a refletir sobre a realização de encontros através de um processo de avaliação de necessidades. Esta procura garante que haja uma compreensão de todos os participantes quanto às questões e aos objetivos dos encontros propostos e que fiquem claramente definidos os critérios para avaliar o sucesso ou a eficácia dos eventos.” (OMT, 2003:145). Isto quer dizer que se deve manter “ (...) a aposta na dinamização de um calendário de eventos que assegure a notoriedade do destino e o enriquecimento da experiência do turista deve ser mantida.” (Turismo de Portugal, 2011: 44).

4.2.2. Gestão e planeamento de eventos turístico-culturais

Segundo Inskeep (1991:461) o desenvolvimento sustentável do turismo é “ (...) uma forma de conhecer e satisfazer as necessidades presentes dos turistas e das regiões receptoras, protegendo e garantindo as oportunidades futuras (...)”. Sendo assim, a OMT (2003) refere que a gestão e o planeamento do turismo terá de ter em conta um modelo de desenvolvimento económico que permita melhorar a qualidade de vida das populações e que traga benefícios económicos e sociais para as empresas e para os habitantes. A atividade turística estimula a capacidade de gerar receita e empregos a nível regional, ou seja, o turismo é um setor que estimula o desenvolvimento de outros setores económicos, como por exemplo, o comércio. Existe um efeito multiplicador e a economia local só terá vantagens se conseguir reter essas vantagens que gera e por isso o planeamento turístico é importante para o desenvolvimento local (Costa *et al.*, 2004).

Para Ladeiras *et al* (2005), o planeamento turístico é desenvolvimento de medidas que maximizem os benefícios e as oportunidades que são oferecidos pela situação social, económica e cultural onde se insere. Segundo Brito & Silva (2005:12) “ (...) é fulcral um processo de planeamento que consiga promover a rentabilização dos recursos turísticos, de uma forma sustentada (...) a intensidade e o ritmo de desenvolvimento do setor têm imposto a necessidade de organizar e de administrar no sentido da redução dos impactos negativos e da ampliação das suas mais-valias.”. Estando patente que, “o planeamento, numa postura de profissionalismo e de respeito pelos lugares e pelas suas

gentes, é uma ferramenta fundamental para a continuidade do turismo numa ótica de qualidade.” (Brito & Silva, 2005: 19). O desenvolvimento sustentável da atividade turística diz respeito à execução de atividades que têm como fim a satisfação de necessidades, contribuindo para uma melhor qualidade de vida da população local (Mota, Ladeiras & Costa 2007). Deve-se, então, estabelecer objetivos sustentáveis e corretos de forma a desenvolver um planeamento turístico que permita aquisição de vantagens competitivas em relação à concorrência (Mota, Ladeiras & Costa, 2007). Para Vieira (2007:33), “ (...) o planeamento do desenvolvimento em geral e o turístico em particular é um processo de decisão que permite conceber e organizar um futuro coletivo desejado, atuando sobre a realidade numa abordagem multidisciplinar e concretizando um projeto de desenvolvimento socialmente justo (...) ” porque o “ (...) turismo é uma das atividades motoras da economia-mundo e um fator impulsionador e facilitador da globalização.” (Cavaco & Simões, 2009: 16).

Segundo Getz, (1991a), André *et al.* (2003) e Garcia Hernandez *et al.* (2003), ao nível de gestão e estratégia de planeamento, os eventos turísticos culturais são considerados importantes devido às seguintes alíneas: a) Atraem turistas aumentando os benefícios sociais, culturais e económicos; b) Ter em conta na escolha das atividades turistas de forma a serem estimulantes e agradáveis para os turistas e que dê vontade de repetir. Existindo uma utilização eficiente e eficaz dos equipamentos e na maximização das receitas. c) São atrativos para atividades económicas ligadas, diretamente e indiretamente, ao turismo provocando uma maior diferenciação e diversificação na oferta.

Para Long & Perdue (1990) os eventos estimulam o contacto entre turistas e habitantes e a transmissão de conhecimento. O setor de eventos turísticos é dinâmico e sustentável, principalmente, os eventos culturais pois existe um contacto e uma procura de experiências entre turistas e a população da comunidade (Getz, 2001). Nesse sentido, Raj (2003) refere que os eventos culturais são atrativos porque desenvolvem uma imagem, geram fluxo económico, combatem as épocas baixas de turismo, promovem o desenvolvimento e o crescimento local e das empresas da região e são a âncora para as atividades económicas essenciais. Já Schofiel & Thompson (2005) referem que os eventos são atrativos e fomentam o lazer, ou seja, os eventos são fundamentais para o desenvolvimento local pois contribuem a nível económico e social para além de criar um sentimento de pertença e de identidade sendo um elo de ligação do turismo às restantes atividades económicas. Consiste num elemento essencial na definição de

políticas de gestão e planeamento turístico de forma a aumentar a competitividade e a atratividade dos destinos turísticos (Enright & Newton, 2005).

A estratégia turística da região “ (...) deve contemplar e beneficiar democraticamente as comunidades locais (...) ” (Beni, 2007:138). Portanto, é necessário formar a população local e, assim, estimular o interesse das pessoas pelo turismo e fazer deles produtores de atrações turísticas (Richards & Wilson, 2007). Segundo Ruschmann (2008) deve existir uma interação entre os turistas e a população responsável de forma a permitir um contacto a nível social, cultural e ambiental equilibrado. No entanto, para garantir este equilíbrio é necessário planear e gerir de forma sustentável e na linha de pensamento de Carvalho (2009) o planeamento, no turismo, ocupa um lugar de destaque na definição e implementação de objetivos e estratégias de desenvolvimento sustentável. A importância e atenção dada à gestão dos destinos relacionados com o património cultural imaterial, o espírito do lugar, os fatores endógenos de um lugar e o desenvolvimento de uma imagem dos destinos turísticos têm aumentado ao longo dos últimos anos (Carvalho,2011).

4.3. Síntese do capítulo

Neste capítulo demonstrou-se a importância dos eventos turístico-culturais para o desenvolvimento da comunidade, nomeadamente as festas populares. As festas populares poderão proporcionar uma melhor qualidade de vida à população local e estimular a conservação do património cultural imaterial. Sendo essencial um planeamento sustentável para o evento turístico ser benéfico tanto para a comunidade local como para o turista. Ter uma especial atenção e cuidado de não tornar os eventos turístico-culturais banais. O capítulo seguinte refere-se à metodologia aplicada na presente dissertação.

Capítulo V - Metodologia

5.1. Investigação na área do turismo

A pesquisa em turismo permite a “ (...) formulação de perguntas, a metódica recolha de informação para responder a essas mesmas perguntas e a organização e análise dos dados com a finalidade de obter informações sobre o comportamento, relações e tendências que ajudem ao entendimento do sistema, tomada de decisões ou a construção de previsões com base em vários cenários de futuro.” (OMT, 2001:4). Podemos interpretar isto como facto de a pesquisa, em turismo, ter de conjugar a parte teórica com a prática, ou seja, ter por base uma questão que dá origem a um problema, que para o resolver necessitamos de recolher e analisar dados.

No estudo na área do turismo, a metodologia deve ser escolhida consoante os objetivos sendo que o “ (...) processo de investigação em turismo consiste num conjunto de métodos empírico-experimentais, procedimentos, técnicas e estratégias para obter um conhecimento científico, técnico e pratico dos factos e realidade turísticas.” (OMT, 2001:5).

A investigação nesta área contribui para resolver problemas, interpretar e perceber fenómenos atuais e desenvolver previsões que ajudem nas definições de políticas e medidas para fornecer às entidades ligadas ao turismo um *know-how* que as torne mais competitivas em relação à concorrência. Todo o desenvolvimento teórico em torno do turismo permite o desenvolvimento de novas ideias promovendo a inovação que é uma vantagem competitiva para atividade turística (OMT, 2001).

5.2. Questões de partida e objetivos

O presente estudo pretende refletir sobre as festas populares, enquanto património cultural imaterial, no âmbito turístico, no concelho de Guimarães. Assim sendo, a temática que nos propomos estudar, assenta em duas grandes vertentes, das quais contemplam: o património cultural imaterial e a sua relevância no planeamento e gestão económico-social e territorial e por outro lado as Festas Nicolinas enquanto património imaterial identitário de uma comunidade. Portanto, o objetivo central é dar resposta a seguinte questão: Em que medida os planos e as medidas desenvolvidas pelas entidades públicas e as associações envolvidas com as Festas Nicolinas têm contribuído para a

valorização turística deste património imaterial e para a manutenção e preservação da sua identidade e autenticidade?

Objetivo geral:

- Verificar como os planos e as ações/medidas desenvolvidas pelas entidades públicas e as associações envolvidas com as “Festas Nicolinas”, no concelho, têm contribuído para a valorização turística deste património imaterial e para a manutenção e preservação da sua identidade e autenticidade.

Objetivos específicos:

- Proceder à revisão da literatura em domínios temáticos tais como turismo, cultura, património imaterial, planeamento e gestão turísticos, entre outros;
- Identificar e analisar os principais instrumentos de planeamento com repercussões na valorização das Festas Nicolinas do concelho, no que respeito ao turismo cultural (turismo associado às festas populares);
- Verificar o papel das festas populares no desenvolvimento do turismo cultural, no concelho de Guimarães, nomeadamente as Festas Nicolinas;
- Averiguar em que medida as Festas Nicolinas, enquanto património imaterial, se identificam com os critérios de classificação de Património Oral e Imaterial da Humanidade da UNESCO;
- Determinar de que forma as entidades públicas possuem uma dinâmica interventiva valorizadora nas “Festas Nicolinas”, do ponto de vista turístico;
- Averiguar através de que tipo de intervenção a associação dos AAELG/VN contribui para a valorização das Festas Nicolinas.

No seguimento da questão de partida e dos objetivos estabelecidos definiu-se a hipótese se o papel das entidades públicas e das associações envolvidas nas Festas Nicolinas contribui para a sua preservação e valorização turística.

5.3. Processo de investigação

A metodologia tem perceptíveis regras que auxiliam a investigação, ou seja, é como um guia orientador para se conseguir obter conhecimento. Está relacionado com a forma de

abordagem efetuada na investigação, isto é, a metodologia escolhida está diretamente ligada aos objetivos da investigação (Lalatos & Marconi (1991).

“ (...) A finalidade da atividade científica é a obtenção da verdade, através da comprovação de hipóteses, que, por sua vez, são pontes entre a observação da realidade e a teoria científica, que explica a realidade. O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do cientista.” (Lakatos & Marconi, 1991:40).

O objetivo dos investigadores na área social é entender os fenómenos e, por isso, é necessário que a recolha de dados consiga demonstrar o fenómeno de maneira clara (Quivy & Campenhoudt, 1998). Assumindo que “ (...) a investigação é um processo (...) que pode ser ainda associada a uma estratégia. Trata-se de escolher o melhor caminho (método) a percorrer, numa miríade de pequenas e grandes decisões orientadas para o melhor alcance dos objetivos mediante uma otimização dos recursos mobilizados e disponíveis.” (Gonçalves, 1998:105). Para Quivy & Campenhoudt (1998) o processo de investigação reparte-se em 3 fases e implica 7 etapas (tabela 5).

Tabela 5 – Etapas do processo de investigação

Fases	Etapas	Designação	Características
Fase 1 Rutura	Etapa 1	Questão de partida	Inicia a investigação, isto é, uma questão que vá ao encontro aos objetivos do estudo. Para Cruz Neto (2002:52) questionar “é que nos permite ultrapassar a simples descoberta para, através da criatividade, produzir conhecimentos.”
	Etapa 2	Exploração	Leitura de bibliográfica de suporte e desenvolvimento do projeto de estudo (Minayo, 2002).
	Etapa 3	Problemática	Abordagem teórica enquadrada com a questão de partida.
Fase 2 Construção	Etapa 4	Definição da metodologia	Explicação teórica da forma como será realizado o trabalho na prática.
Fase 3 Verificação	Etapa 5	Recolha de dados	Seleção dos métodos, mais adequados, de recolha de dados. Realização de entrevistas, análise de documentos e bibliografia sobre ao assunto, etc. (Minayo, 2002).
	Etapa 6	Análise dos dados	Organizar os dados recolhidos e analisá-los, ou seja, ordenar, classificar e analisar os dados obtidos (Minayo, 2002). Para Gomes (2002:68) “...análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa.”
	Etapa 7	Conclusão	Realização das conclusões do estudo e sugestões para futuras investigações bem como limitações encontradas no estudo em causa. Ou seja, relacionar a revisão de literatura com o estudo realizado no terreno (Minayo, 2002).

Fonte: adaptação própria com base em Quivy & Campenhoudt (2008)

O método consiste numa linha orientadora e auxiliar à investigação que de acordo com Pardal & Correia (1996:10), baseia-se “ (...) num conjunto de operações, situados a

diferentes níveis, que tem em vista a consecução de objetivos determinados (...) que torna possível a seleção e a articulação de técnicas, no intuito de se poder desenvolver o processo de verificação empírica.”.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), os métodos são construídos por dois grupos, método qualitativo e método quantitativo. O primeiro consiste em entender as características, bem como ordenar e classificar um determinado fenómeno, ou seja, estudo de um caso em particular pode ser em grupo ou individual. Portanto, o método qualitativo tem em conta o que não é entendido a nível estatístico, por exemplo, os significados, experiências, quotidianos, valores, comportamentos, entender certas instituições, entre outros (Minayo, 2002). O segundo usa dados quantitativos tanto ao nível de recolha dos dados como na análise e tratamento dos mesmos. Ou seja, uso de técnicas estatísticas como por exemplo, média e desvio padrão e entre outras (Minayo, 2002).

Os métodos usados podem basear-se na recolha de dados primários e/ou secundários. Sendo que os segundos, em termos de tempo de recolha podem ser conseguidos de forma mais rápida. Enquanto, os dados primários consistem na recolha de dados por pesquisa direta, ou seja, caso adquiridos no trabalho de campo através da pesquisa e observação. Os dados secundários definem-se por serem de forma indireta, isto é, informação já existentes, por exemplo, a pesquisa documental e bibliográfica visto que não foram desenvolvidos com a investigação (Minayo,2002).

Para o estudo de caso recorreremos ao método qualitativo, nomeadamente através do recurso a inquérito por entrevista. Para Lakatos & Marconi (2001:195), a entrevista “ (...) é um procedimento utilizado na investigação social, para recolha de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.”. Segundo Yin (2009:106) entrevistas “ (...) são umas das mais importantes fontes de informação de um estudo de caso.”. Pois os “ (...) entrevistados bem informados podem fornecer importantes perceções sobre esses assuntos ou eventos. Os entrevistados também pode fornecer atalhos para a história prévia de tais situações, ajudando-o a identificar outras fontes relevantes de provas.” (Yin, 2009: 108).

Segundo Lakatos & Marconi (1996) existe três tipos de entrevistas:

- Estruturada: quem entrevista tem um guião estabelecido onde respeita a ordem, não pode acrescentar ou retirar perguntas;

- Não estruturada: quem entrevista desenvolve as perguntas conforme as situações;
- Semiestruturada: quem entrevista tem um guião pré estabelecido mas, as perguntas não tem ordem definida e pode ser acrescentadas perguntas consoante as respostas dos entrevistados.

No âmbito da investigação em causa, realizou-se entrevista semi-estruturadas e para isso utilizou-se a técnica de amostragem *snow-ball* (bola de neve). As entrevistas semi-estruturadas consistem no investigador dispor de um conjunto de questões guia. No qual, não coloca as perguntas, necessariamente, pela ordem que formulou. O investigador encaminha a entrevista, de maneira o entrevistado não se afaste dos objetivos da entrevista (Quivy & Campenhoudt, 2008).

5.3.1. Análise qualitativa

Segundo Minayo (1992) o objetivo da análise qualitativa é perceber os dados recolhidos, confirmar se os dados obtidos estão de acordo com os objetivos definidos e aumentar a informação sobre o tema. A investigação social consiste numa aproximação à realidade. Nesse sentido, Almeida (1996) considera que análise qualitativa consiste na análise de dados que são recolhidos através de técnicas como entrevistas, observação, análise de bibliográfica e documental, entre outras. Para Minayo (2002), a preocupação é analisar as relações sociais, compreender as diferenças e particularidades dos fenómenos. No seguimento, Gomes (2002) refere que a preocupação do investigador é a fidelidade e transparência do conteúdo, ou seja, que a interpretação dos dados seja autêntica.

De acordo Minayo (1992), a interpretação pode ser definida em duas partes. Em primeiro, caraterizar a nível socioeconómico e cultural a região em que o fenómeno se insere, descrever a evolução e a história do fenómeno. Em segundo lugar, analisar os dados recolhidos na investigação. Portanto, colocam-se os dados por ordem, ou seja, desenvolve-se um mapa dos dados recolhidos na investigação no terreno. Classificam-se os dados, através da atribuição de categorias. Por fim, realiza-se a análise conclusiva, ligando os dados com abordagem teórica, tendo em conta os objetivos estabelecidos, ou seja, articular a teoria com a prática.

Para Yin (2003), analisar os dados tendo por base a transparência e clareza, introduzir todas as possíveis alternativas importantes para a análise, considerar os aspetos mais

importantes do estudo e enquadrar a prática com a teoria, ou seja, utilizar a componente teórica para analisar a informação. Sendo que, a autora supramencionada, reforça a ideia que as conclusões retiradas da análise dos dados recolhidos na investigação devem ser enfrentadas como algo momentâneo.

5.3.1.1. Estudo de caso

Esta investigação refere-se ao fenómeno das festas populares, nomeadamente, as Festas Nicolinas e por isso abarca um público específico, sendo assim, o estudo de caso é o método mais indicado para levar a cabo o estudo. Segundo Almeida (1996), o estudo de caso consiste na recolha e análise de dados informativos sobre o estudo em causa.

O estudo de caso define-se por ser “ (...) uma investigação científica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do contexto da vida real, especialmente quando os limites entre fenómeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência (...) e beneficia-se do desenvolvimento prévio de preposições teóricas para conduzir a coleta e análise dos dados.” (Yin, 2001: 32-33).

Para Bell (2002), este tipo de método facilita a investigação de casos particulares e de analisar de forma mais intensa ou não, determinados aspetos do estudo. O principal benefício deste método é o investigador conseguir analisar, através da interação, um problema em particular.

5.3.1.2. Método de amostragem *snow-ball*

Amostra, em termos estatísticos, é uma parte útil da população, existem dois tipos de amostra: amostra probabilística (amostragem aleatória) e a não probabilística (amostragem dirigida). A primeira consiste no facto de cada elemento da população ter a probabilidade em integrar a amostra, ou seja, análise realizada com base em dados estatísticos. E a segunda em dados recolhidos a partir da população em análise sendo que nem todos os elementos da população conseguem ser incluídos na amostra (Marconi & Lakatos, 1996).

A técnica metodológica *snow-ball* (“bola de neve”) é um tipo de amostra não probabilística (amostra dirigida) usada nas investigações de âmbito social. Este tipo de técnica é utilizada no estudo de características específicas e raras da população, que existe uma primeira escolha de uma população para o estudo e que a segunda tem por base os dados fornecidos na primeira escolha. Portanto, o investigador, numa fase

inicial, identifica um conjunto de elementos que tenha as características pretendidas ou que consiga indicar mais elementos. É um tipo de amostra intencional, em que é pedido aos indivíduos que indiquem outros indivíduos importantes para o estudo e, assim, amostra cresce, como uma “bola de neve”. Esta técnica é benéfica quando a população estudada é pequena e muito particular, a principal desvantagem é o facto de os indivíduos referirem outros indivíduos com a mesma opinião podendo provocar resultados enviesados (Vicente, 2012).

Através do método *snowball*, optou-se por entrevistar as entidades ligadas ao turismo e à organização e preservação das Festas Nicolinas entre elas a Câmara Municipal de Guimarães, Responsável técnico do turismo de Guimarães e as associações Nicolinas (vide em anexo I). O guião da entrevista (vide em anexo II), constituído por sete questões, foi desenvolvido tendo patente a revisão de literatura realizada e os objetivos, tanto gerais como específicos, pretendidos com a investigação.

5.3.1.3. Análise documental e bibliográfica

A pesquisa é um “ (...) método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdade parciais.”. (Lakatos & Marconi (1987:15). Para Cruz Neto (2002), a análise bibliográfica confronta os objetivos do investigador e os autores que pesquisaram sobre o assunto. O recurso a esse tipo de documentos aumenta a perceção da investigação pois permite analisar os quotidianos.

A análise documental passa pela escolha e levantamento de um conjunto de documentos sobre o assunto de forma ao investigador ter contacto com a bibliografia já existente (Cruz Neto, 2002). Podemos recorrer a dados primários, nomeadamente a arquivos das bibliotecas municipais, de intuições públicas e privadas e dados estatísticos. Podemos mencionar documentos como fotos, livros, jornais e revistas, desenhos, gravações áudio e vídeo, etc. (Cruz Neto, 1996). A pesquisa de artigos sobre o estudo em causa é importante pois, segundo Almeida (1996:195), “ (...) visa identificar a opinião de uma comunidade, constatar as falhas, descrever condutas e reconhecer interesses e outros comportamentos, para a tomada de decisões.”.

Recolha de diversa informação, alguma com alguns anos, é interessante para a investigação. Pois a análise documental pretende verificar e analisar documentos sobre o tema em investigação (Bell, 1993). E como diz Pardal & Correia (1995:49) “ (...) não há ciência sem observação, nem estudo científico sem um observador.”.

Análise documental foi elaborada como suporte às perguntas realizadas nas entrevistas demonstrando a longevidade das festas e a sua importância local.

5.3.1.4. Observação

A pesquisa por observação é espontânea e direta pois ocorre no local onde aconteceu o caso em estudo. Para Cruz Neto (2002:59) “ (...) é um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado facto. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.”. A observação “diretamente na própria realidade, transmite o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.”. (Cruz Neto, 2002:60). Essa observação é acompanhada por aquilo que chamamos de diário de bordo que é pessoal e intransmissível. Quanto mais específicas e particulares forem as notações mais importantes e essenciais serão ao descrever e analisar os dados recolhidos para o estudo (Cruz Neto, 2002). A observação consiste em recolher os dados no momento que o fenómeno está acontecer naturalmente, ou seja, adquirir informações sobre os fenómenos através daquilo que vemos, ouvimos e analisamos (Lakatos & Marconi, 1996).

A visualização dos diferentes números nicolinos foi importante e essencial para a própria compreensão do conceito e da essência das Festas Nicolinas.

5.3.1.5. Fichas etnográfica

O estudo etnográfico é recente e consiste numa análise ao estudo de caso na ótica etnográfica, ou seja, interpretação dos dados recolhidos do ponto de vista etnográfico (André, 1995).

A investigação etnográfica deve ser utilizada “ (...) (1) quando se está interessado numa instância particular (...); (2) quando se deseja conhecer profundamente essa instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; (3) quando se estiver mais interessado naquilo que está a ocorrer e no como está a ocorrer os seus resultados; (4) quando se procura descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenómeno e (5) quando se quer retratar a dinâmica de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural.” (André, 1995:51-52).

Para Almeida (1996), a análise etnográfica define-se por ser descritiva e comparativa de valores, costumes, semelhanças e diferenças, utilizando documentos sobre o assunto, por exemplo, na investigação etnográfica de uma determinada tradição, o investigador tenta perceber os costumes, o comportamento, as cerimónias realizadas, etc. “O que

atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecimento, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho.” (Cruz Neto, 2002:64).

A construção de fichas etnográficas foi um suporte importante às entrevistas realizadas no sentido de perspetivar a evolução e os marcos históricos das Festas Nicolinas.

5.4. Trabalho de campo

No âmbito deste trabalho de campo foram realizadas um conjunto de 5 entrevistas, presenciais entre Junho de 2013 e Novembro de 2013. A informação recolhida foi gravada através de um dispositivo de áudio e escrita. A escolha dos entrevistados está relacionada com a sua intervenção na área do turismo na cidade de Guimarães e com a organização e preservação das Festas Nicolinas. Em primeiro lugar foi entrevistado Vítor Marques responsável técnico pelo turismo de Guimarães, na Câmara Municipal de Guimarães. Seguindo-se Francisca Abreu, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Guimarães. Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN), Miguel Bastos (Primeiro-secretário da AAELG/VN) e Ricardo Gonçalves (2º vogal da AAELG/VN) da Associação dos Antigos estudantes do Liceu de Guimarães/ Velhos Nicolino (AELG/VN), entrevista realizada, na Torre dos Almadas, sede da Associação. Miguel Coelho Lima (Presidente da ACFN) e André Coelho Lima (Presidente da Assembleia-Geral da ACFN), entrevista realizada na sede da Associação da Comissão das Festas Nicolinas. Foi contactada ainda a Irmandade de S. Nicolau mas, no entanto não nos foi possível a realização da entrevista por falta de resposta ao contato realizado (vide em anexo I). A análise das entrevistas assentou na metodologia denominada análise de conteúdo.

Paralelamente, foi realizada uma recolha documental e bibliográfica para analisar cada número nicolino com o intuito de analisar a história e evolução do mesmo, através da conceção de fichas etnográficas. As fichas são relativas aos números nicolinos: Pinheiro, Novenas, Posses e Magusto, Roubalheira, Pregão, Maçãzinhas, Danças de S. Nicolau e Baile nicolino. Em cada ficha existe referência a um conjunto de itens, nomeadamente nome do número nicolino; dia de realização; local realização; principais características; utensílios/acessórios; toques; expressões/ relatos. A análise documental e a elaboração das fichas etnográficas. Numa perspetiva periódica, a análise contemplou apenas um espaço temporal de 5 em 5 anos, com início do estudo documental em outubro de 2013 a fevereiro de 2014. Importa realçar que os números nicolinos não

começaram todos ao mesmo tempo e que devido a problemas políticos e socioeconómicos, existem anos em que os números nicolinos realizaram-se um pouco às escondidas e sem divulgação.

5.5. Síntese do capítulo

Com este capítulo pretendemos mostrar a metodologia utilizada, nomeadamente os métodos e as técnicas utilizadas da investigação bem como mostrar o caminho percorrido na dissertação. O próximo capítulo refere-se a valorização turística do património cultural imaterial: O caso das Festas Nicolinas.

Capítulo VI – A valorização turística do património cultural imaterial: O caso das Festas Nicolinas

6.1. Planeamento e Gestão do Turismo da Região Norte

No PENT e suas revisões de 2011 e 2013 está visível a identificação do turismo como um setor estratégico para a economia nacional e regional. Para a NUT II Norte essa importância está definida explicitamente se considerarmos que a Resolução do Conselho de Ministros nº53, de 4 de abril de 2007, distingue o setor do turismo como sendo prioritário e estratégico para Portugal, pois contribui para o aumento das receitas externas, combate ao desemprego e ao défice da balança comercial. Para além de que contribui para gratificação da imagem de Portugal e para a valorização, conservação e proteção do património cultural (Turismo de Portugal, 2007; 2011:2013a; 2013b).

A atenção dada ao turismo, nomeadamente da região norte, tem aumentado e com isso definiram-se objetivos e medidas estratégicas de forma a ampliar a qualidade, inovação e competitividade do setor do turismo. A vertente cultural do turismo tem um papel importante nas políticas estratégicas valorizando assim o património cultural, imaterial e material, da região. O turismo é importante a nível estratégico para o desenvolvimento socioeconómico e cultural de Portugal e para a criação de postos de trabalho (Turismo de Portugal, 2007; 2011:2013a; 2013b).

6.1.1. Planeamento e Ordenamento do Território e o Turismo Cultural: PROT-Norte.

De acordo com CCDR-N (2008a:22) os “(...) destino turístico não acontece apenas pelos atributos de uma Região, sejam eles paisagísticos, culturais ou outros, ou pela simples promoção desses mesmos atributos, mas que os destinos se consolidam a partir das potencialidades regionais e, deste modo, da estruturação da oferta”. E assim sendo “... o planeamento turístico integrado constitui um elemento fundamental para a qualificação e articulação destas componentes de forma a atingir-se uma oferta turística sustentável e de qualidade.” (CCDR-N, 2008a:74).

“O processo de valorização do Norte de Portugal depende hoje tanto da evolução favorável da produtividade da sua economia como da capitalização de fatores não tangíveis ou imateriais, que remetem para elementos simbólicos produtores de ‘marcas’ e de ‘identidades’, com um elevado potencial de internacionalização.” (CCDR-N, 2006:58). “A existência na Região do Norte de um conjunto, ainda que disperso e pouco

estabilizado, de sectores, criadores e empresas ligados à produção/distribuição cultural, arquitetura, museologia e património, *design*, audiovisual e cinema, moda, artes do espetáculo, mas também ao multimédia e ao software de entretenimento (...)” (CCDR-N, 2006:59). “Os atores regionais encontram-se mais fortemente implantados nas cidades do Porto, Braga e Guimarães, estendendo-se todavia pela região no caso de certas áreas de atividade, como as artes e os espetáculos ou o artesanato.” (CCDR-N, 2006:59).

O turismo cultural é um produto turístico prioritário da região Norte, distingue-se pela multiplicidade de cidades e locais históricos, gastronomia, festas populares, artesanato e entre outros. E por isso torna-se importante a valorização turística dos produtos histórico-culturais bem como a componente turística das cidades e dos locais, apoio à produção artesanal e promoção polos de venda de forma a cativar o turista, desenvolvimento de rotas turísticas com vertente cultural e criação de pacotes turísticos (CCDR-N, 2006). Segundo CCDR-N (2008a) os objetivos definidos Tiveram como finalidade os seguintes itens: 1) Avaliar e valorizar os recursos e estimular a criação e manutenção das infraestruturas e recursos locais de suporte ao turismo; 2) Desenvolver as atrações turísticas de qualidade e sustentáveis, como por exemplo alojamento e lazer indo ao encontro às necessidades dos turistas; 3) Promover a formação das pessoas; Estimular a oferta turística promovendo os produtos turísticos do Porto e Norte de Portugal. 4) Impulsionar o turismo através do acompanhamento, dinamização e informação.

A CCDR-N (2008) reconheceu como prioritários, para o Norte, os seguintes produtos turísticos: turismo de negócios, *city break*, turismo de natureza e aventura, turismo rural, enoturismo, turismo de saúde, turismo histórico-cultural e o Golfe. Para CCDR-N (2008a:81) “ (...) o Norte de Portugal deverá ser uma das regiões de maior crescimento turístico no país, através de um processo de desenvolvimento sustentável baseado na qualificação, na excelência e na competitividade e inovação da sua oferta turística, transformando o Turismo como um fator de desenvolvimento e diversificação da economia regional.”.

6.1.2. Planeamento Turístico: Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT) e o Turismo Cultural (touring e city breaks).

A nível mundial, o turismo tem crescido significativamente e, com isso, aumentou a importância do seu papel na atividade económica mundial, tornando-se um setor

estratégico (UNWTO,2013). Em 2007, foi aprovado o PENT que reconhece o papel importante e significativo do turismo na economia de Portugal, uma vez que gera riqueza e criação de postos de trabalho (Turismo de Portugal, 2007). O PENT estabelece as linhas de orientação estratégicas no que respeita às medidas e políticas relacionadas com o turismo, visa desenvolver condições para que o turismo possa contribuir de forma positiva para a qualidade de vida da população portuguesa, nomeadamente, através da criação de riqueza, da criação de emprego e da promoção da coesão nacional.

O PENT possui por base cinco áreas de intervenção: território, destinos e produtos; marcas e mercados; qualificação de recursos; distribuição e comercialização; inovação e conhecimento. Segundo Turismo de Portugal (2007), Portugal apresenta um conjunto de características, como clima, património histórico-cultural e paisagístico, tradição e a hospitalidade que permite o desenvolvimento de produtos turísticos interessantes. Os 10 produtos estratégicos, de Portugal, são os seguintes: Sol e Mar; Touring Cultural e Paisagístico; *City Break*; Turismo de Negócios; Turismo de Natureza; Turismo Náutico; Saúde e Bem-estar; Golfe; *Resorts* integrados e turismo residencial; Gastronomia e vinhos.

Em 2011, foi apresentada uma proposta revisão para o PENT tendo como objetivo o aumento da competitividade e o crescimento sustentável. Segundo Turismo de Portugal (2011), os objetivos estão assentes em 11 linhas de desenvolvimento do turismo:

- Sustentabilidade como modelo de desenvolvimento: contribuir para o desenvolvimento económico e social das comunidades locais; preservar e potenciar o património histórico-cultural; assegurar a sustentabilidade económica do turismo; maximizar benefícios para o ambiente e reduzir impactos negativos; mercados emissores: mercados estratégicos (Espanha, Reino Unido, Alemanha e França); Mercados em crescimento (Escandinávia, Holanda, Itália, Brasil, EUA; Irlanda, Bélgica e Suíça); Mercados de diversificação (Polónia, Áustria, Canadá, Republica Checa e Rússia).
- Acessibilidades aéreas: reter e maximizar ocupações das ligações atuais; angariar novas rotas; reforçar frequências em rotas atuais.
- Os 10 produtos estratégicos definidos no PENT em 2007 mantêm-se (sol e mar; golfe; turismo de negócios; *city break*; *touring*-turismo cultural e religiosos; *resorts* integrados e turismo residencial; turismo de natureza; Saúde e bem-estar; náutico e cruzeiros; gastronomia e vinhos):

- Na região do Porto e do Norte de Portugal, os produtos valorizados estrategicamente são *Touring* - Turismo cultural e religioso (desenvolver itinerários experienciais que mostrem a variedade patrimonial da região) e *City Break* (juntar eventos, cultura e itinerários como forma de atrair turistas).
- Promoção e distribuição: desenvolvimento da promoção e distribuição (aposta na via *online*: desenvolver *sites* de turismo, estimular as redes sociais, criar blogues especializados, proporcionar informação em sites externos e potenciar as newsletters eletrónicas; adequação do *mix* de instrumentos: facilitar o maior retorno do investimento e aumentar o crescimento dos meios de promoção, promovendo a promoção de produtos estratégicos; realocação do mercado: direcionar o investimentos em promoção para mercados em crescimento).
- Experiências e conteúdos: autenticidade histórica e cultural (estimular a herança e identidade cultural e transmitir a autenticidade das tradições de forma a proporcionar ao turista uma experiência autêntica); escolha e personalização (aposta numa oferta personalizada e variada de forma a facilitar a escolha do turista); Diversidade (promover e elevar a diversidade de cada região); eventos (promover eventos ao longo do ano, com variedade e qualidade); património e história (desenvolver os produtos tradicionais; estimular a compreensão do património cultural e histórico; criar rotas turísticas que mostrem o património cultural material e imaterial e proporcionar eventos que recriem passagem históricas); recursos naturais (desenvolver rota de turismo cultural e religioso e atividades ligadas à natureza); cultura e costumes regionais (festas, romarias, folclore, artesanato, ou seja, fomentar as atividades tradicionais).
- Eventos: megaeventos (potenciam a projeção do destino e a reestruturação da oferta. Fomentar os megaeventos internacionais e estimular a promotores nacionais a participar nesses eventos); grandes eventos promocionais (atração de turistas e suporte ao turismo de negócios e privilegiar os produtos e conteúdos regionais); animação local (promover os eventos locais das principais zonas turísticas)

Estes eventos trazem notoriedade internacional, captam turistas internacionais, requalificam a oferta e fomentam as experiências distintas e marcantes para os turistas e, por isso, é importante a qualidade urbana, ambiental e paisagística através da promoção da atratividade dos destinos turísticos, ou seja, estimular a conservação e preservação de zonas turísticas atuando em áreas como urbanismo, ambiente e paisagem. A qualidade de serviço e dos recursos humanos: normas de qualidade (certificação dos agentes ligados ao turismo), sistemas de qualificação da oferta (requalificação da oferta turística), satisfação dos turistas (desenvolver um sistema de controlo da satisfação dos turistas) e formação dos recursos humanos (alavancar a mudança competitividade da atividade turística). A eficácia e modernização da atuação dos agentes públicos e privados: qualificar os recursos humanos, simplificar processos; conhecimento dos mercados, criar registo nacional do turismo, desenvolver competências em tecnologias de informação e venda *online* e colaboração entre agentes com objetivo de obter vantagens competitivas (Turismo de Portugal, 2011).

“Num contexto cada vez mais competitivo onde o tempo para agir é cada vez mais curto, a execução com sucesso das linhas de orientação estratégica implicará um grande rigor, proatividade e concertação de esforços por parte de todos os agentes do setor.” (Turismo de Portugal, 2011:11).

Segundo Turismo de Portugal (2011:24) vai ser dada uma especial atenção “ (...) sobretudo ao nível da procura externa onde Portugal tem de reforçar a trajetória interrompida pela crise e compensar a recente desaceleração.” Sendo que as “(...) ofertas diferenciadoras deverão ser potenciados: a história, o património e a cultura de cada região em benefício do enriquecimento da experiência do turista.” (Turismo de Portugal, 2011:44), e deve-se impulsionar “ (...) a preservação do património histórico-cultural, integrando-o na oferta turística, contribuindo deste modo para o enriquecimento da experiência do turista e para o aumento das visitas e receitas desse mesmo património.” (Turismo de Portugal, 2011:49).

No que respeita à região Norte estima-se que apresente um “ (...) crescimento acima da média nacional, sustentando o seu crescimento na estruturação e enriquecimento da oferta turística. Os hóspedes estrangeiros deverão crescer a um ritmo superior aos nacionais devendo chegar a 2015 representando praticamente o mesmo valor. Já ao nível das dormidas, os turistas estrangeiros deverão gerar 2,6 milhões em 2015, superando as dormidas de turistas nacionais em cerca de 0,5 milhões. Em resultado, os

proveitos deverão crescer de 7,5% ao ano entre 2010 e 2015.” (Turismo de Portugal, 2011:26).

Em 2013, a nova revisão do PENT aponta para um crescimento médio de 3,1%/ano de dormidas e um aumento de 6,3%/ano nas receitas. E no qual os objetivos estabelecidos serão alvo de monitorização regular. O património é considerado como um dos produtos turísticos estratégicos, devido ao facto de Portugal possuir “ (...) um vasto património histórico, cultural, religioso, natural e paisagístico que potencia a oferta, pelo que se entende fundamental o desenvolvimento de itinerários experienciais, a qualificação das atrações e a melhoria da informação ao turista visando uma promoção e comercialização mais eficazes dos serviços turísticos associados ao produto.” (Turismo de Portugal, 2013a:63-64). “Nos circuitos turísticos religiosos e culturais, verifica-se a necessidade de colocar os recursos georreferenciados em valor e desenvolver conteúdos e informação para o cliente, bem como incentivar e diversificar as experiências (...)” (Turismo de Portugal, 2013b:28).

Sendo que “a qualidade da oferta turística constitui um elemento decisivo para a satisfação dos turistas e a valorização internacional do turismo em Portugal (...) Um programa de valorização da oferta turística permite sistematizar e priorizar a atuação, seja no contexto do desenvolvimento de oferta por parte das empresas, seja no contexto do desenvolvimento de infraestruturas ou outros investimentos que permitam melhorar a sua envolvente de atuação, reforçando a competitividade do destino Portugal e, em consequência, das próprias empresas do sector.” (Turismo de Portugal, 2013a:79-80).

6.1.3. Touring Cultural e Religioso e City Break

O *Touring* Cultural é um dos 10 produtos turísticos considerados estratégicos e prioritários. O objetivo principal do *Touring* é “descobrir, conhecer e explorar os atrativos de uma região” e incluem atividades como os “percursos em tours, rotas ou circuitos de diferente duração e extensão, em viagens independentes e organizadas” (THR, 2006a:9). Os mercados deste tipo de produto turístico são o “*touring* genérico (*Tours*, rotas ou circuitos de conteúdo abrangente e diverso. O *tour*, rota ou circuito são, em si mesmos, a essência do Produto, representando este mercado cerca de 90% das viagens de *Touring*)” e o “*touring* Temático (*Tours*, rotas ou circuitos focalizados num determinado tema, o qual constitui o núcleo da experiência. As cidades criativas como modelo dinamizador do destino turístico Exemplo: rota de castelos medievais,

representando este mercado cerca de 10% do total de viagens de *Touring*)” (THR, 2006a:9). E representa 18% do total de viagens de lazer dos europeus e tem um crescimento de 5 a 7%/ por ano (THR, 2006a)¹.

“Os fatores chave para competir com êxito no sector das viagens de *touring* (...) são os seguintes: Ampla oferta de rotas e circuitos, quer de conteúdo geral, quer de conteúdo temático; boas vias de comunicação principais e secundárias; ampla rede de áreas de descanso e serviços básicos como estações de serviço, oficinas, assistência na estrada, etc; um bom e eficaz sistema de sinalização dos recursos e atrações turísticas; adequação dos horários de abertura e encerramento das atrações turísticas às necessidades dos visitantes; disponibilidade de ampla e completa informação ao viajante, em diversos idiomas, sobre as rotas e circuitos existentes, o tempo de viagem, as condições e características das estradas, as ligações entre os diversos pontos, os horários das estações de serviço e outros serviços, etc; uma oferta de alojamento ampla, variada e de qualidade; ampla oferta de restaurantes; padrões de qualidade homogêneos em todos os serviços.” (THR, 2006a:18-19).

Na região Norte, o *Touring* cultural é um segmento prioritário e estratégico, “ (...) a região Norte conta com um amplo património histórico e cultural com grande capacidade de atração turística. Porém, a acessibilidade aos recursos, às rotas turísticas, bem como à oferta hoteleira e gastronómica da região encontra-se num grau de desenvolvimento baixo.” (THR, 2006a:57). E nesse sentido, de acordo com THR (2006a), as linhas de atuação para o desenvolvimento deste produto turístico são as seguintes: investimento no aumento e melhoria da oferta hoteleira e do turismo rural/habitação, melhorar a acessibilidade e desenvolver e promover rotas turísticas. De acordo com Turismo de Portugal (2011:39), o *Touring* – turismo cultural deve definir “ (...) itinerários experienciais que sejam uma montra da diversidade do património histórico, cultural e religioso (...)”.

Quanto ao *City Breaks*, o seu principal objetivo é “ (...) conhecer uma cidade e os seus atrações monumentais, arquitetónicas, culturais, comerciais, gastronómicas, etc.” e engloba atividades como “ (...) estadia de curta duração para visitar vários atrações de uma cidade.” (THR, 2006b:9). Os mercados deste tipo de produto são o “*City breaks standard*: os turistas viajam para uma cidade com o objetivo de visitar atrações relacionados com uma variedade de temas (histórico, cultural, social, etc.). Durante a

¹ As viagens *touring* são realizadas de forma autónoma e em veículo particular. Sendo que este tipo de produto turístico têm que dispor de um conjunto de atrações turísticas (gastronomia, monumentos, eventos, entre outros) de forma a despertar interesse no turista (THR,2006a).

sua estada, ficam alojados em hotéis confortáveis de 2-3 estrelas e procuram produtos e serviços com preços acessíveis” e o “*City breaks upscale*: os turistas viajam para uma cidade com o objetivo de visitar atrações relacionadas com uma variedade de temas (histórico, cultural, social, etc.). Durante a sua estada procuram serviços personalizados de alta qualidade, *boutique* hotéis, hotéis de 4-5 estrelas e com charme, menus de degustação e provas de vinho, etc.”; “*City breaks* temáticos: os turistas viajam para uma cidade com o objetivo de visitar atrações e de viver experiências relativas a um tema específico, por exemplo, assistir a um evento musical, teatral, cinematográfico, desportivo, de moda, etc. ” (THR, 2006b:9). Representa 14% do total de viagens de lazer dos europeus e tem um crescimento anual de 12% a 15%. (THR, 2006a).

Segundo THR (2006b), para oferecer este tipo de produtos turísticos são necessários os seguintes recursos básicos: acessibilidades, oferta de um mínimo de atrações capazes de captar turistas, oferta de alojamento de qualidade e quantidade adequada e boas condições de segurança e de mobilidade.

“Fatores chave nos quais um destino deve alcançar um elevado desempenho são os seguintes: Ambiente urbano atrativo e cuidado; Elevado grau de limpeza e higiene; Elevado grau de segurança; Excelente preservação e manutenção do património arquitetónico/monumental; Ampla variedade de atividades culturais; Ampla oferta de entretenimento noturno; Diversidade de opções de compras, com a presença de marcas comerciais de prestígio internacional; Ampla variedade de oferta de alojamento; Variada oferta de restaurantes com cozinha regional e internacional; Flexibilidade e adequação dos horários do comércio e de visitas às atrações turísticas; Ampla cobertura de informação turística em locais estratégicos da cidade; Eficaz serviço de transporte público, especialmente de táxis, por exemplo, pontualidade, frequência, etc.; Padrões homogêneos de qualidade dos serviços; Comercialização de pacotes integrados que dão acesso a diferentes serviços e atrações; Ampla e variada oferta de itinerários temáticos dentro da cidade e zonas envolventes. ” (THR, 2006b:23).

As regiões devem deter recursos básicos que permitam obter o sucesso, ou seja, as cidades devem ter um conjunto de características que ajudem a obter vantagens competitivas em relação a outras regiões. Portanto, as regiões devem investir com objetivo de fomentar o *Touring Cultural e Religioso* e o *City Breaks* de forma a desenvolver a região. Os dois produtos turísticos distinguidos anteriormente, em 2011, representaram 41 milhões de viagens de circuitos turísticos, mais 4,4 milhões de chegadas que no ano transato. E prevê-se que 2015 atinjam 47,9 milhões de chegadas e

em 2020 sejam 58,3 milhões de chegadas (Turismo de Portugal, 2013a). Nesse sentido, definiu-se as seguintes ações futuras:

a) Consolidar os circuitos turísticos com objetivo de valorizar o património histórico, cultural, religioso e paisagísticos, qualificar e diferenciar a oferta de experiências que distingue o produto, isto quer dizer que há “ (...) necessidade de colocar os recursos georreferenciados em valor e desenvolver conteúdos e informação para o cliente, bem como incentivar e diversificar as experiências (...) ” (Turismo de Portugal, 2013a:28). Apesar dos efeitos da crise mundial sobre este produto turístico existe perspectivas que, nos próximos anos, obtenha um crescimento médio anual de 4%, tendo como principais mercados emissores deste tipo de produto turístico são principalmente países europeus (França, Itália, Escandinávia, Alemanha, Rússia, Reino Unido e Espanha) e representa 62% do mercado europeu. Para Portugal, o mercado europeu a par com o Brasil e EUA são estratégicos e importantes para o crescimento e desenvolvimento de circuitos turísticos, tendo como concorrentes o mercado espanhol, francês e italiano. Os fatores de competitividade do mercado português nos circuitos turísticos são os seguintes: i) o vasto e diverso património histórico e cultural; ii) património religioso; iii) Sítios e paisagens naturais de elevado valor ambiental e cénico; iv) Património civilizacional e universal; v) Fátima, local de peregrinação do culto mariano; vi) Cultura popular e tradições genuínas; vii) Diversidade cultural e paisagística a curta distância; viii) Alojamento em meio rural de qualidade e variado; ix) Hospitalidade (Turismo de Portugal, 2013a).

b) Impulsionar as estadias de curta duração e diversificar a oferta no sentido de integrar as atrações culturais com itinerários experienciais como forma de tornar as cidades e áreas envolventes atrativos, ou seja, as “(...) estadias de curta duração em cidade, deve-se requalificar e valorizar o espaço público, colocar recursos georreferenciados em valor e desenvolver conteúdos de informação para o cliente, bem como colocar o produto no mercado, promover a cidade e desenvolver ofertas que promovam o prolongamento da estadia.”. (Turismo de Portugal, 2013a:28). Na Europa, as estadas de curta duração são bem vistas por estimularem as viagens (preferência por viagens curtas, frequentes e baixo custo) sendo que nos últimos dez anos, cresceram 2% a 3% por ano, sendo que nos próximos anos atinja um crescimento anual de 5% a 6%. Portanto, este tipo de produto contribuí para aumentar a procura turística externa à cidade e com isso

estimular atrações turísticas e o desenvolvimento da região (Turismo de Portugal, 2013a).

c) Importa referir que o *Touring* Cultural e Religioso é um produto consolidado para o Norte de Portugal, ou seja, a região dispõe de uma “(...) oferta organizada, procura primária e objeto de promoção externa (...)” (Turismo de Portugal, 2013a:22).

6.2. Breve caracterização do concelho de Guimarães

A cidade de Guimarães localiza-se a Norte de Portugal (NUT II) no Vale do Ave (NUT III) e pertence ao distrito de Braga. É dos concelhos mais importantes do Minho, a indústria é o setor predominante e tem uma densidade populacional significativa no contexto da região Ave. Com a decadência da indústria, nomeadamente do setor têxtil, o turismo ganhou importância principalmente, a vertente cultural. Esse aumento significativo deveu-se à requalificação do centro histórico e da eleição da cidade como Capital Europeia da Cultura ²

6.2.1. Breve análise socioeconómica e demográfica

Com uma área de cerca de 241 km², é constituído por mapa 69 freguesias. O concelho de Guimarães, em 2011, apresentava 656 hab/km² e possuía 158 130 habitantes com um índice de envelhecimento de 86,1%. Do ponto de vista económico, verificamos que a população ativa do concelho de Guimarães era cerca de 81 191 pessoas, 51,2% da população concentrava-se no setor secundário, seguindo-se o setor terciário (48%) e finalmente o primário (0,8%)³. A taxa de atividade verificada, no concelho de Guimarães é de 60,9%. (INE, 2012a). O concelho vimaranense possui um papel importante a nível do desenvolvimento do distrito de Braga, sendo mesmo essencial para afirmação económica da região Norte. Centraliza diversos serviços e comércio mas, o setor industrial é o que emprega o maior número de pessoas e por isso é fundamental, a nível económico, no concelho. O turismo é, também, um setor com relevância tanto a nível socioeconómico como cultural (INE, 2012a).

² Factos recolhidos através www.cm-guimaraes.pt e www.turismoguilmaraes.com, consultados em 12-12-2013.

³ Maior parte da população trabalha por conta de outrem (84,6%) e só 4,6% trabalha por conta própria. No ano de 2011, em Guimarães, foram constituídas 538 sociedades e dissolvidas 521. Existem 14 067 empresas não financeiras, no qual, empregam 62 111 pessoas e há 70 bancos e caixas económicas. Em 2011, a taxa de desemprego, em 2011, em Guimarães é de 14,3%

6.2.2. Breve análise da evolução do turismo em Guimarães

O turismo é dos maiores setores da economia em termos de criação de emprego. Em Portugal, é uma atividade económica recente. Este setor é prioritário na decisão e definição de políticas e medidas estratégicas e, por isso, é essencial na economia portuguesa. É dos setores de atividade com maior impacto económico, em Portugal, representa cerca de 8% do emprego, um peso aproximado de 5,2% do PIB e é o setor que mais exporta, em 2012, registou-se 14,3% do total das exportações de bens e serviços e 43% do total das exportações de serviços. No mesmo ano, a atividade turística teve um saldo de 5 660 milhões de euros mais do que em 2011 (5,172 milhões de euros). Isto quer dizer que, a atividade turística tem um impacto positivo na balança de pagamento, ou seja, as receitas são superiores às despesas (INE, 2013).

De acordo com o Índice de Competitividade - Viagens e Turismo (lista de 140 países), Portugal, em 2012, ocupava a 20ª posição do ranking a nível mundial e a 12ª posição relativamente aos países europeus. A nível de chegadas de turistas estrangeiros, Portugal ocupa a 35ª posição e relativamente às receitas e às despesas posiciona-se no 28º e 43º lugar, respetivamente. Importante salientar que, Portugal ocupa a 13ª posição a nível de recursos culturais e a 16ª posição no que respeita a infraestruturas turísticas (W.E.F., 2013). Logo, Portugal, nos últimos anos, tem-se afirmado como um destino turístico de eleição.

Quanto ao concelho de Guimarães, o peso do tecido empresarial e industrial é significativo e isso fez com que o turismo de negócios crescesse em relação a outros tipos de turismo, nomeadamente turismo de lazer. Mas, com o enfraquecimento das atividades ligadas ao setor produtivo provocou uma diminuição do turismo ligado às empresas, no qual o setor hoteleiro teve delinear outro tipo de estratégia, ou seja, direcionar a sua estratégia para a captação de turistas com motivações culturais. As entidades públicas, também tiveram um papel importante no desenvolvimento do turismo cultural, ao estabelecer medidas e políticas estratégicas no desenvolvimento turístico⁴.

Na tabela 6, verificamos a evolução do turismo no Norte, Ave e Guimarães no ano de 2009, 2010, 2011 e 2012. No ano de 2009, o Norte registou 450 estabelecimentos hoteleiros, o Ave 31 e Guimarães 12 estabelecimentos hoteleiros (não existe registo nos outros anos sinalizados na tabela 10, não é possível analisar a evolução). Verificamos

⁴ Factos recolhidos através www.cm-guimaraes.pt e www.turismoguimaraes.com, consultados em 12-12-2013.

que a capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros aumentou no Norte e no Ave de 2009 até 2012. Em 2012, o Norte registou uma capacidade de alojamento de 41831 pessoas, mais 10441 do que ano transato. No Ave, existiu um aumento pouco significativo de 2011 (2665) para 2012 (2757). Em Guimarães, há um aumento da capacidade alojamento de 2009 até 2012 (acréscimo de 340 pessoas nesse período).

A taxa líquida de ocupação cama na hotelaria, no Norte, registou um aumento de 2009 (30,9%) para 2010 (32,4%). Em 2012, apresentou uma taxa de 31%, ou seja, uma pequena diminuição em relação ao ano anterior (32,1%). Tanto Ave como Guimarães, registaram uma descida da taxa líquida de ocupação cama nos estabelecimentos hoteleiros, de Ave (32,9%), Guimarães (34,4%) até 2011 Ave (28,2%;) e Guimarães (30,2%). No ano 2012, a taxa líquida de ocupação cama na hotelaria aumentaram face aos anos precedentes, Ave e em Guimarães, registaram 31,2% e 37,9%, respetivamente. No Norte, a estada média nos estabelecimentos hoteleiros não variou, apresentando uma média de 1,7 noites de 2009 até 2011. No Ave, existe uma diminuição insignificante de 2009 (1,6) para 2010 (1,5), mantendo uma média de 1,5, em 2011. Em Guimarães, a estada média nos estabelecimentos hoteleiros não se alterou de 2009 para 2010. Em 2011, a estada média diminuí 0,1 relativamente ao ano de 2010. Por contrapartida, em contrapartida os números respeitantes ao Norte demonstram um acréscimo do número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, em 2009 (114), 2010 (118,4), 2011 (123,6) e em 2013 (123,9). Em Guimarães existiu, igualmente, uma subida, apresentando em 2009 e 2010 (92,6), 2011 (95,1) e em 2012 (133). A região do Ave registou, em 2009 (56,3), diminuído em 2010 (53,9) e em 2011 (52,2), subindo em 2012 (61,4). Os dados estatísticos referem que a proporção de estrangeiros, entre 2009 e 2012, cresceu 5% no Norte e 3,4%, no Ave. Em Guimarães, aumentou 0,8% os hóspedes estrangeiros, de 2009 até 2011. Em 2012, registou 33,8% de hóspedes estrangeiros menos 1,2% que em 2011 (35%).

Tabela 6 – Evolução do turismo no Norte, no Ave e em Guimarães (2009-2012)

NUTS (I,II,III)	Norte				Ave				Guimarães			
	Ano	2012	2011	2010	2009	2012	2011	2010	2009	2012	2011	2010
Estabelecimentos hoteleiros (N.º)				450				31				12
Proporção de hóspedes estrangeiros (%)	39,5	38,1	36,7	34,5	28,2	27,7	26,3	24,8	33,8	35	35	34,2
Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por 100 habitantes (N.º)	123,9	123,6	118,6	114	61,4	52,2	53,9	56,3	132,5	95,1	92,6	92,6
Estada média nos estabelecimentos hoteleiros (N.º)		1,7	1,7	1,7		1,5	1,5	1,6		1,5	1,6	1,6
Taxa líquida de ocupação cama nos estabelecimentos hoteleiros (%)	31	32,1	32,4	30,9	31,2	28,2	30,6	32,9	37,9	30,2	32,3	34,4
Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros (N.º)	41831	40156	38386	38827	2757	2665	2452	2484	1531	1431	1268	1191

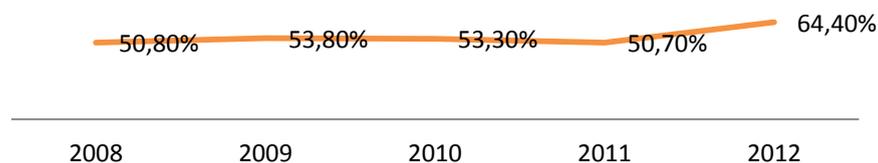
Fonte: adaptação própria referente ao ano 2009, 2010, 2011 e 2012 com base nos dados do INE ⁵

Relativamente à taxa média de ocupação quarto, no período 2008-2012, o gráfico 1, mostra que a taxa mais baixa foi em 2008 (50,80%), subindo no ano seguinte (53,8%). Em 2010, sofreu uma pequena descida (53,3%). De 2011 para 2012, verificou-se um

⁵ http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_unid_territorial&menuBOUI=13707095&contexto=ut&selTab=tab3

crescimento significativo da taxa média de ocupação quarto em Guimarães sendo 50,7% e 64,4%, respetivamente.

Gráfico 1- Taxa média de ocupação quarto, em Guimarães (2008-2012)



Fonte: adaptação própria referente ao ano 2008,2009, 2010, 2011 e 2012 com base nos dados da Síntese Resultados Estatísticos Turismo de Guimarães 2012

Com a nomeação de Guimarães como Capital Europeia da Cultural, em 2012, os resultados estatísticos apresentam-se mais favoráveis. Nesse ano, o número de visitantes ao posto de turismo aumentou 106,7%. O número de visitantes estrangeiros ultrapassou 70000 e os visitantes nacionais superou os 50000. Os turistas que visitam Guimarães são maioritariamente franceses e espanhóis, com estudos superiores e de meia-idade, viajam de forma autónoma e realizam visitas de curta duração. Numa forma geral, os turistas têm como motivação fazer turismo. Referindo ainda que, existiu um crescimento significativo do número de visitantes e turistas nas épocas consideradas baixas, diminuído a sazonalidade. No âmbito, da Capital Europeia da Cultura foram realizados 2000 eventos, no qual tiveram um impacto positivo no comércio local, nomeadamente os espetáculos de rua (Vieira de Castro *et al*, 2013).

Para Freitas Santos, Vareiro, Remoaldo e Cadima Ribeiro (2013) os objetivos da Capital Europeia da Cultura foram: 1) A necessidade de dotar a população de novas alternativas de ensino, de modo a que se adapte os recursos humanos e novas experiências e práticas profissionais; 2) Adequar a economia da cidade, que historicamente esteve economicamente ligada ao setor fabril, em uma económica voltada para o empreendedorismo e criatividade; 3) Transformar a noção de cidade berço, tradicional E cidade de memórias num espaço urbano ativo, com capacidade de agregação de valor capaz de proporcionar experiências culturais únicas.

Segundo o estudo realizado por Vareiro, Remoaldo e Cadima Ribeiro (2013), a população local mostra preocupação relativamente à oferta de atividades culturais em

Guimarães, referindo até que a cidade não conseguiu, aproveitar o facto de ter sido Capital Europeia da Cultura, para posicionar-se como destino de turismo cultural. Para além, de Guimarães ter que melhorar a sua imagem e torná-la mais visível e mais forte, mencionando, a necessidade de mais investimento, no sentido, de aumentar os equipamentos e serviços, tanto em qualidade como quantidade.

6.2.3. Breve síntese da dinâmica cultural de Guimarães

Como podemos verificar, no gráfico 2, há uma descida, de 2008 para 2009, de 12965 visitantes a equipamentos culturais, sendo que 2010 até 2012 verificou-se um aumento significativo, atingindo 527067 visitantes em 2012. “Guimarães dispõe, ainda, de uma notável rede de museus, bibliotecas, arquivos, sítios históricos e monumentos religiosos, evidenciando-se o Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmiento, o Museu de Alberto Sampaio (que integra a rede nacional de museus), o Paço dos Duques de Bragança (o segundo palácio mais visitado em Portugal), a Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, a Biblioteca Municipal de Raúl Brandão, o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, o sítio arqueológico “Citânia de Briteiros”, a Montanha da Penha e as igrejas de Serzedelo e S. Torcato (ambas datadas do século XII).” (Câmara Municipal de Guimarães, 2012:27-28).

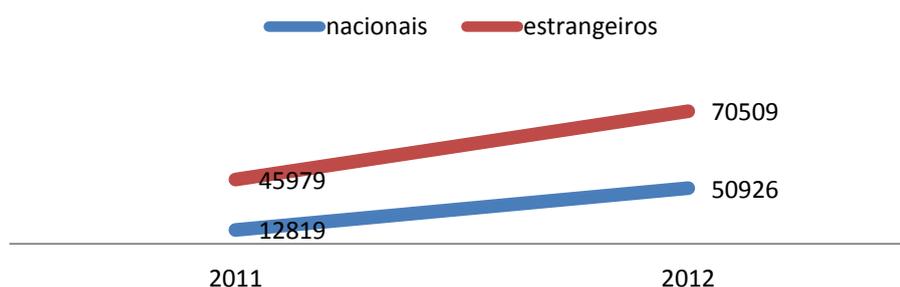
Gráfico 2 - Número de visitantes a equipamentos culturais, em Guimarães (2008-2012)



Fonte: adaptação própria referente ao ano 2008,2009, 2010, 2011 e 2012 com base nos dados da Síntese Resultados Estatísticos Turismo de Guimarães 2012

Em termos de visitantes aos postos de turismo de Guimarães, existiu um aumento bastante significativo de 2011 para 2012 (58798 e 121435, respetivamente). Os visitantes estrangeiros, tanto em 2011 como em 2012, foram em maior número. O que respeita aos visitantes nacionais existiu um aumento de 24530 visitantes e aos visitantes estrangeiros existiu uma subida de 38107 visitantes (gráfico 3).

Gráfico 3 - Número de visitantes aos postos de turismo de Guimarães, em 2011 e 2012



Fonte: adaptação própria referente ao ano 2008,2009, 2010, 2011 e 2012 com base nos dados da Síntese Resultados Estatísticos Turismo de Guimarães 2012

O número de vistas ao *site* do Guimarães Turismo teve uma subida acentuada de 2011 para 2012, ou seja, em 2012 o número de visitas foi de 231179 mais 184279 visitas que no ano anterior (gráfico 4).

Gráfico 4 - Número de visitas ao *site* do Guimarães Turismo, em 2011 e 2012



Fonte: adaptação própria referente ao ano 2008,2009, 2010, 2011 e 2012 com base nos dados da Síntese Resultados Estatísticos Turismo de Guimarães 2012.

Os dados estatísticos comprovam que Guimarães tem um papel importante na região do Ave pelo facto de dispor de um conjunto significativo de infraestruturas e equipamentos culturais. Tornando-se uma referência no panorama nortenho, no que respeita à qualidade e capacidade de acolher eventos culturais e desportivos e, com isso, conseguir ser uma atração turística. A componente histórica associada à cidade é importante e, por isso, Guimarães tem apostado na atividade turística com vertente cultural que contribui para o desenvolvimento turístico, económico e sociocultural, ou seja, dinamiza a cidade e, nomeadamente, o Centro Histórico. É uma cidade atrativa e que conserva e preserva o seu património⁶. “ (...) Guimarães também está muito ligada aos seus costumes,

⁶ Factos recolhidos através www.cm-guimaraes.pt e www.turismoguimaraes.com, consultados em 12-12-2013.

fortemente potenciados pelo turismo. A gastronomia, o artesanato, as festas populares, as tradições escolares e académicas, constituem eixos de dinâmica do setor turístico que têm, no centro histórico recuperado e vivo, a sua maior fonte de promoção e atração.” (Câmara Municipal de Guimarães, 2012:24)

6.3. Objeto de estudo - Festas Nicolinas

Com vista a ir ao encontro dos objetivos estabelecidos e responder à questão de partida, foram realizadas 5 entrevistas, às entidades ligadas às Festas Nicolinas, ao município e ao turismo no concelho de Guimarães (vide em anexo I). O guião de entrevista tem 7 questões e visa perceber de que forma as entidades ligadas às Festas Nicolinas contribuem para a sua salvaguarda bem como o potencial turístico das festas (vide em anexo II). Paralelamente, recorreu-se à recolha de documentos relativos às Festas Nicolinas para a construção de fichas etnográficas para cada número. Este ponto tem como fim a análise pormenorizada e a apresentação das conclusões da investigação.

6.3.1. Caracterização geral das Festas Nicolinas

6.3.1.1. História e Evolução

As Nicolinas são consideradas as Festas mais antigas de Guimarães e representam um testemunho inigualável do património cultural imaterial vimaranense, tendo sofrido alterações, ao longo dos anos, mas a sua essência mantém-se. “Não há que ver. O S. Nicolau é por excelência a festa popular de Guimarães. Não passam impunemente sobre uma festa centenas de anos, sem que esta festa entre por completo e faça parte dos hábitos, dos costumes e do organismo de um povo.”⁷.

As Festas Nicolinas surgem de uma forma idêntica às tradições dos estudantes de Coimbra que foram inspiradas na tradição de universidades, tiveram origem no séc. XVI no continente europeu, como a Universidade de Salamanca (Carvalho, 1956; Miguel, 1998). “Na Universidade de Coimbra os patronos dos estudantes - Santa Escolástica e S. Nicolau - eram festejados devotamente com vésperas, missa, sermão e préstito.” (Carvalho, 1956:44). “O mesmo culto se celebrava na Universidade de Salamanca (...)” (Carvalho, 1956:45). E em “ (...) Braga, onde os estudos sempre tiveram notável relevo desde os primórdios da Nação, S. Nicolau era celebrado não só no seu altar da Sé, mas também por maneira ruidosa nas ruas (...) Também na cidade do Porto, na freguesia de

⁷ Jornal "Religião e Pátria", de 1895.

S. Nicolau, usavam os rapazinhos das escolas celebrar com magusto.” (Carvalho, 1956: 45).

As Festas Nicolinas surgem com a devoção religiosa dedicada a São Nicolau que era oriundo da Pátara, na Lida (Turquia) e terá vivido entre o século III e IV⁸. Em Portugal, na condição de patrono dos estudantes, o culto é realizado em Guimarães. Este culto chegou a Guimarães através dos peregrinos de vários pontos do país e do estrangeiro que se deslocavam a Guimarães para venerarem Nossa Senhora de Guimarães (Padroeira de Portugal até ao séc. XVII) e, também, através da passagem de romeiros para Santiago de Compostela que terão deixado como marca a sua devoção a São Nicolau. Os historiadores situam o início das Festas Nicolinas, não como são hoje em dia mas, enquanto início do culto a S. Nicolau, durante o século XVI, altura em que o culto europeu a São Nicolau chega a Guimarães. “Os Festejos são os tempos do liberalismo. Deviam antes chamar-se festas às Senhoras de Guimarães.” (Miguel, 1998:7).

No ano de 1594, foi criada a Irmandade de N. Sra. da Consolação, também chamada de Irmandade dos Estudantes Pobres, devido ao culto à N. Sra. da Consolação (Carvalho, 1943). Através do documento do arquivo notarial conclui-se que, em 1645, já havia culto a S. Nicolau em Guimarães⁹.

A primeira referência às Festas Nicolinas é em 21 de Novembro de 1661, data da construção da Capela em honra a São Nicolau, em Guimarães, a construção da capela foi contratada entre mordomos da Irmandade São Nicolau e o Mestre de Pedraria Domingos Lourenço (Carvalho, 1943).

“A Capela de S. Nicolau fizeram-na os estudantes desta vila e outros devotos de dinheiro que ganharam em comédias e danças que por devoção do Santo e aumento da capela aceitavam o dinheiro que lhe davam. Tal demonstra um culto anterior a 1654 em que a Capela já estava concluída e

⁸ S. Nicolau era considerado protetor das raparigas pobres pois dizem as histórias que “...as raparigas recebiam pela chaminé ou pela janela as prendas e valores que fizeram o seu dote subtraindo-as, assim, à vontade do pai de as colocar num prostíbulo” (Dantas, 1920:2; Carvalho, 1943; Carvalho, 1956; Miguel, 1998:10;), ou seja, S. Nicolau doou os seus bens pelos dotes das raparigas, para estas poderem casar. Também acolhia os perseguidos no tempo que foi arcebispo de mira sendo uma época de perseguições onde chegou a estar preso. As crianças eram suas protegidas pois reza a lenda que “...três meninos, depois de esquarterados por um estalajadeiro mauzão, foram ressuscitados pelo santo” (Miguel, 1998:10) e é também Patrono dos estudantes.

⁹ Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Arquivo Notarial, Cota: N – 49 fl.132 v.

é em 6 de dezembro de 1691 que se transforma por compromisso, a Confraria de S. Nicolau em Irmandade.” (Miguel:1998:6).

“...Os escolares de Guimarães fundaram no século XVII uma corporação religiosa...” (Carvalho, 1956: 47). “São datados de 1691 os estatutos da Irmandade de S. Nicolau. Não se tome, porém, esta data, como a primeira manifestação de um culto organizado. Décénios antes, já os escolares de Guimarães davam sinais de vida cultural em prol de S. Nicolau.” (Carvalho, 1956:48).

Ainda o facto de em 1691 terem sido criados os estatutos da Irmandade que tinha como objetivos "promover oculto e veneração ao seu padroeiro, S. Nicolau, Bispo de Mira" (Miguel, 1998:12).

Revela, assim, que o culto a São Nicolau na cidade de Guimarães era bastante anterior ao século XVII, época em que materializou em edifícios e documentos estatutários.

Em 1906, “...esta velha usança, depois de renhidas demandas e peripécias, passou para os estudantes de latim em Guimarães, que deram ao caso a aparência duma grande festa com cavalhadas, com mascarados, danças, pregão em verso, algum dos quais se deve à pena inspirada do mavioso poeta e distinto médico João Evangelista, exhibições, serenatas, espetáculos teatrais, tudo anunciado pela bandeira escolástica, pomposa e solenemente içada na noite do dia 29 de Novembro no Campo do Toural, tendo lugar o resto e o mais ruidoso da festa nos dias 5 e 6 de dezembro.”¹⁰

A partir de 1980, época do Romantismo, encontra-se diversos bandos escolásticos com o tema amor e por isso assume-se que “...Nicolau era uni símbolo para encobrir intenções reservadas e paixões naturais” (Miguel, 1998: 7).

No dia 1 de dezembro 1821, o juiz Bento Ferreira Cabral não autorizou as máscaras, no ano seguinte, D. João VI, autorizou os estudantes a usarem mascara no dia 5 e 6 de dezembro, licença dada na portaria 2 de dezembro. No ano de 1823, nos dias 12 e 13 de janeiro, os estudantes saíram à rua mascarados e com um carro decorado com o retrato de D. João VI e a cantarem o hino nacional¹¹. Importa referir que, as Festas Nicolinas tiveram sempre patente o riso e a máscara, principalmente, momento das danças de S. Nicolau.

¹⁰ O Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906

¹¹ O Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906

“Máscara Histórica – A festa de S. Nicolau em Guimarães é popular e antiga na terra. Este ano foi ainda mais luzida do que nos precedentes. A dança dos mascarados, principalmente, esteve muito para ver: entre outras figuras apareceu nela uma representando um egresso a pedir esmola aos ricos, que herdaram todos os seus bens, estando ele ainda vivo! O pensamento foi aplaudido geralmente.”¹².

A criação, no dia 10 de Março de 1837¹³, da Associação Escolástica Vimaranense, “em 1837 na casa da Rua das Lamelas pelas 16 horas um grupo de Nicolinos criam esta associação aprovando os seus estatutos no fim do séc. XIX. Definem, claramente, nos seus Estatutos Quem é o Nicolino e o desempenho dos Nicolinos na organização das festas.” (Miguel, 1998:12).

Entre 1853 e 1861, não se realizaram as festas devido à morte da Rainha D. Maria II, os estudantes estavam de luto. Em 1865 a 1864, as festas realizaram-se com muito entusiasmo e brilho. No ano de 1864, de acordo com os jornais da época, o Vimaranense e o Religião e Pátria, as festas desse ano, não tiveram a meteorologia do seu lado “(...) porque o tempo chuvoso que fez neste dia parece que deixou em embrião algumas exibições que estavam planeadas.”¹⁴.

“Durante a década de 1870, quase deixaram de se celebrar. Foram restauradas, em 1881...”, nesse ano, as gentes de Guimarães saíram em peso à rua¹⁵. Até ao fim de 1870, o palco das festas era no largo do Toural e por isso esse lugar esta intimamente ligada com as Festas Nicolinas sendo mesmo o sítio onde erguia-se a ‘bandeira’ que sinalizava o início das festas. O mastro com uma bandeira, que agora tem uma por nome Pinheiro, a partir desse ano, passou para a praça D. Afonso Henriques. Podemos verificar, tal ligação, em alguns excertos de pregões (tabela 7).

¹² Revista Universal Lisbonense, publicação de António Feliciano de Castilho, 1843.

¹³ O Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906

¹⁴ *O Vimaranense*, n.º 246, 5.º ano, Guimarães, 9 de Dezembro de 1864

¹⁵ Artigo *As Nicolinas*, escrito por António Amaro das Neves in *Jornal Povo de Guimarães*, 9 de Dezembro de 2005.

Tabela 7 – Excertos de Pregões a mencionar o nome Toural.

Ano	Excerto
1819	“...Há largo Chafariz para o mergulho...” ¹⁶
1829	“...No célebre Toural tens banho fresco.”
1838	“...Malhais logo no tanque de mergulho.”
1848	“...Ao tanque do Toural irá primeiro.”
1858	“...No tanque do Toural, e apregoado...”
1868	“...Irão nadar ao tanque do Toural;”
1870	“...Do palerma!.. do Toural no chafariz.”

Fonte: adaptação própria com base em AAELG (1997)

A partir de 1884 a 1895, as festas não se realizaram e os festejos foram esquecidos. O motivo desse desaparecimento foi a redução do número de alunos, “os estudos de Latim e Lógica do Instituto de N. S. da Oliveira até 1884 serviam de preparatórios, tanto para as carreiras civis como para a vida eclesiástica. Por isso Guimarães era um centro académico importante e, por isso, Nicolau podia ser festejado. Mas a organização dos Liceus com estabelecimentos forçados para preparatórios das profissões liberais rouba a Guimarães a maior parte do seu contingente académico.” (Miguel, 1998:7).

“Em Guimarães, igualmente o dia de S. Nicolau era festejado. No ano de 1890, por iniciativa da escola de música, que funcionava na Sociedade Martins Sarmiento, a festa subiu de importância. Do programa constava uma distribuição de brinquedos e merendas. Na igreja da Colegiada, no altar de S. Nicolau foi celebrada missa acompanhada no coro pelos alunos da referida escola de música (...)” (Carvalho, 1956: 45-46).

“Somente em 1896 o pedido de criação do Liceu Nacional é atendido fazendo voltar a Guimarães a mocidade estudiosa de Entre Douro e Minho, das terras de Basto ou do Sousa e de Trás-os-Montes.” (Miguel, 1998:7).

Através da leitura de documentos, conclui-se que o nome “Nicolinas” surgiu no séc. XX, sabendo-se que esta designação nem sempre foi assim, antes as festas eram conhecidas por “Festejos a S. Nicolau”. O pregão escrito por João de Meira, em 1904, foi o documento em que a expressão Nicolinas apareceu pela primeira vez. De acordo com AAELG (1997) podemos verificar primeira referência ao nome nicolinas, na parte

¹⁶ A citação foi escrita literalmente como está escrito no Pregão de 1819, respeitando escrita da época.

final do pregão de 1904:

“Rapazes! Nossa música divina
Capaz de estremunhar até Morfeu!
A Música da festa Nicolina
Que a terra abala e desconjunta o Céu!
Mais força, se é possível, mais ferina,
Que inda não é bastante este escarcéu!
Façamos tal restolho, tal chinfrim
Que o inferno pareça aqui assim! (...)”

Também existe a indicação que a expressão Festas Nicolinas surgiu, também, numa notícia publicada no jornal *Independente*, a 11 de dezembro de 1904, no qual João de Meira era colaborador¹⁷. Com a república existiram alterações às festas e com a reforma do ensino, existiu nesse período alguma contestação, mas as festas não acabaram.

“Raciocinando a sós e a frio, vós que podereis ser cábulas mas não sois estúpidos, compreendereis que tais Festas vão-se aguentando por um tour de force e que só as anima e vitaliza o vosso entusiasmo juvenil ou as olha boquiaberto e saudoso algum velhote, veneranda relíquia do tempo em que elas eram, pelo menos, uma exibição de costumes. Tais festas, porem, nem comemoram uma data importante da nossa história, nem consagram uma benemerência social, nem visam a acendrar o sentimento patriótico, nem sequer têm o mérito duma folga higiénica ou divertimento inofensivo.”¹⁸.

Sinal de que a vontade e que o espírito Nicolino sobreviveu a momentos complicadas da história portuguesa. Em 1948, pelo dia 2 de Agosto, faleceu Ana Joaquim¹⁹, conhecida como madrinha dos estudantes, estimada e respeitada por todos estudantes,

¹⁷ *Independente*, 4.º ano, n.º 159, Guimarães, 11 de Dezembro de 1904

¹⁸ Artigo do jornal *Alvorada*, escrito por um ex-estudante em 3-12-1910

¹⁹ Para além de ter ajudado estudantes mais desfavorecidos a nível económico, dando alimentos. “*A Senhora Ana de Magalhães, de avançada idade e que há tempos se encontrava em perigo de vida, era muito prestável, e conhecida como ‘mãe dos estudantes’.* *Pela sua casa passaram sucessivas gerações académicas que da bondosa finada recebiam conselhos, carinho e agasalho. Desapareceu uma figura popular e estimada (...) Os seus funerais tiveram a concorrência de pessoas de representação e muitos académicos que a acompanharam à última morada*”.¹⁹ A câmara Municipal, em 1951, atribuiu o seu nome a uma rua e em 1971 foi colocada uma lápide na casa onde morou com a seguinte mensagem:

“*Aqui nos abriste o peito;*

Aqui te quisemos bem;

Aqui foste, de Estudantes

Conselheira e Santa Mãe.

À Senhora Aninhas

Os Antigos Estudantes.”

pelos valores que transmitia. Segundo AAELG (1997) podemos verificar a importância da madrinha dos estudantes vimaranenses, no excerto do Pregão de 1931:

“ (...) A Senhora Aninhas, hoje já tão velhinha,
É bem uma relíquia do passado.
Vive no coração essa Avozinha
Seu nome em letras de oiro bem gravado!
Hoje vimos trazer ramos de flores
Não a esquecemos um momento só
Ela dirá, ao ver os seus doutores:
Olha os meus netos a lambrar a Avó!”

Com a ditadura as festas ficaram reduzidas aos alunos do Liceu Nacional de Guimarães visto que, nesse tempo, não era permitido movimentos dos estudantes. Em 1961, cria-se a Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães (AAELG), tendo como objetivo preservar e conservar a tradição Nicolina²⁰.

Entre 1970 e 1980, existe uma geração que “toma conta dessa herança”, ou seja, que mostra empenho e gosto na organização das festas, para além de fazer ressurgir “... a Razão de Ser e a Alma da Festa: As Maçãzinha.” (Miguel, 1998:9). Alguns Pregões foram censurados pelo censor de Braga já que em Guimarães não existia censor. Essa passagem de testemunho continua nos anos 90, onde há um grupo de estudantes que valoriza esta tradição. Importa referir, os principais símbolos das Festas Nicolinas, apresentados na tabela 8.

²⁰ Anotação do diário de bordo

Tabela 8 – Principais símbolos das Festas Nicolinas

Nome	Descrição
Mitra	Barrete vermelho com a base verde ²¹ .
Lenço tabaqueiro	Lenço de trabalho que é quadrado e vermelho ²² .
Lança	Utilizada nas maçãzinhas e é um utensílio com muito simbolismo porque “a lança é a nossa alma; a alma da nossa existência” ²³ . Porque a lança é a forma de contacto com as raparigas, ou seja, a forma como pediam antigamente em namoro as raparigas e por isso alma das festas são as mulheres pois são razão de ser e a essência das Festas.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados recolhidos nas entrevistas.

Todos os anos é eleita a Comissão dos Novos, ou seja, estudantes do ensino secundário de Guimarães têm responsabilidade de organizar as festas, sempre com supervisão da AAELG, para não se perder a identidade Nicolina²⁴. “As Festas Nicolinas são, então, cada vez mais as festas de todos os estudantes de Guimarães e que escolhendo a cidade para estudar encontram aqui uma tradição única e de grande valia social e cultural” (Miguel, 1998:9).

As festas, até aos finais do século XIX, realizavam-se num dia mas, como o aumento da sua dimensão, ao longo dos anos, deixaram de ser realizadas num só dia e passando, assim, a decorrer durante a semana de 29 de novembro a 6 de dezembro, durante esses dias realizam-se os números nicolinos.

As festas detêm um património gastronómico importante sendo a mesa um lugar de confraternidade e de integração. Os locais de encontro eram nas tascas e os comedouros, frequentados pelos adultos, sendo o ponto de encontro de grupos para as tertúlias e os debates. De tascas e vendas ainda presentes na cidade que durante as festas e, principalmente, o pinheiro se enche de gente e são referências cheias de memórias e

²¹ Diferente do barrete ribatejano porque troca as cores.

²² Anotações do diário de bordo.

²³ Anotações do diário de bordo.

²⁴ Anotação do diário de bordo

tradição onde se junta o convívio com os produtos regionais. O comer e o beber têm origem Dionisíacas²⁵ e Baquianas²⁶, que usam os produtos e os frutos dados pela terra em cada estação e tudo que fosse de comer era regado por um vinho tinto carrascão novo, onde a prova era feita na mesma malga como se fossem um membro efetivo (Miguel, 1998).

Em 2008, foi inaugurado junto à Igreja de Santos Passos mais conhecida por Igreja de S. Gualter, o monumento nicolino de autoria do vimaranense José de Guimarães, o escultor teve por inspiração mexer da “capa” do traje académico. Este monumento está situado, perto da igreja, onde todos os anos se ergue o Pinheiro e é uma homenagem da cidade aos seus estudantes. Este projeto teve contributo da Câmara Municipal, do escultor e da AAELG/VN. Este monumento é uma forma de reforçar a identidade Nicolina bem como o orgulho e respeito que a cidade tem por esta tradição. Para além, de representar o espírito nicolino é, também, um património interessante para a cidade²⁷.

No ano de 2013, assistimos à realização do número das maçãzinhas no lugar do Toural, que desde 1990 era realizado no centro histórico. O número que é considerado o mais emblemático das festas voltou à sala de visitas da cidade²⁸.

Podemos verificar, na imagem 3, um resumo dos marcos importantes da história das Nicolinas descrito anteriormente.

Uma tradição que se mantém viva e no qual esta registada, mostra que as gentes de Guimarães conhecem os seus costumes, a sua história, a sua vida, os seus monumentos, as suas virtudes e os seus defeitos. Considerada “uma festa de sumo interesse local e pela qual todos os anos esperam com ansiedade os estudantes, seus pais e famílias, e na qual muitas vezes as donzelas de Guimarães escolhem o jovem que há-de decidir do seu destino.” (Carvalho, 1956:7).

²⁵ Dionísio é o Deus grego das festas e o seu culto era promovido através de festas dionisíacas. Deus do êxtase e do entusiasmo, levava alegria e felicidade por toda a Grécia onde também era considerado protetor das belas artes.

²⁶ Baco é o Deus romano das festas, do vinho, do lazer e do prazer.

²⁷ Diário de bordo e Jornal O Povo de Guimarães, 01 de fevereiro de 2008.

²⁸ Diário de bordo, 6 de Dezembro de 2013, número teve início às 15 horas.

6.3.1.2. Números Nicolinos

Antes do início das Festas Nicolinas, ocorre as Moinas que consiste num cortejo que sai do largo da Mumadona até ao Tournal (vide em anexo X), tendo como objetivo receber um lanche que é oferecido por uma família ou instituição (por exemplo, ACFN), para além de servirem para ensaiar os toques nicolinos. “As moinas (sessões de treino do toque nicolino) serviram para preparar mãos e braços, à procura da melhor forma para encarar uma noite que costuma ser longa, fria e molhada (...)”²⁹.

Como foi referido no ponto metodológico, com o intento de melhor conhecer os números nicolinos foram estruturadas as designadas fichas etnográficas, as quais visam ter em consideração os seguintes aspetos: Nome do número nicolino; Dia de realização; Local realização; Principais características; Utensílios/Acessórios; Toque; Expressões/Relatos. Para efetivar o preenchimento das fichas delimitadas procedeu-se a uma recolha com base em pesquisa documental de livros, artigos de jornais e no arquivo da Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães/Velhos Nicolinos (AAELG/VN).

Na tabela 9, apresentamos uma síntese descritiva dos números nicolinos, analisados nas fichas etnográficas.

²⁹ Jornal Público, 29 de novembro de 2002, artigo escrito por Adelino Gomes.

Tabela 9 – Resumo descritivo dos números nicolinos

Nome	Breve descrição
Pinheiro Ficha etnográfica nº1 (vide em anexo XI)	Teve origem no século XIX e realiza-se no dia 29 de Novembro. É o primeiro número das Festas Nicolinas sendo também o número que mobiliza o maior número de pessoas, surgiu com a tradição minhota de erguer um mastro para anunciar o início das festas. Tem início com um jantar de convívio e depois dá-se o cortejo o som fervoroso de caixas e bombos (a caixa toca “ratas” e “pranas” com “repiques” contidos acatando o período de toques do bombo tocados com energia) que sai do terreiro do Cano passa pelo Castelo de Guimarães, Palheiros, Rua de Santo António, Largo do Toural, Alameda São Dâmaso e Campo da Feira e termina no Largo de São Gualter ao lado da igreja dos Santos Passos (vide em anexo X).
Novenas Ficha etnográfica nº2 (vide em anexo XII)	Surgiram no século XVIII e realiza-se do dia 1 a 7 de dezembro. Este número tem um caráter religioso porque as Nicolinas têm por base o culto a S. Nicolau mas também coincide com a devoção à Nossa Senhora da Conceição, e os estudantes associam-se a esse culto e assim surge as Novenas (realizam-se às 6h da manhã). Onde os nicolino vão desde o centro histórico até a capelinha de Azurém, com o toque das novenas (a caixa toca - 2 “ratas” + 3 “pranas”+ 1 “rata” individual e o bombo acompanha a caixa com toques abafados e individuais, sendo um toque lento). Depois da novena vão ao mercado onde as vendedoras oferecem os estudantes alimentos que são doados (espírito de partilha).

(continuação na página seguinte)

Tabela 9 – Resumo descritivos dos números nicolinos (continuação)

Nome	Breve descrição
<p>Posses e Magusto Ficha etnográfica nº3 (vide em anexo XIII)</p>	<p>Têm origem no século XVIII e realiza-se no dia 4 de dezembro. As Posses nasceram no Convento das Clarissas, onde os estudantes da colegiada iam pedir as Posses às freiras. Este número foi evoluído, ao longo dos tempos, e as Posses começaram aparecer em instituições, casas particulares e restaurantes. Os nicolinos acompanhados por banda de música que toca o hino das Nicolinas, dirigem-se às casas onde as pessoas estão à janela e antes de entregar as Posses recitam uns versos como forma de recado aos estudantes. No que respeita, ao Magusto começou com Dizimo da Quinta de Stº Estevão de Urgeses era propriedade da colegiada e que os estudantes iam lá recolher castanhas, maçãs, palha e nozes. E que os estudantes levam para o Rossio de Guimarães (Largo do Tournal) e faziam um magusto para toda a população demonstrando o espírito de partilha. Hoje em dia, estes dois números, Posses e Magusto, realizam-se no mesmo dia, os Nicolinos recolhem as Posses e depois partilham com a população, na Praça de Santiago.</p>
<p>Pregão Ficha etnográfica nº5 (vide em anexo XV)</p>	<p>Surgiu no século XVIII, Apesar do mais antigo Pregão documentado seja de 1817 mas, devido à qualidade da escrita existe indícios que já existisse antes de 1817, e realiza-se no dia 5 de dezembro na parte da tarde. Textos que retratam a cidade e o significado das Nicolinas e espelham todo que se passa na cidade e a nível nacional. Portanto, é um texto satírico, escrito em verso e de forma crítica retrata a cidade e o país e estamos perante texto que descrevem a história e alguns têm elevada qualidade retrata. E escolhido um dos Nicolinos, com características particulares (colocação da voz, habilidade teatral e cómica) para recitar da melhor forma o texto. Antigamente, o Pregão era feito para anunciar as Festas Nicolinas até surgir o pinheiro. A este número está associado um toque, intitulado toque do Pregão (Toque curto mas, com energia. Onde a Caixa toca 4 “pranas” + 1 “repique” + 1 “rata” final. E o Bombo 1+2 toques em ciclos).</p>

(continuação na página seguinte)

Tabela 9 – Resumo descritivos dos números nicolinos (continuação)

Nome	Breve descrição
Maçãzinhas Ficha etnográfica nº6 (vide em anexo XVI)	Surgiram no século XIX e realizam-se no dia 6 de dezembro na parte da tarde. Considerado o número mais simbólico e significativo. Realiza-se no dia de S. Nicolau e é dedicado às mulheres. A mulher tem um papel importante nas festas, especialmente neste número. Os estudantes fazem uso de uma lança para oferecer uma maçã à mulher amada, trata-se de uma maçã pequena e vermelhinha, a maçã que é considerado, segundo a bíblia, como fruto da perdição.
Danças de S. Nicolau Ficha etnográfica nº7 (vide em anexo XVII)	Surgiram no século XVII e realiza-se no dia 6 de dezembro. Representações que os estudantes, faziam à cerca de 200 anos atrás. Eram coreografia para angariar fundos para a construção da capela ao culto a S. Nicolau. As danças foram evoluindo, e atualmente, de danças têm pouco é antes um espetáculo teatral com sátira social. Hoje em dia, é um número organizado pela AAELG/VN, desde a direção à sua interpretação. Espetáculo que tem muita adesão pelo público e no qual os bilhetes esgotam sempre e com antecedência e realiza-se no maior auditório da cidade que é o Centro Cultural Vila Flor.
Baile Nicolino Ficha etnográfica nº8 (vide em anexo XVIII)	Surgiu de forma mais continua no século XIX e realiza-se no dia 7 de dezembro. Antigamente, o Baile não fazia parte das Nicolinas. Número de encerramento das Festas Nicolinas e é um baile onde os velhos e os novos nicolinos vão vestidos a rigor, sendo também conhecido pelo Baile da Saudade, pois serve para reviver momentos e recordações e matar as saudades.

Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

As festas têm início no dia 29 de Novembro, o dia mais importante das festividades é o dia 6 de dezembro (antigo dia dedicado a São Nicolau, por ser o dia do seu falecimento), em que se realizam as Maçãzinhas, número Nicolino claramente

inspirado na lenda de São Nicolau que salvou as filhas de um estalajadeiro. Durante estes dias, os estudantes têm várias atividades que fazem parte da estrutura da Festa. São os designados Números Nicolinos, os quais são fundamentais conhecer para entender o espírito destas Festas³⁰.

6.3.2. Análise e interpretação dos resultados

6.3.2.1. Envolvimento das entidades entrevistadas nas Festas Nicolinas

Com vista à determinação dos objetivos estabelecidos foi realizado um conjunto de cinco entrevistas, em função do seu grau de envolvimento nas Festas Nicolinas (vide em anexo I). O guião de entrevista contém sete questões e visa dar resposta à questão de partida. Os entrevistados foram recetivos ao estudo e colaboradores (vide em anexo II).

As Festas Nicolinas são consideradas um evento local, isto é, são pequenas em tamanho mas, com muito significado para comunidade local realizando-se todos os anos (Dimmock & Tiyce, 2001; Marques, 2011). Nas entrevistas realizadas, verificamos que a organização das Festas Nicolinas compete à comissão de estudantes, apesar de existirem entidades de apoio às Festas Nicolinas, como AAELG/VN (Associação de Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães/Velhos Nicolino)³¹, Irmandade de S. Nicolau³², ACFN (Associação de Comissões de Festas Nicolinas)³³ e a Câmara Municipal de Guimarães³⁴.

Nesse sentido, de forma a garantir a melhor organização e funcionamento das festas é realizada uma reunião como forma de distribuir a responsabilidade e as funções de cada entidade. Principalmente, no número do Pinheiro pois é aquele que atrai um maior fluxo de pessoas e por isso tem que ser estabelecida uma estratégia para mobilizar meios necessários para garantir o melhor funcionamento e segurança. Onde a Câmara Municipal de Guimarães faz a ponte e reúnem-se com o responsável pela PSP, dos bombeiros de Guimarães, da polícia municipal de Guimarães. Nesse encontro os membros da comissão terão de se apresentar devidamente trajados com o uso de um pin próprio para ser mais fácil identifica-los caso seja necessário. Existe um empenho importante e significativo entre as diferentes entidades envolvidas. O envolvimento e empenho constante e dedicado, como referiu André Coelho Lima (Presidente da

³⁰ Anotações do diário de bordo.

³¹ Te como objetivo a preservação e conservação das Festas Nicolinas e apoiar a sua organização.

³² Responsável pelo culto religioso a S. Nicolau.

³³ Participação em números nicolinos (Posses e magusto e Danças de S. Nicolau) e nas Moinas.

³⁴ Apoio logístico e atribuição de subsídio

Assembleia-geral da ACFN – Associação da Comissões das Festas Nicolinas) “quando chega o frio ocupa-nos a alma”.

A Entrevista realizada à direção da AAELG/VN, onde as respostas foram dadas em conjunto, nomeadamente por Augusto de Castro e Costa (Presidente da direção da AAELG), Miguel Bastos (primeiro secretário da direção da AAELG) e Ricardo Gonçalves (2º vogal, da direção da AAELG), averiguamos que a AAELG/VN ocupa um papel importante na preservação e conservação das Festas Nicolinas, sendo o principal objetivo da associação. Como referiu Augusto de Castro e Costa (Presidente da direção da AAELG), “tenta que a tradição não se perca, respeitando as ideias dos novos Nicolinos, mas não deixar que a essência das festas seja transformada ou se perca”. Ricardo Gonçalves (2º vogal, da direção da AAELG) salientou ainda que “o papel da associação é preservar e conservar a tradição Nicolina (...). E a entidade superentende a tradição Nicolina.”.

Isto é, acompanha e supervisora o trabalho da comissão sem querer interferir intensivamente na forma como as festas são organizadas, como referiu Ricardo Gonçalves (2º vogal, da direção da AAELG) como “ (...) exemplo e exagerando, se nas maçãzinhas em vez de maçãs usarem bananas.”. Porque também considera que a existência de uma interferência intensiva dos velhos nicolinos poderia dificultar “(...) uma atualização relativa a comportamentos das gerações que vieram a seguir (...)”. Importa salientar que as festas têm um caráter religioso, ou seja, têm um culto associado e isso tem que ser preservado. Como diz Ricardo Gonçalves “ (...) são festas dos estudantes a S. Nicolau, desde o séc. XVIII (tradição ao culto), com a construção da capela é que nos faz acreditar que o culto já existiria anteriormente e nós somos os fiéis depositários dessa tradição. ”. Com os factos supramencionados, que a AAELG/VN tem uma intervenção positiva apesar de ser à distância nas Nicolinas.

Relativamente à ACFN (Associação de Comissões de Festas Nicolinas), nas entrevistas realizadas a Miguel Coelho Lima (Presidente da direção) e André Coelho Lima (Presidente da Assembleia-geral) aferimos que o seu envolvimento é apenas participativo nos números nicolinos, nas Moinas Nicolinas e oferece um cabaz nas Posses. Paralelamente, organiza um “Jantar das Instituições” e a Gala Nicolinos D’ouro com o objetivo de premiar as personalidades Nicolinas e elementos da comissão que se destacaram nesse ano. A intervenção é positiva e tem o objetivo de garantir a independência da comissão de festas e garantir as tradições e o espírito nicolino, ou seja, incentivar a partilha de experiências através do contacto inter-geracional.

Quanto à Câmara Municipal de Guimarães, na entrevista realizada à vereadora da cultura, Francisca Abreu, aferimos que a entidade está envolvida através de apoios logísticos e financeiros, ou seja, atribui um subsídio para a organização das festas (que é aproximadamente 5% das despesas das festas, ou seja, não existe um envolvimento monetário elevado), cedência de equipamentos e infraestruturas, viaturas, vigilância da Polícia Municipal e condicionamento ao trânsito, como forma de garantir o melhor funcionamento das Festas Nicolinas. Como incentivo à participação do número das Maçãzinhas, a Câmara Municipal de Guimarães atribui um prémio, em livros, à escola que apresentar o melhor carro das Maçãzinhas. Sendo uma intervenção positiva e relevante para a realização e valorização das expressões tradicionais e identitárias do concelho vimaranense no sentido de preservar a memória e atratividade da cidade como cidade turística e de cultura.

A Câmara Municipal de Guimarães não quer ser o principal mentor das festas porque enquanto as pessoas se interessarem as festas têm sucesso, caso contrário as festas perdiam a sua essência, ou seja, são do povo para o povo e por isso se a Câmara Municipal de Guimarães apoia-se demasiado a tradição ia perdendo-se e ficando dependente da entidade pública.

Na entrevista realizada ao responsável técnico do Turismo de Guimarães, Vítor Marques salientou que “as Nicolinas têm um espírito local que é promovido pelos estudantes. As Festas Nicolinas são festas que por alguma razão a organização não conseguir realizar a Câmara Municipal dará o suporte base para que nunca se deixem de realizar. Podem ser melhores ou piores, maiores ou menores, mas vai existir sempre festas. E esta chama e esta vontade é que lhe dá o valor”. Na análise das entrevistas supramencionadas, verificamos que tanto o Turismo de Guimarães como o Turismo do Porto e Norte Portugal não têm qualquer envolvimento ou contributo nas Festas Nicolinas.

6.3.2.2. Preservação e Conservação do património nicolino

As Festas Nicolinas são únicas na Europa e têm características muito específicas e particulares que as distinguem de outras festas académicas e dos festejos de S. Nicolau do Centro e Norte da Europa. Acontecem no solstício de Inverno junto com a necessidade de dinamizar a cidade.

Importante realçar que as festas são seculares e não é comum umas festas durarem tantos anos, mas pode-se explicar esta durabilidade pelo facto dos vimaranenses

considerá-las como património cultural imaterial da cidade sendo um símbolo da identidade local. As Nicolinas deram origem a um grupo local que atravessa diferentes classes sociais, culturais, políticas, onde existe um forte sentimento de ligação com as festas (Carvalho (1943; 1956); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994) e Miguel (1998)).

As Festas Nicolinas enquadram-se na definição de Património Cultural Imaterial estabelecida pela Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, no nº1, do artigo 2º, no sentido de serem uma prática, representação e também existir aptidões artesanais, nomeadamente a caixa, o bombo e os trajes próprios (vide em anexo IX), ritual festivo reconhecido pelos vimaranenses como parte integrante da sua identidade cultural. A sobrevivência das festas ao longo dos anos deve-se à sua transmissão de geração em geração e a sua recriação todos os anos pela comunidade e pelos estudantes, estando patente o sentimento de partilha, identidade e continuidade.

A definição é completada pelo enquadramento com o nº 2 do artigo 2º, da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, nos seguintes pontos:

- Consistem numa tradição oral pois há uma transmissão entre gerações, por exemplo o ensino dos toques nicolinos. O Pregão devido às suas características singulares é um número onde o idioma tem bastante importância, pois trata-se na elaboração de um texto e a sua recitação.
- As Danças S. Nicolau consistem num espetáculo teatral, realizado por amadores.
- Trata-se de um evento festivo e de uma prática social e ritual pois existe um processo de socialização e de integração sociocultural, com um forte sentimento de partilha e identidade.
- Adicionalmente aos números nicolinos existe um conjunto de produtos artesanais, nomeadamente as caixas e os bombos, instrumentos utilizados nos toques nicolinos.

Nas entrevistas realizadas, aferimos que a AAELG/VN é a entidade com o papel mais ativo e relevante na preservação e conservação do património nicolino bem como a adaptação das festas aos tempos. Como refere Augusto de Castro e Costa (Presidente da direção da AAELG), a AAELG/VN “ (...) tenta que a tradição não se perca, respeitando as ideias dos novos Nicolinos, mas não deixar que a essência das festas seja transformada ou se perca”. Existe uma transmissão de valores mas, devido à globalização sofrem alterações. As tradições não podem ficar agarradas ao passado, isto

quer dizer que existe uma dinâmica do património cultural em que se conserva e preserva a identidade mas, que se vai transformando (Prandi, 1997; Ribeiro & Ferreira, 2009).

Segundo Carvalho (1943; 1956), Silva (1991;1992;1994), Santos (1994), Meireles (1994), Alcântara Santos (1994) e Miguel (1998), as principais mudanças que ocorreram nas Festas Nicolinas foram o alargamento da participação, no número do Pinheiro, aos jovens e às mulheres e as mudanças de local dos números, nomeadamente o enterro do pinheiro³⁵ e o local da realização das maçãzinhas³⁶. Antigamente só os velhos nicolinos e os membros da comissão podiam tocar no pinheiro não havia os mais jovens, agora a participação já se alargou. As mulheres só podiam assistir pois um grande número de raparigas estavam em Conventos ou Colégios, e só tinham permissão de virem às janelas, no dia das Festas Nicolinas, para receber as maçãs³⁷. Atualmente, as mulheres podem participar e tocar bombo ou caixa na noite do Pinheiro, ou seja, consta-se uma evolução na participação das mulheres a partir do 25 de Abril de 1974. Pode-se explicar esta situação com a emancipação das mulheres fim da era de ditadura, as Festas Nicolinas também acompanharam essa transformação (Carvalho, 1943 e 1956; Silva, 1991,1992 e 1994; Santos, 1994; Meireles, 1994; Alcântara Santos,1994 e Miguel,1998).

Miguel Bastos (primeiro secretário da direção da AAELG) referiu que AAELG teve várias mulheres em cargos diretivos mas, que nenhuma comissão das Festas Nicolinas teve mulheres. Não existe nada escrito relativamente se podem ou não pertencer à organização das festas mas, o facto é que nenhuma mulher se candidatou à comissão. No dia que isso acontecer, essa questão das mulheres poderem ou não pertencer à comissão vai surgir, sendo que é um assunto sensível pois “(...) no dia que as festas deixarem de ser dos rapazes para as raparigas, ou seja, a essência das festas, acho que se perde aquilo que é a mística das Festas Nicolinas.”.

Existe uma recriação progressiva e que as festas acompanham a evolução dos tempos pois a existência de rigidez pode dificultar a evolução das próprias festas. As atitudes e comportamentos vão diferindo de anos antecedentes, pelo facto dos estudantes de agora não são os mesmos de 30, 20, 10 anos atrás, um dos casos era a censura às mulheres

³⁵ Passou do Largo do Toural para junto da Igreja de Santos Passos

³⁶ Passou do Toural para a praça de Santiago, sendo que em 2013, voltou à sala de visitas da cidade berço que é o Largo do Toural.

³⁷ . E a maçã era entregue voluntariamente como proposta de namoro pelos rapazes e elas diziam que sim (colocavam uma fita na lança) ou não (colocavam uma colher de pão).

tocarem bombo ou caixa e que agora não há qualquer problema na sua participação. Isto quer dizer que, existe um acompanhamento dos tempos e algumas transformações mas, sem nunca perder a essência e identidade das Festas Nicolinas e por isso AAELG pretende e tenta preservar a tradição. Ou seja, “(...) a identidade também sofre transformações na medida em que se vai construindo, caminhado para o futuro sem esquecer o passado.” (Pedro & Dias, 2008: 12).

Apesar de não obedecerem a um padrão e ao longo dos anos terem-se verificado mudanças, como se referiu anteriormente, não põe de lado a possibilidade de existir um risco de degradação caso a passagem geracional seja deficiente, ou seja, desfiguração da tradição e da sua simbologia. Assim sendo, seria importante a definição clara da sua simbologia para facilitar a sua interpretação e compreensão pelas pessoas. Nos últimos anos, as festas tiveram mudanças e isso não as descaracterizou. Através da observação da realização de cada número, verificamos que alguns números têm menos participação por parte dos estudantes e da população e por isso existe necessidade de intervir como forma de salvaguarda e promoção desses números.

E como refere o nº3, do art.º 2 da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, “ (...) entende-se por ‘salvaguarda’ as medidas que visam garantir a viabilidade do património cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste património em seus diversos aspetos.”.

Portanto, observamos que as Festas Nicolinas apresentam necessidades de salvaguarda, nomeadamente a possibilidade de degradação de determinados números, devido à falta de participação, nomeadamente, as Novenas que só participam os membros da comissão, e atualmente só se realizam num dia. As Posses e Magusto e Pregão têm uma participação reduzida, não atraem a população e nem os jovens, as Maçãzinhas por ser difícil manter e reconstruir os padrões e o romantismo associados a este número. Logo, existe necessidade de se estabelecer medidas de salvaguarda das Festas Nicolinas³⁸. Podemos afirmar, que as Festas Nicolinas têm características específicas e estão inseridas na identidade cultural da cidade de Guimarães, ou seja, a autenticidade, unicidade e singularidade tornam-nas tão simbólicas. Pela importância que têm adquirido, ao longo destes anos, este património vimaranense é valorizado e por

³⁸ Notações do diário de bordo.

isso deve ser preservado e conservado sendo assim essencial a sua transmissão, para não se perder a sua identidade e características.

Como forma de preservação e conservação a AAELG/VN e a Câmara Municipal de Guimarães adotaram algumas medidas como podemos verificar na tabela 10.

Tabela 10 - Medidas preservação e conservação do património nicolino

Divulgação das Festas Nicolinas nas escolas e outros grupos;
Visitas às Torres dos Almadás acompanhadas por uma pessoa que faz uma síntese histórica de forma atrativa;
Atribuição de um prémio por parte da Câmara Municipal de Guimarães, em livros, à escola que apresentar o melhor carro das maçãzinhas;
Cortejo do retábulo ³⁹ ;

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos nas entrevistas

Na tabela 11, podemos averiguar que Festas Nicolinas vão ao encontro aos principais fatores que constituem ‘núcleo vivente de uma cultura’ definidos por Ander-Egg (1999:66-67).

Tabela 11 – Núcleo Vivente de uma cultura

Identidade cultural vimaranense
História e memória da cidade
Participação ativa da população
Sentimento de pertença
Transmissão inter-geracional dos saberes e dos valores das Festas Nicolinas ⁴⁰

Fonte: adaptação própria com base nos dados recolhidos nas entrevistas

³⁹ Tendo que conta que as Festas Nicolinas têm um lado religioso, no sentido de preservar o culto e transmiti-lo às gerações, é realizado uma pequena cerimónia, em que se expões o oratório de Nicolau à capela de S. Nicolau, em que as crianças vão à frente até à Torre dos Almada e depois circulam livremente pela sede da AAELG/VN, este acontecimento é intitulado “O Cortejo do Retábulo”. Como refere Augusto de Castro e Costa “dá uma certa mística àquilo que é as Festas Nicolinas”. Portanto, as Festas Nicolinas têm um culto associado e isso não se pode perder. Como diz Ricardo Gonçalves “são festas dos estudantes a S. Nicolau, desde o séc. XVIII (tradição ao culto), com a construção da capela e que nos faz acreditar que o culto já existiria anteriormente e nós somos os fiéis depositários dessa tradição”.

⁴⁰ Esta tradição é transmitida de geração em geração, existe uma passagem de testemunho, como se verifica, por exemplo, no caso dos toques nicolinos, que são transmitidos dos mais velhos para os mais novos, aprende-se de forma voluntaria, natural e não organizada no sentido que não existe nenhuma entidade a ensinar esses toques.

A valorização das tradições, que são a identidade da sociedade vimaranense pois os vimaranenses identificam-se com as Festas Nicolinas, como forma de conservar e preservar a memória e aumentar atração turística e cultural da cidade berço.

As entidades ligadas às Nicolinas e a Câmara Municipal de Guimarães unem esforços para que, o Governo Português possa apresentar uma candidatura das Festas Nicolinas a Património Oral e Imaterial da UNESCO. Em 2005, foi criada uma comissão especializada na Assembleia Municipal de Guimarães para estudar a proposta. Em 2008, os deputados da Assembleia Municipal aprovaram, por unanimidade, o documento que sustenta o propósito da candidatura e atribui à Câmara Municipal o comando de todo o processo. A candidatura a Património Oral e Imaterial da Humanidade deve ter em atenção a conservação e preservação da identidade das Festas Nicolinas, ou seja, salvaguardar a originalidade das Festas.

Vai ao encontro do nº3 do art.2º da Lei nº107/2001 de 8 de Setembro de 2001, que refere a importância da promoção dos “(...) valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.”. Deve-se aprofundar a importância histórica, ao nível da origem e da sua evolução bem como salvaguardar todo o tipo de documentação histórica (imagens, vídeos, textos, livros, entre outros).

O presidente da direção da AAELG/VN, Augusto Castro e Costa referiu na entrevista realizada, que a associação tem bastante interesse na candidatura e no qual foi-lhe proposto a realização direta da mesma, só que não têm peso institucional para fazer andar o processo, ou seja, não têm “voz” nas entidades que tomam decisões, e por isso seria mais indicado a Câmara Municipal de Guimarães conduzir todo o processo, sendo a associação é elemento importante e que deve estar presente e ser ouvida em todo processo de candidatura, como por exemplo o caso do fado que teve o apoio da Câmara de Lisboa e de alguns grupos de força que levaram à eleição. Ou seja, o município conduz o processo de candidatura devido à experiência e *know how* nestas matérias tanto a nível burocrático, formal, político, recursos humanos, financeiros e materiais, como transmite alínea d), do art.º 13:

“Adotar medidas jurídicas, técnicas, administrativas e financeiras adequadas para:

(i) estimular a criação ou o reforço de instituições de formação em gestão do património cultural imaterial e a transmissão desse património através de fóruns e espaços destinados à sua representação e expressão;

(ii) garantir o acesso ao património cultural imaterial respeitando as práticas consuetudinárias pelas quais se rege o acesso a aspetos específicos desse património;

(iii) criar instituições de documentação sobre o património cultural imaterial e facilitar o acesso a elas”.

Mas, todo o processo deve incluir as associações ligadas às festas como refere o art.º 15 da convenção, “ (...) no âmbito das suas atividades de salvaguarda do património cultural imaterial, cada Estado Parte⁴¹ desenvolve esforços no sentido de assegurar a mais ampla participação possível das comunidades, grupos e, se for caso disso, indivíduos que criam, mantêm e transmitem esse património, e de os envolver ativamente na sua gestão.”.

Nesse sentido, a Câmara Municipal de Guimarães pediu a colaboração da Universidade do Minho, nomeadamente do professor Jean Yves Durand, para a realização de um estudo de suporte à inclusão das Festas Nicolinas na lista nacional de património imaterial. Enquadrando-se com o art.º 13, alínea c) “ (...) fomentar estudos científicos, técnicos e artísticos, assim como metodologias de investigação para uma eficaz salvaguarda do património cultural, em particular do património cultural imaterial em perigo.”. Esse estudo servirá para desenvolver uma consciencialização, consistência, força, singularidade e relevância das festas para uma possível candidatura à UNESCO, ou seja, o Governo Português é que tem o poder de decisão em aceitar a proposta de candidatura das Festas Nicolinas à UNESCO. Esse estudo foi apresentado, no dia 21 de Março de 2013⁴², de uma forma genérica, concluindo-se que a candidatura deve ser refletida devido aos custos que acarreta e que o facto de existir um número elevado de internamentos por excesso de álcool, na noite do Pinheiro, não abona a favor da candidatura, bem como a pouca visibilidade regional e nacional. Considera ainda que a classificação como Património Imaterial Nacional é possível devido ao forte envolvimento vimaranense e por serem uma manifestação cultural singular e histórica⁴³.

As Nicolinas são umas festas onde existe uma participação orgulhosa e intensiva da população local que fazem parte da identidade cultural da cidade e isso cada vez mais contribui para o brilho e essência, como refere Augusto de Castro e Costa (presidente da

⁴¹Segundo o nº4, do artº 2, da convenção “entende-se por “Estados Partes” os Estados que estão vinculados pela presente Convenção e entre os quais ela está em vigor.”

⁴² Estudo encontra na fase final da sua elaboração, sendo que a investigação vai ser lançada em livro.

⁴³Apresentação do estudo antropológico sobre as Festas Nicolinas, que se realizou na Plataforma das Artes e da Criatividade, no dia 21 de março de 2013, às 21:30 horas.

AAELG/VN, “ (...) as festas Nicolinas são dos jovens e a juventude é que é o futuro (...)” e por isso é importante manter a tradição sem esquecer as necessidades do futuro. Existe uma promoção para a conservação e preservação das Festas Nicolinas como forma de salvaguarda-las para o futuro, ou seja, promover a sustentabilidade das Nicolinas e envolver os jovens é uma forma importante para a sua conservação e preservação, com a ligação entre o passado e o presente (UNESCO, 2003).

A classificação como Património Imaterial Nacional e depois uma possível candidatura a Património Oral e Imaterial da Humanidade terá vantagens adicionais para a cidade de Guimarães e existe um alto empenho das entidades envolvidas na possível candidatura. A classificação das Festas Nicolinas como Património Cultural Imaterial pode ser um meio importante para a preservação e conservação mas, também para o aumento da visibilidade externa e promoção como produto turístico.

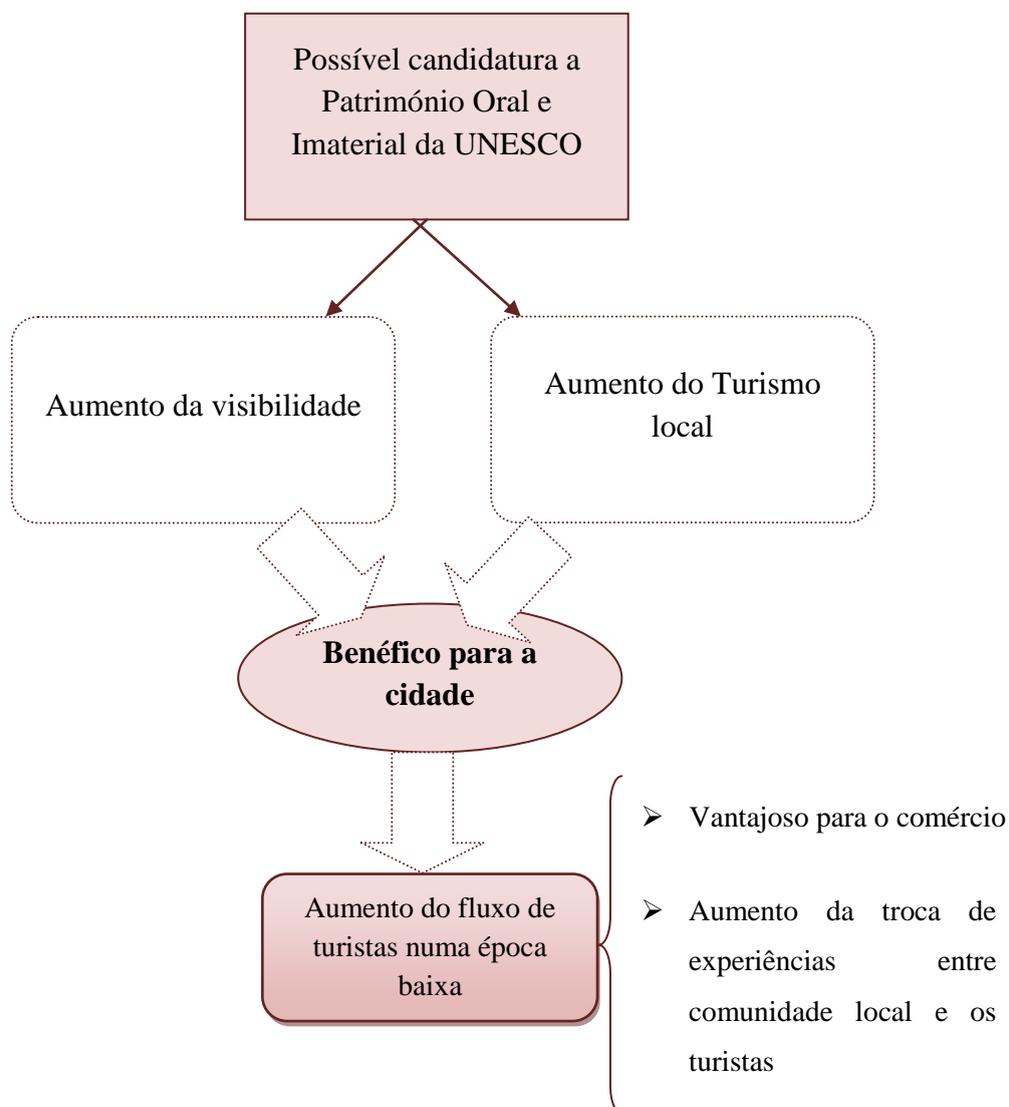
6.3.2.3. Valorização Turística das Festas Nicolinas

A cidade de Guimarães é um centro de cultura patrimonial e tradicional que atrai turistas a nível nacional e internacional. Foi objeto de estudo a relação entre o património cultural imaterial e o turismo sendo o património cultural imaterial importante na identidade e na memória da comunidade vimaranense. O património cultural imaterial é cada vez mais usado para fins turísticos, apesar das vantagens económicas e socioculturais existem também receios na perda de identidade e significado ao tornar o património imaterial um produto turístico.

Todos os entrevistados estão conscientes que uma possível candidatura à UNESCO, as Festas Nicolinas poderão ganhar maior visibilidade e com isso tornar-se uma atração turístico-cultural, ou seja, existir uma valorização turística da história local pois uma candidatura aumenta a visibilidade externa das Nicolinas e por consequência o aumento do turismo. Será ainda benéfico para a cidade de Guimarães, o aumento do turismo numa época baixa e o aumento da visibilidade da cidade e da região, consistindo num factor adicional da atração turística para Guimarães. Para além de ser vantajoso para o comércio devido ao aumento do fluxo de turistas, também é saudável para as pessoas com o aumento de trocas de experiências entre a comunidade e os turistas. A divulgação da cidade ainda estimula o desenvolvimento da região, portanto promovem a imagem e o fluxo económico das regiões, nomeadamente na época baixa impulsionando o desenvolvimento e o crescimento local sustentável, ou seja, beneficiar de forma

democrática a comunidade local (Getz, Anderson & Sheehan, 1998; Raj, 2003; Kohler & Durand, 2007; Beni, 2007; Ribeiro & Ferreira, 2009) (imagem 3).

Imagem 3 - Festas Nicolinas uma atração turístico-cultural



Fonte: elaboração própria com base nas entrevistas realizadas

Na entrevista realizada à direção da AAELG/VN verificamos a importância da cidade se promover enquanto imagem e que, juntamente, é essencial dar a conhecer a existência das Festas Nicolinas que são uma tradição centenária, única e singular. E nesse sentido, a AAELG/VN com a colaboração da Câmara Municipal de Guimarães está a elaborar um roteiro das Festas Nicolinas, no qual realça a sua simbologia. Esse roteiro é para ser distribuído pelos turistas como forma de os informar das festas e dos

locais onde se realizam. Para Augusto Castro e Costa (presidente da direção da AAELG/VN), “ (...) é um património que é nosso, que as pessoas podem vir e usufruir em liberdade e cada vez vem mais pessoas como se tem visto e gente de fora, garantem que gostam disto e que gostam da festa pela festa.”

Portanto, Miguel Bastos (primeiro secretário da direção da AAELG) refere que é essencial que as Festas Nicolinas sejam incluídas como património imaterial vimaranense e que as pessoas, da cidade e de fora, saibam que existe este evento mas, não vê necessidade de promoção turística. Ricardo Gonçalves (2º vogal da direção da AAELG) acrescentou ainda que as Festas Nicolinas, sozinhas, não movimentam uma massa crítica que possa ter impacto turístico, apesar de existirem sempre pessoas com interesse, antropólogo e cultural, em conhecer as festas.

No entanto, a AAELG/VN e a ACFN não consideram benéfico para as próprias Festas Nicolinas torná-las numa atração turística. Miguel Coelho Lima (Presidente da direção da ACFN) refere que os números nicolinos pouco ganham a nível da tradição e dos costumes, pois as festas são do povo para o povo de Guimarães. Portanto, “(...) são feitas de nós para nós (...)”, isto quer dizer que, são do povo para o povo da cidade berço logo, realizadas de baixo para cima. Sendo que as pessoas podem assistir e participar nas festas, mas de uma forma informal. E Ricardo Gonçalves (2º vogal da direção da AAELG/VN), acha que as pessoas “(...) podem não perceber ou sentirem o que é verdadeiramente o espírito nicolino. Pois o espírito nicolino é entrega, abertura, fraternidade entre todos os antigos e novos estudantes.”

Existe uma preocupação na questão de tornar as Nicolinas num produto turístico pois há o medo em perder a identidade e a saudade que a tradição transmite e que lhe é tão característica, ou seja, leva-nos ao problema da autenticidade e do reconhecimento das festas pelos turistas (tabela 14). Nessa linha de pensamento Getz (1989), Dunstan, (1994), Macnells (1976), Wang (1999) Raj (2003) e Pedro & Dias (2008) referem para preservar a originalidade e a autenticidade na realização das festas nem sempre é recomendável tornar a tradição num produto comerciável pois o foco passa a ser o interesse que desperta no turista e não a realização das festas de forma autêntica. Nesse sentido, é importante evitar que as festas se transformem em produtos turísticos clichés e vulgares (tabela 12).

Tabela 12 – Obstáculos em tornar as Festas Nicolinas num produto turístico

Números nicolino pouco ganhariam a nível da tradição e dos costumes

Perda de identidade e da saudade que a tradição transmite

Problema da originalidade, autenticidade e do reconhecimento das festas pelos turistas

Festas Nicolinas poderiam tornar-se num produto turístico vulgar

Fonte: elaboração própria com base nas entrevistas realizadas

A AAELG/VN e ACFN consideram que a existência de um programa turístico tornaria as Festas Nicolinas rígidas, no sentido que ficavam cristalizadas, podendo impedir mudanças e adaptações à atualidade. As mudanças realizadas às festas, aos longos dos tempos, é um tema sensível e tornar as Festas Nicolinas numa atração turístico-cultural pode transformar as comemorações num evento fixo. No entanto, segundo nº1, do art.º 2 da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, “ (...) este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.” Logo, esse problema não se coloca porque, por um lado, não existe nenhum impedimento à evolução e transformação das festas e a sua adaptação aos tempos. Por outro lado, as mudanças das festas são atrativos para os turistas no sentido que existe algo novo para presenciar e experimentar.

Em suma, a opinião dos entrevistados relativamente à potencial valorização turística das festas difere. De facto, enquanto, uns consideram que as festas, como elemento identitário podem contextualizar-se no desenvolvimento do turismo cultural do concelho, outros entrevistados, continuam a destacar a identidade das ditas festas mas, sendo dos e para os residentes (locais). Contudo, esta última perspetiva referenciada não põe em causa a importância turística das festas. De facto, apenas reforça que estes agentes se identificam com as festas numa lógica de respeito e preservação da autenticidade bem como associado a um sentimento de pertença relativamente a este património, o que em si é um elemento determinante para que ele seja algo de ‘vivo’ e consequentemente distintivo de uma cultura. E como se salientam no enquadramento

teórico do presente trabalho estas são as premissas de um turismo cultural, na verdadeira aceção do conceito.

A afirmação dos entrevistados relativamente a que a subordinação das festas a um programa turístico tornaria as festas “rígidas” realça a sensibilidade que já existe para os princípios da sustentabilidade aplicados ao desenvolvimento turístico. Os entrevistados revelam assim, que o turismo deve assentar nas premissas de um desenvolvimento sustentável, o qual entre outros aspetos enfatiza a necessidade de preservação e conservação das práticas não desvirtuando as festas em função das exigências do mercado turístico. O facto sublinha as festas enquanto prática não subordinada às perniciosas tendências da mercantilização da cultura, uma vez visam sim uma relação simbiótica entre turismo e cultura e não uma relação que propicie a eventual adulteração da cultura em função de potenciais exigências mercantis.

6.3.2.4. Visibilidade turística dos números nicolinos

Com análise das entrevistas, verificamos que, por unanimidade, os entrevistados consideram que o número do Pinheiro é o mais atrativo para os turistas e o que movimenta mais pessoas, como menciona Francisca Abreu (vereadora da cultura da Câmara Municipal de Guimarães), “ (...) é um número que atraí mais pessoas, quer residentes quer visitantes. Muitos milhares de cidadãos saem à rua. Apesar da chuva ou do frio, para tocar caixa ou bombo, ou simplesmente, como participantes ou espetadores do cortejo e do enterro do Pinheiro (...)”. Nessa linha de pensamento Vítor Marques (técnico responsável pelo Guimarães Turismo) refere que “ (...) o Pinheiro sim é uma expressão com dinâmica e que se espalha pela cidade (...)”, e ainda menciona o facto de só os atuais e antigos estudantes do secundário poderem participar, apesar de ser tolerado a participação de pessoas de fora desse grupo, sendo que para as festas despertarem interesse turístico têm que alargar a participação a pessoas fora do concelho, mas isso não se faz de uma hora para outro tendo que ser estudado e analisado essa possibilidade.

Esse alargamento não é bem visto pelas instituições Nicolinas como mencionou Miguel Bastos (primeiro-secretário da direção da AAELG/VN) “ (...) aqui participar não podem, apesar de virem e tocarem (participarem de forma informal) e isso diz-nos pouco (...)”, referindo nomeadamente ao número do Pinheiro que é o têm mais afluência, nomeadamente a Ceia Nicolina, Miguel Bastos (primeiro-secretário da direção da AAELG/VN) referiu ainda que “ (...) até os próprios Velhos Nicolinos tem

dificuldade em encontrar restaurantes para jantar nesse dia, nem podemos oferecer (...)”, constata o elevado número de pessoas que participam no número do Pinheiro.

Sendo que para os residentes esse número do Pinheiro também é importante mas, acompanhado pelo número das Maçãzinhas, como mencionou André Coelho Lima (Presidente da assembleia-geral da ACFN). As Danças de S. Nicolau, um número com bastante aderência, realizadas na maior sala de espetáculos da cidade, o Centro Cultural de Vila Flor, e que têm sempre lotação esgotada como mencionou Augusto Castro e Costa (presidente da direção da AAELG/VN), “ (...) as danças de S. Nicolau é um número que antes 2 meses, mais ou menos, estão esgotados os bilhetes (...)”. Para Vítor Marques (técnico responsável pelo Guimarães Turismo) seria “ (...) contraproducente promover as danças que é um evento, que não tem capacidade para dar resposta às pessoas que já querem ir e não conseguem, vamos estar a promover um evento para as pessoas chegarem à porta e não ter bilhete”, referiu ainda que este número esgota totalmente o número de lugares do “auditório do vila-flor que leva 800 lugares mas, se fossem 1500 estavam vendidos sem promoção e sem único esforço (...)”.

Os entrevistados referem que existem números nicolinos que despertam interesse às pessoas quer residentes quer turistas. Mas, não acham relevante a promoção como atração turística mas, sim a sua conservação e preservação. E que Guimarães enquanto cidade de cultura e de turismo saiba dar a conhecer a quem nos visita, ou seja, estimular a identidade e a valorização da herança e da memória.

6.4. Síntese do capítulo

Verificamos, neste capítulo, que a Região Norte de Portugal possui um enorme potencial turístico ao nível cultural pela diversidade de património cultural existente. Guimarães é uma cidade de cultura e valoriza as suas tradições, como é o caso das Festas Nicolinas que são festas seculares e enraizadas na identidade local.

As Nicolinas adaptaram-se aos tempos motivando a participação de um maior número pessoas, principalmente jovens, promovendo o sentido de continuidade. As entidades públicas e associações Nicolinas reconhecem, que devido ao facto da realização das festas ser numa época baixa do turismo na cidade, seria uma forma de atrair visitantes e turistas. Existe unanimidade, relativamente, ao facto de que uma possível candidatura a Património Imaterial da Unesco, daria às Festas Nicolinas uma maior notoriedade e visibilidade externa e com isso aumento do turismo, sendo benéfico para a cidade e para

a economia local que se recente ainda do fator crise instalada na região nos últimos anos.

Tornar as festas num produto turístico não é um risco de perda de identidade pois a autenticidade e unicidade das festas populares são dinâmicas podendo desenvolver outros significados e simbolismos com o decorrer dos anos. Transformá-las em atrações turísticas poderá ser apenas uma mudança e as mudanças poderão acrescentar valor, e dar vida património, ou seja, o património cultural imaterial renova-se no sentido de despertar interesse à comunidade local e às pessoas externas à cidade, caso contrário torná-las-iam rígidas à tradição e com isso uma possível perda no esquecimento como tantas outras.

Capítulo VIII - Conclusão

Associado ao papel relevante do turismo no desenvolvimento socioeconómico e cultural, a presente dissertação de mestrado ambicionou averiguar a valorização turística do património cultural imaterial tendo como estudo de caso as Festas Nicolinas da cidade de Guimarães. A questão central do qual partimos para este estudo foi a seguinte: Em que medida os planos e as medidas desenvolvidas pelas entidades públicas e as associações envolvidas com as Festas Nicolinas têm contribuído para a valorização turística deste património imaterial e para a manutenção e preservação da sua identidade e autenticidade?

Os objetivos que definimos e nos propusemos alcançar foram cumpridos. Procedemos à revisão da literatura em domínios temáticos tais como turismo, cultura, património imaterial, planeamento e gestão turísticos, entre outros. Identificamos e analisamos os principais instrumentos de planeamento com repercussões na valorização das Festas Nicolinas do concelho, no que respeito ao turismo cultural (turismo associado às festas populares). Averiguamos em que medida as Festas Nicolinas, enquanto património imaterial, se identificam com os critérios de classificação de Património Oral e Imaterial da Humanidade da UNESCO. Determinamos de que forma as entidades públicas possuem uma dinâmica interventiva valorizadora nas “Festas Nicolinas”, do ponto de vista turístico. Averiguamos através de que tipo de intervenção da AAELG/VN contribui para a valorização das Festas Nicolinas.

A análise das entrevistas permitiram clarificar algumas perceções relativamente à valorização turística das Festas Nicolinas e à sua preservação, sendo importantes para dar resposta à questão de partida desta dissertação.

Concluimos que as Festas Nicolinas possuem características únicas, singulares e inteiramente de expressão popular com um significado há muito enraizado no povo de Guimarães. Assim, constata-se que não será difícil a inscrição das Festas Nicolinas no Inventário Nacional de Património Imaterial. O processo seguinte será uma possível candidatura a Património Oral e Imaterial da Humanidade da UNESCO, no qual a Câmara Municipal de Guimarães e as Associações Nicolinas unem esforços em prol de um interesse comum, requerendo uma exigente reflexão pública dos *stakeholders*. Verificamos ainda que se a candidatura for avante, todo o processo a Património Oral e Imaterial da Humanidade por si só garantirá reconhecimento e notoriedade, tornando-se

uma vantagem para Guimarães ao nível turístico. Estimulando assim o turismo, numa época baixa, sendo benéfico para a economia local. Esse reconhecimento fará com que as festas possam ser visitadas não só pela população local, mas passarão a ter uma visibilidade externa.

Constamos, ainda, que as Nicolinas sofreram adaptações, ao longo dos tempos, e que existe uma recriação permanente da tradição, o que revela um sentido de continuidade que estimula a sua salvaguarda, fomenta e fixa o sentimento de identidade local, no qual a todos entrevistados desempenham um papel fulcral e com interesse na preservação das festas. Estas adaptações estabelecem uma dinâmica cultural, com a inclusão de novos aspetos e a extinção de outros e tornar as Nicolinas uma atração turística era apenas mais uma adaptação. Averiguamos que, por um lado, as Nicolinas como produto turístico-cultural isolado, não consegue atrair uma massa crítica suficiente, visto que o conhecimento que existe sobre este evento tem uma escala local e dos concelhos vizinhos, ou seja, as Festas Nicolinas têm uma dimensão local e não uma estratégia regional ou projeção nacional. Por outro lado, existem características das festas que dificultam a sua valorização turística, como o facto de não existir abertura na participação nos números nicolinos de pessoas exteriores à cidade, bem como a resistência por parte das associações Nicolinas em tolerar a participação de pessoas que não sejam antigos ou atuais estudantes do ensino secundário de Guimarães, pois consideram que as Nicolinas são realizadas do povo de Guimarães para o povo de Guimarães, ou seja, “feitas por nós e para nós”.

Em suma, as opiniões dos entrevistados referentes à potencial valorização turística das festas são diferentes. Uns consideram que as festas enquanto elemento identitário podem contextualizar-se no desenvolvimento do turismo cultural do concelho, enquanto outros continuam a realçar a identidade das ditas festas como sendo apenas da para a população. Todavia, está última perspetiva mencionada não põe em causa a importância turística das festas, apenas fortalece que estes agentes se identificam com as festas numa ótica de respeito e preservação, associado a um sentimento de pertença relativamente a este património, o que em si é um elemento decisivo para que ele seja algo de “vivo” e consequentemente distintivo de uma cultura. E como de destacam no enquadramento teórico da atual dissertação estas são as premissas de um turismo cultural, na verdadeira interpretação do conceito.

A afirmação dos entrevistados relativamente a que a subordinação das festas a um programa turístico tornaria as festas “rígidas” realça a sensibilidade que já existe para os princípios da sustentabilidade aplicados ao desenvolvimento sustentável, o qual entre outros aspetos a realçar é a necessidade de preservação e conservação das práticas não deturpando as festas em função das exigências do mercado turístico. O facto revela as festas enquanto prática não submissa às prejudiciais tendências da mercantilização da cultura, uma vez que visam uma relação harmoniosa entre turismo e cultura e não uma relação que proporcione a eventual deturpação da cultura em função de potenciais exigências comerciais.

No que respeita as limitações do estudo, podemos referir a limitação temporal para a sua elaboração, amostra pouco significativa e a falta de estudos relacionados com a população alvo.

Propomos como reflexão que para as Festas Nicolinas terem impacto turístico-cultural deverão existir algumas mudanças. Essas mudanças não se fazem de um dia para outro, será necessário uma análise os prós e os contras, analisando medidas que estabeleçam uma harmonia entre os interesses das Nicolinas e aquilo que atraí os turistas. Atrair os turistas sem esquecer a satisfação das necessidades da comunidade local, tendo patente a não comercialização das Nicolinas mas, sim abri-las ao exterior, no sentido de dar a conhecer aos outros uma manifestação cultural fixada na memória da população vimaranense, portanto, deve-se evitar tornar as festas num evento banal. Será necessário, então, um envolvimento tanto das instituições Nicolinas, como entidades públicas, no entanto, reconhecemos que não existe um envolvimento de entidades ligadas ao turismo, como Turismo de Guimarães e o Turismo do Porto e Norte Portugal, mas seria importante na colocação dos Touring cultural do Norte. Nesse sentido, para investigações futuras, seria interessante estudar as seguintes questões: Que medidas serão necessárias para despertar um interesse sustentável como produto turístico a incluir na promoção do Turismo Porto e Norte de Portugal? A aposta na promoção e divulgação turística das Nicolinas não seria benéfica para a cidade, no sentido de estimular o turismo numa época considerada baixa?

Bibliografia

- AAELG (1997), Pregões de São Nicolau - desde 1817. Guimarães.
- AAELG (2003), Os Velhos:2003. Guimarães.
- ALCÂNTRA SANTOS, M. (1994), *Sob o signo de S. Nicolau*. Museu Alberto Sampaio e Irmandade de S. Nicolau. Guimarães.
- ANDER-EGG, E. (1999), *La política cultural a nível municipal*. Actas do IV congresso Internacional de animação sociocultural, nº 4, p.84-105. Viseu.
- ANDRADE, J.V. (1998), *Turismo: Fundamentos e dimensões*, São Paulo, Editora Ática.
- ANDRÉ, M. (1995), *Etnografia da prática escolar*. Papirus, Campinas.
- ANDRÉ, M. et al. (2003), *Turismo cultural: cuando el recurso cultural supera al destino turístico. El caso de Figueres*, comunicação apresentada no XII International Leisure and Tourism Symposium, 3 e 4 de Abril de 2003, ESADE – Fira de Barcelona.
- ALMEIDA, M. (1996), *Tipos de pesquisa*. In: ALMEIDA, M. Como elaborar monografias. Cap.4, p. 101-110, 4ª edição. Cejup, Belém.
- BALLART, J. (1997), *El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*, Barcelona, Ariel Patrimonio.
- BARRETO, M. (1999), *Planeamento e Organização em Turismo*, 2ª edição, Campinas.
- BARRETO, M. (2007), *Cultura e Turismo: Discursões Contemporânea*, 1ª Edição. Papirus.
- BELL, J. (2002), *Como realizar um projeto de investigação*. Gravida, Lisboa.
- BENI, M. C. (1998), *Análise Estrutural do Turismo*, 2ª Edição. SENAC, São Paulo.
- BENI, M. C. (2007), *Planeamento estratégico e gestão local/regional do turismo*. In: SEABRA, G. Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa, UFPB.
- BENJAMIM, R. (2001), *As festas populares como processos comunicacionais: expandindo a proposta da obra fundadora*, in Anuário Unesco/ Unesp de Comunicação Regional, Ano V, nº 3; p.17-2.
- BRITO, M.; SILVA, C. (2005), *Turismo e Planeamento: a Continuidade ou a Auto-Destruição*, Revista Turismo e Desenvolvimento, v.2, nº 2, p. 11-24.
- BRITO, J. & FONTES, N. (1997), *Turismo e eventos: instrumentos de promoção e estratégia de marketing*. Turismo em análise, São Paulo. Acesso em 29-12-2013, <http://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/645/421>.

- BRITO, J & FONTES, N. (2002), *Estratégias para eventos: uma ótica do Marketing e do turismo*. Carnaval Multicultural, São Paulo.
- BURKE, P. (1989), *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Cia. das Letras..
- CABRAL, C. (2009), *Património Cultural Imaterial*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política de Lisboa.
- CADIMA RIBEIRO, J.; VAREIRO, L.; FABEIRO, C. P. & PARDELLAS, X. (2005), *Importância da celebração de eventos culturais para o turismo do Minho-Lima: um estudo de caso*. XI Congresso da APDR - O Papel das Universidades no Desenvolvimento das Regiões. Faro. P.61-76. Acesso em 01-08-2013, <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5143>.
- CADIMA RIBEIRO, J.; REMOALDO,P.C.A. & MOTA, M. (2011), *Alto Minho : destino de turismo cultural?*. Estudos regionais: revista da cultura do Alto Minho, p. 205-215.
- CADIMA RIBEIRO, J.; REMOALDO,P.C.A. & MOTA, M. (2012), *Cultural tourism in the northwest Portugal : the case of the world heritage site of Guimarães*. Grandes Problemáticas do Espaço Europeu..., Porto: FLUP. p. 204 – 228.
- CÂMARA MUNIPIAL DE GUIMARAES (2012), *Cidade Europeia do Desporto*. Guimarães 2012. Guimarães, Portugal. Acesso em 29-05-2013, <http://www.guimaraes2013.pt/documentos/processo.pdf>
- CARNEIRO, E.; OLIVEIRA,S. A. & CARVALHO,K. D. (2010), *Turismo cultural e sustentabilidade: uma relação possível?* Revista eletrónica de turismo cultural, v.4, nº1, p. 4-22. Acesso em 19-10-2013, <http://www.eca.usp.br/turismocultural/07.1Carneiro.pdf>.
- CARVALHO, P. (2009), *Planeamento, redes territoriais e novos produtos turísticos eco-culturais*. In: 2º Congresso Lusófono de Ciência Regional. Praia, Cabo Verde, p. 1421-1439.
- CARVALHO, R. (2011), *Os eventos culturais e criativos poderão ou não contribuir para uma imagem diferenciadora do destino turístico maduro?* dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Tomar.
- CARVALHO, A.L (1943), *O "S. Nicolau". Tradições Académicas de Guimarães.*, Liceu Martins Sarmiento, Guimarães.
- CARVALHO, A.L (1956), *O "S. Nicolau". Tradições Académicas de Guimarães.*, 2ª edição. Liceu Martins Sarmiento, Guimarães.

- CAVACO, C. & SIMÕES, J.M. (2009) *Turismos de Nicho: uma Introdução*, in Simões, J.M. e C.C. Ferreira (eds.) *Turismos de Nicho – Motivações, Produtos, Territórios*, p. 15-39. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CCDR-N (2006), Norte 2015, *Competitividade e Desenvolvimento – Uma Visão Estratégica*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte. Porto. Acesso em 27-12-2013, <http://norteemrede.inescporto.pt/planeamento-regional/informacao-transversal/recursos/norte-2015-competitividade-e-desenvolvimento-uma>.
- CCDR-N (2008). *Plano de Ação para o Desenvolvimento Turístico do Norte de Portugal*, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte. Porto. Acesso em 27-12-2013, <http://norteemrede.inescporto.pt/planeamento-regional/informacao-transversal/doc.-definitivos-plano-de-accao/PlanoAccaoTurismo.pdf/view>.
- COSTA, C. (2005), *Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000)*. *Análise Social*, vol. XL (175), 279-295. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa. Acesso em 16-10-2013, <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aso/n175/n175a02.pdf>.
- COSTA, J.; RITA, P. & ÁGUAS, P. (2004). *Tendências Internacionais em Turismo*. 2ª Edição Revista e Aumentada. Edições Lidel, Lisboa.
- CRUZ NETO, O. (2002), *O trabalho como descoberta de criação*. In: MIANYO, M. S. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª edição, cap. 3, p.51-64. Vozes: Petrópolis.
- CUNHA, L. (1997), *Economia e política do turismo*, McGraw-Hill, Lisboa.
- CUNHA, L. (2001), *Introdução ao Turismo*. Verbo, Lisboa.
- CUNHA, L. (2008), *Avaliação do Potencial Turístico*. *COGITUR, Journal of Tourism Studies*, v.1, nº1. Acesso em 16-10-2013, <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/jts/article/view/22/5>.
- DANTAS, A. (1920), *Os Velhos: 1895-1920*. Guimarães.
- DECRETO-LEI nº 107/2001 de 8 de Setembro de 2001. *Diário da República* Nº209. - Série I-A. *Diário da República*. Lisboa, p.5808 a 5829.
- DERRET, R. (2000), *Can Festivals brand community cultural development and cultural tourism simultaneously?*, *Events Beyond 2000*, in (ALLEN et al, 2000) *Proceedings of Conference on event evaluation, research and education*, Sydney, 120-129. Acesso em 29-12-2013, http://epubs.scu.edu.au/tourism_pubs/285/.

- DIAS, R. (2003), *Planeamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. Atlas, São Paulo.
- DIAS, R. (2006), *Turismo e património cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*, 1ª edição. Saraiva, São Paulo.
- DIMMOCK, K. & TIYCE, M. (2001), *Festivals and Events: celebrating special interest tourism*, in DOUGLAS, Norman; DOUGLAS, Ngaire; DERRET, Ros (2001), *Special Interest Tourism: Context and Cases*, Chichester: John Wiley & Sons.
- DUNSTAN, G. (1994), *Becoming coastwise, the path of festivals and cultural tourism*. Landscape and Lifestyle Choices for the Northern Rivers of NSW. Lismore: Southern Cross University.
- ENRIGHT, M. J. & NEWTON, J. (2005), *Determinants of Tourism Destination Competitiveness in Asia Pacific: Comprehensiveness and Universality*, *Journal of Travel Research*, v. 43, p. 339-250. Acesso em 15-10-2013, <http://www.estig.ipbeja.pt/~aibpr/Ensino/EngDesenvTur/MaterialdeApoio/2semestre/CrouscheRitchie/AsiaStudyCase.pdf>.
- EUROSTAT (1998), *Metodologia Comunitária sobre Estatísticas do Turismo*. Acesso em 16-10-2013, http://bookshop.europa.eu/pt/metodologia-comunit-ria-sobre-estat-sticas-do-turismo-pbCA2199028/downloads/CA-21-99-028-PT-C/CA2199028PTC_001.pdf;pgid=y8dIS7GUWMdSR0EAIMEUUsWb0000OUJe_KCE;sid=7RhNcYcD9rVNcdfc5nfT1uUmoHtTAyXAkUg=?FileName=CA2199028PTC_001.pdf&SKU=CA2199028PTC_PDF&CatalogueNumber=CA-21-99-028-PT-C.
- FEATHERSTONE, M. (1994), *Globalization and the problem of cultural complexity*, In *Actas do Colóquio Cultura & Economia*, M^aL. Lima dos Santos (Coord.), Lisboa, ICS.
- FERREIRA, L. (2009), *Os impactos do turismo nos destinos turísticos*, *Percursos & Ideias Revista Científica do ISCET - Nº 1 - 2ª Serie*, pp. 105-116.
- FREITAS SANTOS, J.; VAREIRO, L.; REMOALDO, P. & CADIMA RIBEIRO (2013), *Evaluating the Guimarães 2012 European Capital of Culture: a tourist perception approach*. TMS Algarve 2013 – Tourism and Management Studies. 13-16 de Novembro. Olhão, Portugal.
- FUNDAÇÃO DE SERRALVES (2008), *Estudo Macroeconómico para o desenvolvimento de um cluster das Indústrias Criativas na Região do Norte*, Porto.
- GARRIGÓS, R. (1997), *La Gestión y el Gestor Del Patrimonio Cultural*, Murcia.
- GELLNER, E. (1998), *Nationalism*, Londres, Phoenix.

- GETZ, D. (1989), *Special events: Defining the product*. *Tourism Management*, 10 (2), 125-137
- GETZ, D. (1991a), *Festivals, special events, and tourism*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- GETZ, D. (1991b), *Special events*, in *Managing tourism*, MEDLIK (ed.), Butterworth Heinemann, Oxford.
- GETZ, D., ANDERSON, D., & SHEEHAN, L. (1998), *Roles, issues, and strategies for convention and visitors' bureaux in destination planning and product development: A survey of Canadian Bureaux*. *Tourism Management*, v.19, nº 4, p. 331-340.
- GETZ, D. (2001), *O evento turístico e o dilema da autenticidade*, in THEOBALD, William F. (org.), *Turismo Global*, S. Paulo: SENAC, p. 423-440. Acesso em 01-10-2013, <http://books.google.com.br>.
- GHIGLIONE, R. & MATALON, B. (2001). *O Inquérito*, 4ª edição. (C. L. Pires, Trad.), Celta, Lisboa.
- GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B & MCINTOSH, R. W, (2002), *Turismo: princípios, práticas e filosofias*, 8ª edição, p. 478. Bookman, Porto Alegre.
- GOMES, R. (2002), *A análise de dados em pesquisa qualitativa*. In: MIANYO, M. S. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª edição, cap. 4, p.67-79. Vozes: Petrópolis.
- GRÄNGSJÖ, Y. (2003), *Destination Networking Co-operation in Peripheral Surroundings*, *International Journal of Physical distribution & Logistics Management*, vol. 33, nº 5, p. 427-448.
- GUERREIRO, V. (1998), *Trabalho Universitário - História D'Arte, Caso Prático: O castelo de Silves*, Universidade do Algarve.
- HENRIQUES, C. (2003), *Turismo, Cidade e Cultura: planeamento e gestão sustentável*, Lisboa, Edições Sílabo.
- HENRIQUES, C. (2007), *Turismo cultural e desenvolvimento local: uma relação criativa?*, 13º Congresso da APDR – Actas do Congresso (CD-ROM), Ilha Terceira, Açores, p. 24.
- HENRIQUES, C. (2008), *Património Cultural e Turismo: Uma relação Simbiótica*. Análise de dois percursos turístico-culturais: James Joyce e Fernando Pessoa, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº10, p.25-39.
- HENRIQUES, C. (2012), *Turismo Sustentável e valorização patrimonial. A (re)construção da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira – o primeiro naturalista português*. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, vol. 2, nº17/18, p. 1081-1091.
- HERBERT, T. D. (1995), *Heritage, Tourism and Society*, London, Mansell Publishing.

- HEWISON, R. & HOLDEN, J. (2011), *The Cultural Leadership Handbook: How to run a Creative Organization*, Gower.
- ICOMOS (1999), *Carta Internacional de Turismo Cultural: Gestão do Turismo nos Sítios com Significado Patrimonial*, Paris, França. Acesso em 18-12-2013, http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoeinovacao/Documents/Doc10_CartaInternacionalTurismoCultural.pdf.
- ICOMOS (2002), *ICOMOS International Cultural Tourism Charter: Principles And Guidelines For Managing Tourism. At Places Of Cultural And Heritage Significance*. Graham Brooks, Chairman. Acesso em 17-12-2013, <http://hgk.biznet.hr/hgk/fileovi/5674.pdf>.
- IGNARRA, L. R. (2003), *Fundamentos do Turismo*, 2ª edição. Pioneira, São Paulo.
- IGNARRA, L. R., (1999), *Fundamentos do Turismo*. Pioneira, São Paulo.
- INE (2013), *Estatísticas do turismo 2012*. Turismo de Portugal, Lisboa. Portugal. Acesso em 08-01-2014, http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=143016657&PUBLICACOESstema=55581&PUBLICACOESmodo=2.
- INE (2012a), *Censos 2011 Resultados Definitivos – Portugal*. I.P. Lisboa · Portugal. Acesso em 10-10-2013, http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESstema=00&PUBLICACOESmodo=2.
- INE (2012), *Estatísticas do turismo 2011*. Turismo de Portugal, Lisboa. Portugal. Acesso em 08-01-2014, http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=143016014&PUBLICACOESstema=55581&PUBLICACOESmodo=2.
- INE (2012), *Estatísticas da Cultura 2011*. I.P. Lisboa · Portugal. Acesso em 10-10-2013, http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=149181316&PUBLICACOESstema=55554&PUBLICACOESmodo=2.
- INSKEEP, E. (1991), *Tourism planning: an integrated and sustainable development Approach*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- LADEIRAS, A.; AIRES, J., GOMES, J.; BELÉM, M. & LEITE, S., (2005), *Plano estratégico do Alto Minho*. IPDT, Santa Maria da Feira.
- LAGE, B. & MILONE, P. (2000), *Turismo: Teoria e Prática*. Atlas, São Paulo.

- LAKATOS, E. & MARCONI, M. (1987), *Pesquisa Bibliográfica*. In: LAKATOS, E. M., MARCONI, M. D. A. Metodologia do trabalho científico. 2ª Edição. Cap. 2, p. 44-79. Atlascap, São Paulo.
- LAKATOS, E. & MARCONI, M. (1991), *Metodologia científica*, 2ª edição. Editora Atlas, São Paulo.
- LAKATOS, E. & MARCONI, M. (1996), *Técnicas de pesquisa: planeamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3ª Edição. Atlas, São Paulo.
- LAKATOS, E. & MARCONI, M. (2001), *Fundamentos de metodologia científica*, 4ª edição. Atlas, São Paulo.
- LONG, P. T. & PERDUE, R. (1990), *The Economic Impact of Rural Festivals and Special Events: Assessing the Spatial Distribution of Expenditures*. Journal of Travel Research, v.28, n°4, p. 10-14.
- MARQUES, L. (2011), *Cidades de Eventos: O Caso de Lisboa*. Actas do Congresso do Centenário do Turismo em Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa.
- MATHIESON, A & WALL, G (1982), *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*, Longman Publishing Group, Essex.
- MAYFIELD, T. & CROMPTON, J. (1995), *Development of an instrument for identifying community reasons for staging a festival*. Journal of travel research, v.33, p. 37-44. Acesso em , 29-12-2013, <http://jtr.sagepub.com/content/33/3/37.short> .
- MCCLEARY, K. (1995), *Applying internal marketing techniques for better festival organization and management*. Festival Management and Event Tourism, v. 3, n° 1, p.1-7.
- MCKERCHER, B. & CROS, H. (2002), *Cultural Tourism - The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management*, Routledge, Taylor and Francis Group, New York, London.
- MEIRELES, M.J (1994), *S. Nicolau – documentos e pregões existentes na SMS*. Revista de Guimarães, n.º 104, p. 287-357.
- MICHELON, R. & CARDONA, R. (2007), *O processo de comercialização de produtos turísticos*, Manual do participante, Porto Alegre. Acesso em 31-01-2014, [http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/3A3813A26EAB176A8325762700509631/\\$File/NT00041FDA.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/3A3813A26EAB176A8325762700509631/$File/NT00041FDA.pdf).
- MIDDLETON, V. (1989), *Tourism Management*. Butterworth & Co Publishers, England.

- MILLER, J. & GLASSNER, B. (2009). *The “Inside” and the “Outside”: Finding Realities in Interviews*. In D. Silverman (Ed.), *Qualitative research: Theory, methods and practice*, 2ª ed., pp. 125-139, Sage, Los Angeles.
- MINAYO, M. (1992), *Fase de trabalho de campo*. In: MINAYO, M.C.S.M. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 1ª edição, cap. 3, p.105-196. HUCITEC-ABRASCO, São Paulo-Rio de Janeiro, Brasil.
- MINAYO, M. (2002), *O desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, M. S. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª Edição, cap. 1, p.9-29. Vozes: Petrópolis.
- MIGUEL, F. (1998), Cartilha Nicolina. AAELG. Acesso em 17-01-2013, <http://manueljms.org/000281-CartilhaNicolina-FernandoCMiguel.pdf>
- MOTA, A.; LADEIRAS, A. & COSTA, J (2007), *Contributos para um Modelo de Planeamento Estratégico em Turismo*, Universidad de La Rioja, p. 3087-3100. Acesso em 27-12-2012, www.dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2234680.pdf.
- NICCOLUCCI, F. (2007), *Digital Applications for Tangible Cultural Heritage*. Acesso em 30-09-2013, <http://public-repository.epoch-net.org/publications/SOTU2/sotu2.pdf> .
- NWHO (1999), *Sustainable Tourism and Cultural Heritage: A Review of Development Assistance and Its Potential to Promote Sustainability*. World Bank. Acesso em 18-12-2013, http://www.nwhf.no/files/File/culture_fulltext.pdf.
- OECD (2009), *The Impact of Culture on Tourism*, OECD, Paris, Spanish translation by the Tourism Ministry of Mexico of p. 3- 75. Acesso em 06-01-2013, <http://www.oecd.org/cfe/tourism/42040227.pdf>.
- OMT (1993), *Indicators for the Sustainable Management of Tourism: Report of the International Working Group on Indicators of Sustainable Tourism to the Environment Committee World Tourism Organization*, World Tourism Organization, Madrid.
- OMT (1995), *Concepts, Definitions and Clasificacions for Tourism Statistics: a Technical Manual*, Madrid.
- OMT (2003), *Turismo Internacional uma perspetiva global*. Porto Alegre, Editora Bookman.
- OMT (2001), *Apuntes de Metodologia de la Investigación en Turismo*, Madrid.
- PARDAL, L. & CORREIA, E. (1995), *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal, Porto.
- PEDRO, C.,F. & DIAS, R., (2008), *Património imaterial e turismo: o caso do município de Jequitibá-MG*, Caderno virtual de turismo, v.8, nº 3,art.4º p.41-53, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Acesso em 18-11-2013,

<http://www.spell.org.br/documentos/ver/1938/patrimonio-imaterial-e-turismo--o-caso-do-munic-->.

- PINE, B. J., & GILMORE, H. J. (1999), *The Experience Economy: Work is Theatre and Every Business a Stage*. Boston, Mass: Harvard Business School Press.
- PINTO DE CASTRO, A. (1945), *Os Velhos: 1895-1945*. Guimarães.
- PINTO DE CASTRO, A. (1970), *Os Velhos: 1895-1970*. Guimarães.
- PRANDI, C. (1997), *Tradições*, in Enciclopédia Einaudi – Vida/morte-Tradições-Gerações, v. 36, p. 166-197, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, Lisboa.
- PRESIDÊNCIA DO CONCELHO DE MINISTROS, Resolução do Concelho de ministros nº 53/2007, de 4 de Abril de 2007. Diário da República Nº67. - Série I. Diário da República. Lisboa, Portugal, p. 2166 a 2174.
- QUIVY, R & CAMPENHOUDT. L.V. (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 5ª edição. Gradiva, Lisboa.
- QUIVY, R & CAMPENHOUDT. L.V. (1998), *Manual de investigação em ciências sociais*, 2ª edição. Gradiva, Lisboa.
- RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. (1987), *Dicionário de Comunicação*, São Paulo: Editora Ática.
- RAJ, R. (2003), *The impact of festivals on cultural tourism*, 2nd DeHaan Tourism Management Conference “Developing Cultural Tourism”. Nottingham. Acesso 25-9-2013, <http://sangu.edu.ge/books/eko/Developing%20Cultural%20Tourism.pdf>.
- RAPOSO, P. (2002), *Cultura Popular: autenticidade e hibridização*, acesso em 01-20-2013, <https://sites.google.com/site/pjpraposo/>.
- REIS, M. (2004), *Património e ambiente : duas dimensões da cidadania moderna*, In Ambiente e Desenvolvimento (Lima, L.; Cabral, M. e Vala, J. org.), p.193-238. ICS, Viseu.
- RIBAS, T. (1992), *A festa do povo e o folclore na viragem do século*, in Actas do Congresso Internacional “A Festa no séc. XVIII”, Sociedade Portuguesa de Estudos do Séc. XVIII. Universitária Editora, Lisboa.
- RIBEIRO, S. & FERREIRA, L. (2009), *As festas populares urbanas – eventos turísticos especiais*, Revista científica do ISCET: Percursos e Ideias, nº1, 2ª série.
- RICHARDS, G. (1996), *Introduction: Culture and Tourism in Europe* in Richards, G. (ed.): *Cultural Tourism in Europe*. Oxon: CAB International.
- RICHARDS, G. (2000), *Políticas y actuaciones en el campo del turismo cultural europeo*, em HERRERO PRIETO, L. C. (coord.) (2000): *Turismo cultural: El patrimonio histórico*

- como fuente de riqueza. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León.
- RICHARDS, G. (2004), *Nuevos caminos para el turismo cultural?*, ATLAS, Barcelona, Observatorio Interarts.
- RICHARDS, G., & WILSON, J. (2005). *Developing creativity in tourist experience: A solution to the serial reproduction of culture?* *Tourism Management*, v. 27, p. 1209-1223.
- RICHARDS, G. (2007), *Cultural Tourism: global and local perspectives*. In G. Richards (Ed.), p. 355, ATLAS.
- RICHARDS, G. & WILSON, J. (2007), *Tourism, Creativity and Development*. Oxon, Routledge.
- RITCHIE, J. & ZINS, M. (1978), *Culture as determinant of the attractiveness of a tourist region*, In *Annals of Tourism Research*, v.5, p. 252-270.
- ROWE, D. et al. (2001), *A cultural tourism plan for the Maitland and Dungog district*, NSW, Austrália, The Commonwealth Department of Transportation and Regional Services.
- RUNA, L. & RODRIGUES, M.J. (1998), *Turismo e Fruição cultural*, in *Turismo: Horizontes Alternativos*, p. 71-77. Edições Colibri, Lisboa.
- RUSCHMANN, D. V. M., (1999), *Turismo e Planeamento Sustentável - A Protecção do Meio Ambiente*, 5ª. Edição, p.34. Papyrus Editora, Campinas.
- SANTOS, M. M. A. (1994), *Sob o signo de S. Nicolau*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio; Irmandade de S. Nicolau.
- SANTOS, C. R. (2001), *Novas Fronteiras e Novos Pactos para o Património Cultural*, in *São Paulo em Perspetiva*, São Paulo.
- SANTOS, N. & FERNANDES, P. (2010), *Turismo na Região Norte de Portugal: Aplicação do Modelo Linear Geral*, Proceedings of XX Luso-Spanish Conference on Scientific Management; Instituto Politécnico de Setúbal.
- SCHOFIELD, P. & THOMPSON, K.(2005), *Segmentation of cultural festival visitors with motivation: The 2005 Naadam Festival*, Ulaanbaatar. *International Journal of Tourism Research*, v.9, n.4, p. 329-344.
- SHACKLEY, M (1999), *Pobos e turismo: Alta tensión no Himalaia*, in *O Correo da UNESCO*, Agosto/Setembro.
- SILBERBERG, T. (1995), *Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites*. In *Tourism Management*, v.16, n° 5.

- SILVA, L. M. da (1991), *Guimarães e as Festas Nicolinas*. Guimarães: Associação de Antigos Estudantes do Liceu, 1991.
- SILVA, L. M. da (1992), *A senhora Aninhas mãe dos estudantes*. Guimarães: Associação dos Antigos Estudantes do Liceu, 1992
- SILVA, L. M. da (1994), *São Nicolau: A sua Irmandade e a sua capela na Insígne e Real Colegiada de Guimarães*. Guimarães: Associação dos Antigos Estudantes do Liceu.
- TEISSERENC, P. (1997), *Le developpement par la culture*, In *L'Homme et la Société*, p.107-121. Nouvelles Editions Rationalistes, Paris.
- THR (2006a), *Touring Cultural e paisagístico*. Turismo de Portugal, Lisboa. Acesso em 12-08-2013,
<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/Touring%20Cultural%20e%20Paisag%C3%ADstico.pdf>.
- THR (2006b), *City Break*. Turismo de Portugal, Lisboa. Acesso em 12-08-2013,
<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/City%20Break%202006.pdf>.
- TOMÁS, P. M. C. (2008), *Património cultural e estratégias de desenvolvimento em Portugal: balanço e novas perspectivas*. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008”. In *Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*, Universidad de Barcelona.
- TURISMO DE PORTUGAL (2007), *PENT - Plano Estratégico Nacional Do Turismo: Para o desenvolvimento do turismo em Portugal*. Turismo de Portugal, Lisboa. Acesso em 27-12-2013,
<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202007.pdf>.
- TURISMO DE PORTUGAL (2011), *PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo: Propostas para revisão no horizonte 2015*. Turismo de Portugal, Lisboa. Acesso em 27-12-2013,
http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/PE NT_Revis%C3%A3o.pdf.
- TURISMO DE PORTUGAL (2013a), *PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo: revisão e objetivos 2013-2015*. Turismo de Portugal, Lisboa. Acesso em 27-12-2013,
<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202013%20vfinal.pdf>.

- TURISMO DE PORTUGAL (2013b), PENT- Plano Estratégico Nacional do Turismo: Horizonte 2013-2015. Turismo de Portugal, Lisboa. Acesso em 27-12-2013, <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202012.pdf>.
- UMBELINO, J. (2004), *O Carvão numa Economia Nacional. O caso das Minas do Pejão; “Arcozelo: Estratégia Cristã, 1999”*; “Turismo e Património, Algumas Ideias Para Reflexão”. in Revista Turismo & Desenvolvimento, v.1, nº1.
- UNESCO (1972), *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, Paris. Acesso em 18-11-2013, <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf>.
- UNESCO (1989), *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore*, Conferência geral da UNESCO, 25ª reunião. Paris. Acesso em 18-11-2013, [http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/CommonServices/FileDownloader.axd?fileId=3069&IdReg=31&TipoReg=105&fileIsToDownload=true&fileName=UNESCO_Recomenda%C3%A7%C3%A3o_1989+\(PT\).pdf&fileType=.](http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/CommonServices/FileDownloader.axd?fileId=3069&IdReg=31&TipoReg=105&fileIsToDownload=true&fileName=UNESCO_Recomenda%C3%A7%C3%A3o_1989+(PT).pdf&fileType=)
- UNESCO (2001), *Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural*. Paris. Acesso em 18-11-2013., <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>.
- UNESCO (2003), *Convención para la salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial*. Acta de la 32ª conferencia general, Paris. Acesso em 18-11-2013, <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001331/133171s.pdf>.
- UNESCO (2008), *Safeguarding Intangible Heritage and Sustainable Cultural Tourism: Opportunities and Challenges*. Bangkok, Tailândia.
- UNWTO (2012a), *Tourism and Intangible Cultural Heritage*, Madrid. Acesso em 17-12-2013, http://pub.unwto.org/WebRoot/Store/Shops/Infoshop/50B8/AA74/FFA9/31D4/CE96/C0A8/0164/14DB/121130_intangilbe_cultural_heritage_excerpt.pdf.
- UNWTO, (2012b), *UNWTO Tourism Highlights - 2012 Edition*, Madrid. Acesso em 13-03-2014, <http://mkt.unwto.org/sites/all/files/docpdf/unwtohighlights12enhr.pdf>.
- UNWTO (2013), *UNWTO Tourism Highlights - 2013 Edition*, Madrid. Acesso em 13-03-2014, http://dtxtq4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_highlights13_en_lr_0.pdf.
- URRY, J. (1990), *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies*. Sage, London.

- VAREIRO, L., REMOALDO, P. & CADIMA RIBEIRO, J. (2013), *Residents`perceptions of tourism impacts in Guimarães (Portugal): a cluster analysis*, Current Issues in Tourism, v. 16, Nº 6, pp. 535-551.
- VASCONCELOS, J. L. (1986), *Tradições Populares de Portugal*. 2ª edição. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, Lisboa.
- VASCONCELOS, M. F. S. D. (2011), *The role of the hospitality industry in the senior cultural tourism development*. Paper apresentado em First International Conference on Tourism & Management Studies. Acesso 09-06-2013, <http://www.tmstudies.net/>.
- VICENTE, P. (2012). *Estudos de mercado e opinião. Princípios e aplicações de amostragem*. Edições Sílabo, Lisboa.
- VIEIRA J. M. (2007), *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo*. Editorial Verbo, Lisboa.
- VIEIRA DE CASTRO, R. et al. (2013), *Guimarães 2012: Capital Europeia da Cultura – Impactos Económicos e sociais*. Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho. Braga, Portugal. Acesso em 20-03-2014, http://www3.eeg.uminho.pt/economia/nipe/docs/Policy%20Papers/2012/relatorio_maior_CEC_UMINHO_v02.pdf.
- WANG, N. (1999), *Rethinking Authenticity in Tourism Experience*. Annals of Tourism Research, v. 26, p.349–370.
- WILKINSON, D. (1988), *The event management & marketing institute*. IBD, Ontário.
- W.E.F. (2013), *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2013: Reducing Barriers to Economic Growth and Job Creation*. Jennifer Blanke and Thea Chiesa, editors. Geneva. Acesso em 08-01-2014, http://www3.weforum.org/docs/WEF_TT_Competitiveness_Report_2013.pdf.
- YIN, R. K. (2009), *Case study research: Design and methods*, 4ª edição. Sage, Thousand Oaks.
- ZANINI, C. R. e FARIA, A. L. L. (2003), *Eventos: uma ferramenta para o desenvolvimento turístico*. Acesso: 04-11-2013, <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=1493>.

Sítios

- <http://araduca.blogspot.pt/>
- <http://www.cm-guimaraes.pt/>
- <http://www.guimaraesturismo.com/>
- <http://www.ine.pt>
- <http://www.pordata.pt>

Apêndices

Apêndice I

Tabela 13 - Entidades Entrevistadas

Número	Nome	Entidade
1	Francisca Abreu	Vereadora da Câmara Municipal de Guimarães, no período 1998-2013.
2	Reunião conjunta com os elementos da direção, nomeadamente, Augusto de Castro e Costa (presidente), Miguel Bastos (primeiro-secretário) e Ricardo Gonçalves (2ºvogal)	Direção da Associação dos Antigos Estuantes do Liceu de Guimarães/ Velhos Nicolinos (AAELG).
3	Miguel Coelho Lima	Presidente da direção da Associação de Comissão de Festas Nicolinas (ACFN)
4	André Coelho Lima	Presidente da Assembleia-Geral da Associação de Comissão de Festas Nicolinas (ACFN); Sócio da AAELG; Irmão na Irmandade de S. Nicolau.
5	Vítor Marques	Técnico superior responsável pelo Turismo de Guimarães

Fonte: Elaboração própria

Apêndice II

Tabela 14 - Guião de Entrevista

Número	Questões	Objetivos
1.	Em que medida, a entidade que representa está envolvida nas Festas Nicolinas?	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o tipo de envolvimento (institucional e financeiro ou histórico) da entidade. Averiguar o grau de envolvimento.
2.	Quais os principais domínios de intervenção por parte da entidade que representa nas Festas Nicolinas?	<ul style="list-style-type: none"> Identificar os domínios de intervenção. Averiguar as principais políticas/ações de cada entidade envolvida nas Festas Nicolinas.
2.1.	Quais as políticas/ ações de intervenção associadas a esses domínios?	
2.2.	Qual o grau de sucesso/insucesso da intervenção relativamente aos diferentes domínios?	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar os resultados positivos ou/e negativos dos diferentes domínios.
3.	Que outras entidades destacam no apoio à organização e preservação das Festas Nicolinas?	<ul style="list-style-type: none"> Determinar outras entidades envolvidas no apoio às Festas Nicolinas. Averiguar a importância atribuída ao papel dos diferentes intervenientes.
4.	Qual o grau de empenho/articulação dos entre as entidades envolvidas nas Festas Nicolinas?	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar o grau de empenho/articulação das entidades envolvidas Festas Nicolinas.
5.	Considera que as Festas Nicolinas, enquanto Património Imaterial, contribuem para a valorização turística da cidade?	<ul style="list-style-type: none"> Analisar de que forma as Festas Nicolinas, como Património Intangível, contribuem para a valorização do turismo de Guimarães.
5.1.	Se a resposta for sim. Justifique	
6.	Na sua perspetiva, quais os números nicolinos que detêm maior visibilidade quer para o turista quer para o residente?	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer quais os números nicolinos com maior visibilidade para os turistas e para os residentes.
7.	Em que medida uma recandidatura das Festas Nicolinas, a Património Oral e Imaterial da Humanidade, pode valorizar o evento do ponto de vista turístico?	<ul style="list-style-type: none"> Verificar se uma possível recandidatura a Património Oral e Imaterial da Humanidade poderia valorizar as Festas em termos turístico.
7.1.	Na sua ótica, identifique quais os aspetos a ter em conta numa recandidatura?	<ul style="list-style-type: none"> Determinar os aspetos a ter em conta numa recandidatura a Património Oral e Imaterial da Humanidade.

Fonte: Elaboração própria

Apêndice III

Entrevista – Direção da AAELG /Velhos Nicolinos

1. **Em que medida, a entidade que representa está envolvida nas Festas Nicolinas?**
2. **Quais os principais domínios de intervenção por parte da entidade que representa?**

2.1.Quais as políticas/ ações de intervenção associadas a esses domínios?

(resposta às três questões anteriores)

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - Organiza o número das danças S. Nicolau, tem como objetivo preservar e conservar a tradição Nicolina e matar a saudade do tempo de estudante.

A organização das festas é da responsabilidade da comissão de estudantes, a AAELG/VN tenta que a tradição não se perca, respeitando as ideias dos novos Nicolinos mas não deixar que a essência das festas sejam transformadas ou se percam.

As festas têm sofrido alterações e tem evoluído ao longo dos tempos como o caso das mulheres poderem participar e tocar bombo, no número do pinheiro. Como o local das festas tem sofrido alterações. Como o pinheiro já mudou o sítio de enterro várias vezes. As maçãzinhas que se realizavam no toural agora é na praça de santiago, ou seja, existe uma evolução e mudança mas, sem perder a identidade e a essência que são as festas nicolinas. Sendo únicas no país e na europa e por isso a Aaelg/velhos nicolinos pretende e tentam preservar e conservar a tradição.

A AAELG/VN tem responsabilidade na organização e realização do número nicolino as danças nicolinas. Representações feitas há 200 anos para angariar dinheiro para construção da capela de S. Nicolau. Atualmente, de danças têm pouco são mais uma representação teatral, com sátira social. Hoje em dia, passam-se no ambiente do castelo de Guimarães mas, com atualidade. As danças de S. Nicolau é um número que antes 2 meses, mais ou menos, estão esgotados os bilhetes.

Miguel Bastos (Primeiro-Secretário) - As festas são organizados pela comissão de festas nicolinas. Desde o séc. XIX existe, digamos, participação dos velhos quase institucionalmente em diferentes números. Os números que esta organização organiza diretamente são: a ceia do pinheiro, que não é um número no sentido literal da palavra, mas se tornou um acontecimento com relevância que aliás é origem desta associação.

Também organiza uma romagem ao cemitério, que não conta para as Nicolinas em si, mas que é uma homenagem aos antigos sócios. Organiza as danças de S. Nicolau, que há mais de 50 anos são digamos as “danças dos velhos”. São as danças, como está documentado, as coisas mais antigas do estudante de Guimarães, fazem mesmo parte dos estatutos da Irmandade de S. Nicolau, do século XVII (1662). Pela construção da capela em Honra de S. Nicolau pois consta que as danças surge como forma de angariar fundos para a construção da mesma. Ano que houve danças de novos e danças de velhos, atualmente só existe danças de velhos, mas acima de tudo danças de S. Nicolau.

Ricardo Gonçalves (2º vogal) - O papel da associação é preservar e defender a tradição Nicolina antes de organizar qualquer número. Entidade que superentende a tradição Nicolina. Nos restantes números presta apoio, indiretamente, a organização dos restantes números é da responsabilidade da comissão, mas sem e excluir. Em certas diligências, reuniões de camara, AAELG/VN serve sempre de interlocutor sem querer interferir no trabalho da comissão, mas sempre a supervisionar o trabalho deles, por exemplo e exagerando, se nas maçãzinhas em vez de maçãs usarem bananas. Como dito, as festas são feitas pelos novos mas, os velhos participam como forma de matar saudades do tempo de estudante, que foi académico é uma marca que já intimamente ligada à malta mais velha também se sente a viver esse momento. Uma interferência intensiva dos mais velhos iria dificultar aquilo que, digamos assim, uma atualização relativa a comportamentos das gerações que vieram a seguir.

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - As nicolinas nem sempre foram realizadas da mesma forma, tiveram as suas alterações. Por exemplo, no pinheiro não tinha malta jovem a tocar, eram só os mais velhos e os membros da comissão que traziam o pinheiro. Posteriormente, foi se alargando, com facilidade na aquisição do próprio instrumento para tocar e posteriormente é a evolução à participação das mulheres. Numa forma serena as coisas tem se transformado ao longo do tempo e se houvesse uma intervenção muito forte por parte dos velhos nicolinos e se calhar não teríamos a participação e o sentir e o pulsar das festas que temos hoje em dia.

2.2. Qual o grau de sucesso/insucesso da intervenção relativamente aos diferentes domínios?

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - Existe um grau de sucesso positivo na intervenção da associação. Existe um empenho importante entre as diferentes entidades envolvidas. Ou seja, a intervenção têm sido positiva, um pouco á

distância, mas contributo positivo. Mesmo a nível de divulgação das próprias festas junto das próprias escolas. Quando se chega altura das festas, há por parte das escolas convites dirigidos à associação e outras entidades não só abrir as portas para visita à torre dos Almadás por parte dos infantários e outras visitas de outros grupos porque há grupos de fora que se organizam para próximo do dia 29 Novembro para além da visita à torre dos Almadás, tem um pessoa para fazer uma pequena abordagem histórica de forma atrativa. Há uma intervenção que é o seguinte existe aqui um oratório de S. Nicolau, na Torre dos Almadás, de algum modo não distanciar os membros da associação ao culto ao santo, fazemos aqui uma pequena cerimonia, que é ir buscar este oratório, de forma simbólica e nesse mesmo dia vem à frente, as crianças, ate à Torre dos Almadás e depois as crianças podem visitar livremente a Torre dos Almadás, dá uma certa mística aquilo que são as Festas Nicolinas. É uma recriação contínua e se existir alguma rigidez acaba por impedir a possibilidade de evoluírem e se adotarem os festejos ao tempo, não tenho duvida absolutamente nenhuma, precisamente por alterações de comportamentos tidos noutra época que estão completamente diferentes agora, um dos casos é a resistência e alguma censura às mulheres tocarem que agora participa, sem problemas. Sendo, que na comissão ainda existe mulheres apesar do número das maçãzinhas, elas ajudarem.

Miguel Bastos (Primeiro-Secretário) - Esta associação teve várias diretoras. Na comissão não entrou nenhuma rapariga até agora, não existe nada escrito a dizer que não podem, mas ainda não surgiu nenhuma rapariga a candidatar-se, a situação fatural é esta quando um dia aparecer uma rapariga essa questão se levantará. Acho que é um assunto delicado, no dia que as festas deixarem de ser dos rapazes para as raparigas, ou seja, a essência as festas, acho que se perde aquilo que é a mística das Festas Nicolinas.

3. Quais as outras entidades que destaca no apoio às Festas Nicolinas?

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - Entidades como a comissão de festas, a irmandade de S. Nicolau, a camara, os bombeiros, a polícia municipal e a PSP.

4. Qual o grau de empenho/articulação dos Stakeholders?

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - É feita uma reunião entre as entidades, para garantir o melhor funcionamento e organização das Festas Nicolinas. Cada entidade, processo ou pessoa tem um papel a desempenhar. E numa questão de gestão dos números nicolinos, nomeadamente o primeiro número, o Pinheiro que é o que movimenta mais pessoas, naturalmente tem que haver uma conversa entre as entidades numa vez que são mobilizados meios, como bombeiros, segurança... existe

uma reunião como forma também de saberem quem faz parte da comissão e que se pode dirigir, ou seja, as autoridades precisam de conhecer os membros.

O facto de colarem cartazes em tudo sitio e local, por um lado o contributo que a camara dá ainda tinha que ouvir as queixas dos moradores e comerciantes... tratou-se em colocar em determinados locais como, as montras ou distribuição de folhetos de anuncio das festas e claro isto tem que ser tudo conversado entre as entidades. Reunião previa, onde a camara faz a ponte: combina-se um dia que esteja, um representante na PSP, dos bombeiros de Guimarães e da Polícia municipal para eles entre eles e de acordo com o papel que compete a cada um, reunirem e distribuem aquilo que vão fazer. Uma das situações aborrecidas que acontecia, agora já não é tanto, era no número do pinheiro, o cortejo do pinheiro com as pessoas a mobilizarem-se nunca mais se saía do sitio. Começam as pessoas a irem umas para cima outras para baixo, recebiam os bombeiros uma chamada, entrevam os bombeiros pelo cortejo dentro, parava o cortejo. Não se conseguia localizar a pessoas, voltava a sair. Voltava a receber uma chamada, voltava a interromper o cortejo. Isto era se calhar, como já foi feito, colocar as ambulâncias em pontos estratégicos. Enquanto ao socorro, muito já se tem falado, não é preciso entrar logo a ambulância, numa 1ª avaliação podem ir 2/3 elementos deslocam-se a pé e depois se necessário a devida intervenção. É uma das questões que está, gradualmente, a ser tratada. Outra situação, são os fluxos, no caso do pinheiro: uns a jantar as 8h, outros às 9h/10h, entretanto saí o pinheiro com os que já jantaram, depois vem um grupo de baixo outros grupos de cima, há que gerir esse processo e tem que ser conversado devido à grande participação no número do pinheiro. Os outros números são mais tranquilos. Para além de outros grupos acharem que devem ser eles a liderar a cabeça do cortejo, as AAELG/VN tem uma legitimidade natural.

Devido ao fluxo do pinheiro os 10 membros da comissão devem estar devidamente identificado e perante as autoridades combina-se que além de trajados é feito um 1º contacto. O uso de um pin como forma de identificação da comissão caso seja necessário alguma informação durante o decorrer dos números nicolinos.

5. Considera que as Festas Nicolinas, enquanto Património Imaterial, contribuem para a valorização turística da cidade?

5.1. Se a resposta for sim. Justifique

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - Há uma coisa que estamos em fase de elaboração que é a criação de um roteiro sobre as Nicolinas e esse roteiro está

relacionado com algumas marcas simbólicas, ainda em estudo em conjunto com o município. Para fazer o quê? Quando chegar o turista é distribuído uns folhetos com os monumentos a visitar. E também se pode fazer um roteiro com os locais onde se realizam as festas. Nós temos um local definido que é onde se ergue o pinheiro e onde está o monumento nicolino, mas podemos arranjar um local onde se realiza atualmente as maçaõzinhas, que é no centro histórico que transitaram do toural para o centro histórico. A magia das maçaõzinhas era no toural, onde quando vi pela primeira vez as maçaõzinhas, achei algo diferente e magico.

Miguel Bastos (Primeiro-Secretário) - Acho difícil tornar as festas um produto turístico para oferecer. Aqui participar não podem, apesar de virem e tocarem (participam de forma informal) e isso diz-nos pouco, virem assistir ao pregão ... acho difícil haver uma massa crítica que as festas oferecem para atrair turistas nessa semana das festas, mas por outro lado acho importante que a cidade quando vende a sua imagem, vende as realizações/atividades que faz, acho importante que quem venha perceba que há essa manifestação pode assistir se vier nessa semana e se não vier nessa semana e não a ver pode perceber que existe aqui uma centenária, única e mais antiga de Portugal, pouca pessoas a conhece mas quem quiser conhecer e perceber há sempre pessoas interessadas em querer saber o que é as festas a nível antropológico e cultural. Portanto, se me perguntam vai movimentar a indústria hoteleira e turística por si? Não me parece, apesar de existir sempre o amigo do amigo que vêm, aos milhares de pessoas que vem aqui, existe sempre alguns que não o são. Até os próprios velhos nicolinos tem dificuldade em encontrar restaurante para jantar nesse dia, nem podemos oferecer. Acho que a oferta das Festas Nicolinas é diferente do produto por exemplo das festas gualterianas, o turista pode sempre vir assistir às marchas gualterianas tem um certo interesse.

Comentário próprio: As Festas Nicolinas têm algo de especial, de atrativo quando os de braga ou porto chegam ficam presos aquilo, aquela, noite, ao ambiente, a noite do pinheiro é emblemática.

Ricardo Gonçalves (2º vogal) - Não sei até que ponto vem pessoas que não são nicolinos, que não são vimaranenses para as festas para se ambientar. Temos quem diga que é bom é magico. Quando trouxe amigos de fora, eles tentaram perceber e entrar no espírito, ou seja, é o espírito nicolino.

É uma festa que tem um culto associado, aos vários eventos de caracter religioso e não podemos perder isso de vista. Ou seja, o que são festas dos estudantes a S. Nicolau, desde o séc. XVIII (tradição no culto), com a construção da capela e que nos faz

acreditar que o culto já existia anteriormente e nós somos os “fiéis” depositários dessa tradição. A noite de abertura das festas transformou-se e foi tomada pela própria cidade que não conseguimos nem queremos controlar, foi de forma natural, a entrada das mulheres na festa, a mudança dos locais do enterro do pinheiro, não é daquelas coisas que seja fechada e aritmética que tenha de ser naquilo sitio específico para isso, mas nada nos diz que daqui a uns anos o município não diga que ali tenha de ser outra coisa qualquer e o local tenha que ser mudado. Determinante não é a mudança do local das coisas. Determinante é preservar o espírito que é os estudantes celebrarem o seu santo padroeiro e fazer continuar este tipo de festejos que celebram coisas diferentes como convívio, os anos de estudo e depois os velhos que tem espírito de reencontro e saudade, na noite do pinheiro. Para as Festas Nicolinas, a Aaelg/velhos nicolinos acham que não tem interesse turístico uma vez que as festas são feitas de “nós para nós”, ou seja, são feitas pelo povo da cidade para o povo da cidade. Apesar de afirmar que as festas são singulares e únicas e podem ser interessantes as pessoas assistirem. Mas, que podem não perceber ou sentirem o que é verdadeiramente o espírito nicolino. Pois o espírito nicolino é a entrega, abertura, fraternidade entre todos os antigos e novos estudantes.

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - É natural uma exigência que depois de entrar num programa turístico, torne rígida aquela comemoração, ou seja, impede que ela tenha uma adaptação no sentido que fica rígida quer dizer cristalizada. E como dizia, atrás, a questão das Festas Nicolinas evoluíram ao longo do tempo, acho eu é extremamente sensível e deixado avançar por caso desses, fazer tipo um programa turístico porque quem esta nessas organizações depois quer actos definidos a tempo e horas.

Tivemos anos de debate, sobre a organização do pinheiro. As Festas Nicolinas já existem dentro do património turístico que a cidade oferece, isso é uma das coisas que Guimarães tem que pegar e dizer que existe a quem nos visita. Não é necessário que se promova as Festas Nicolinas enquanto chamariz turístico é necessário que Guimarães as estime, que as saiba dar a conhecer a quem nos visita, isso é uma coisa diferente. É um património que é nosso, que as pessoas podem vir e usufruir em liberdade e cada vez vem mais pessoas, como se tem visto, e gente de fora, e garantem que gostam disto e que gosta de festas pela festa.

Miguel Bastos (Primeiro-Secretário) - Mas o problema pode se colocar de outra forma: se a cidade quer promover as Festa Nicolinas como facto turístico será que tem que contribuir para a sua organização, em termo monetários?

Em rigor são as únicas festas que se mantiveram independentes da camara porque são autossustentáveis. A camara colabora com um subsídio e logística. E o subsídio não chega a 5 % das despesas da festa, pode-se ver o grau de influência monetário. Ou outras entidades que não participam como turismo de Guimarães, turismo porto e norte de Portugal. Nenhuma destas entidades colabora e quando se enche a boca a dizer vamos fazer é tudo muito bonito mas... sabe onde quero chegar...

6. Na sua perspetiva, quais os números nicolinos que detêm maior visibilidade quer para o turista quer para o residente?

Para o turista – Pinheiro

Para residente – Pinheiro e Maçãzinhas

7. Em que medida uma candidatura das Festas Nicolinas, a Património Oral e Imaterial da Humanidade, pode valorizar o evento do ponto de vista turístico?

7.1. Na sua ótica, identifique quais os aspetos a ter em conta numa candidatura?

Augusto de Castro e Costa (Presidente da AAELG/VN) - Numa possível candidatura à UNESCO, estão à espera do estudo do professor Jean Yves Durand. Para seguir com a candidatura das Festas Nicolinas a património oral e imaterial da humanidade. Tendo a AAELG/VN alto empenho nessa candidatura a património oral e imaterial da humanidade. Por isso no futuro as Festas Nicolinas poderão ser uma atração turístico-cultural. Um programa de animação sociocultural onde todo o município participa, reconhece e acarinha e contribui cada vez mais para o seu brilho. Como noutras cidades da europa, os acontecimentos de história local valorizadas como acontecimentos turístico-culturais. As Festas Nicolinas são dos jovens e a juventude é que é o futuro.

A AAELG/VN têm com objetivo manter o culto do passado sem esquecer as necessidades do futuro.

A associação tem todo o interesse na candidatura à UNESCO foi feito o desafio á associação para se envolver diretamente na candidatura, nós não temos junto das entidades que tomam decisões um peso institucional, do que for um processo conduzido pelo município. Em resultados práticos a entidade tem que ter um peso institucional que faça movimentar todo o processo. Claro que no estudo feito pelo professor Jean Yves Durand, a associação devia ser um elemento sempre presente e deve ser ouvido em todo

o processo do estudo, não achando que o estudo tivesse que ser feito à revelia da associação.

Apêndice IV

Entrevista – Francisca Abreu

(Vereadora da cultura desde 1998 a 2013)

1. Em que medida, a entidade que representa está envolvida nas Festas Nicolinas?

A Câmara Municipal de Guimarães apoia a organização das Festas Nicolinas, através de apoio financeiro e logístico. Para além destes apoios, a Câmara criou um prémio (em livros para a Biblioteca da respetiva Escola) a atribuir à Escola do Município que apresentar o melhor carro das Maçãzinhas, um número que integra as referidas festas, como forma de incentivo à participação das escolas e dos estudantes neste número.

2. Quais os principais domínios de intervenção por parte da entidade que representa?

A Câmara atribui um subsídio para a organização das Festas Nicolinas, concede apoio logístico, nomeadamente através da cedência de viaturas para as Maçãzinhas e a Roubalheira, equipamento para o enterro do Pinheiro, assim como vigilância e acompanhamento dos diferentes números, pela polícia municipal, condicionamento de trânsito, cedência de espaços para a realização de tarefas de secretariado e das Danças de S. Nicolau.

2.1. Quais as políticas/ ações de intervenção associadas a esses domínios?

O apoio às Festas Nicolinas integra-se na política de apoio e valorização das expressões tradicionais, que marcam a identidade Vimaranesa, por forma a valorizar a Memória e a reforçar a atratividade de Guimarães, como destino turístico e como cidade de Cultura

2.2. Qual o grau de sucesso/insucesso da intervenção relativamente aos diferentes domínios?

A avaliar pelo número de visitantes e participantes, muito particularmente no número do Pinheiro, mas também nas Danças de S. Nicolau e nas Maçãzinhas, o apoio da Câmara é muito relevante para a realização e valorização das Festas Nicolinas

3. Quais as outras entidades que destaca no apoio às Festas Nicolinas?

O apoio e incentivo da Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Guimarães tem-se revelado muito importante para a conservação e valorização das Festas Nicolinas.

4. Qual o grau de empenho/articulação dos Stakeholders?

É elevado, sobretudo pela identificação dos Vimaraneses com as Festas Nicolinas.

5. Considera que as Festas Nicolinas, enquanto Património Imaterial, contribuem para a valorização turística da cidade?

Sim.

5.1. Se a resposta for sim. Justifique

A Câmara de Guimarães encomendou um estudo sobre as Festas Nicolinas, sob a coordenação do Professor Jean-Yves Durand, que está prestes a terminar, para divulgação pública e para remeter para inclusão das Festas Nicolinas na lista nacional de património imaterial, exatamente porque entendemos que essa classificação, se se vier a concretizar, como é nossa vontade, vai significar o reconhecimento externo da singularidade destas festas e vai incrementar a sua procura e participação, na medida em que são festas de estudantes, únicas no país.

6. Na sua perspetiva, quais os números nicolinos que detêm maior visibilidade quer para o turista quer para o residente?

O Enterro do Pinheiro, que acontece sempre na noite do dia 29 de Novembro, é o número que atrai mais quer os residentes quer os visitantes. Muitos milhares de cidadãos saem à rua, apesar da chuva ou do frio, para tocar caixa ou bombo ou, simplesmente, como participantes ou espetadores do cortejo e do enterro do Pinheiro, no Largo República do Brasil, junto da Igreja de N^a Sra. da Consolação e Santos Passos.

7. Em que medida uma candidatura das Festas Nicolinas, a Património Oral e Imaterial da Humanidade, pode valorizar o evento do ponto de vista turístico?

O estudo que a Câmara encomendou servirá também para se avaliar a possibilidade de apresentação da candidatura das Festas Nicolinas a Património Oral e Imaterial da Humanidade, à UNESCO. Para que isso aconteça, será necessário que, com o estudo em presença, o Governo Português aceite propor a respetiva candidatura à UNESCO.

7.1. Na sua ótica, identifique quais os aspetos a ter em conta numa candidatura?

O estudo que a Câmara mandou fazer servirá para avaliar a consistência, a força, a singularidade e a relevância das Festas Nicolinas para apresentação da proposta ao Governo Português de apresentação da candidatura à UNESCO, a Património Oral e Imaterial da Humanidade.

Apêndice V

Entrevista – André Coelho Lima

Presidente da Assembleia-geral da ACFN

1. Em que medida, a entidade que representa está envolvida nas Festas Nicolinas?

Não se pode dizer que esteja envolvido apenas numa entidade, uma vez que sou sócio ou membro das três entidades, ou mais propriamente instituições, que representam as Festas Nicolinas. Mas efetivamente sou dirigente apenas da ACFN, sendo o seu Presidente da Assembleia-Geral.

Essa entidade, a ACFN, surgiu para congregar no seu seio apenas os ex-membros de Comissões de Festas Nicolinas, isto é, apenas aqueles que fizeram parte, em cada ano, do grupo de 10 estudantes a quem compete a organização das festas. Porque entendíamos que fazia falta um organismo que concentrasse as experiências de quem fez as festas, e que no fundo incentivasse igualmente o convívio e a partilha intergeracional.

2. Quais os principais domínios de intervenção por parte da entidade que representa?

A ACFN está envolvida nas Festas Nicolinas, diretamente através da organização de uma Moina, ao oferecer uma Posse à Comissão de Festas e ainda ao organizar um Jantar do Pinheiro do qual participam apenas ex-membros de Comissões de Festas Nicolinas. Indiretamente, pelo auxílio à Comissão de Festas naquilo que essa que é a entidade organizadora, precise, e através da participação nos diversos números e organizações paralelas das Festas Nicolinas.

2.1. Quais as políticas/ ações de intervenção associadas a esses domínios?

Resposta estará razoavelmente dada em cima.

2.2. Qual o grau de sucesso/insucesso da intervenção relativamente aos diferentes domínios?

É difícil de dar esta resposta porquanto pressupõe uma auto-avaliação, mas em traços gerais direi que se a Moina visa apenas dar um contributo para a manutenção desta tradição, já a Posse dada pela ACFN tem assumido, creio, um interesse crescente pelo seu envolvimento e humor. O Jantar do Pinheiro vem-se assumindo como um marco do

Dia do Pinheiro na medida em que junta, numa só mesa, mais de uma centena de antigos membros de Comissões de Festas, desde os anos 70 até à atualidade, o que representa de facto uma carga simbólica muito significativa num dia já de si carregado de simbolismo.

3. Quais as outras entidades que destaca no apoio às Festas Nicolinas?

As três instituições nicolinas são a Irmandade de São Nicolau (ISN), a Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães / Velhos Nicolinos (AAELG/VN) e a Associação de Comissões de Festas Nicolinas (ACFN). Chamam-se-lhes instituições porque se dirigem a uma vertente específica das festas. A ISN representa a vertente religiosa da festa, o culto a S.Nicolau; a AAELG/VN representa a vertente académica, porque nicolino é todo o estudante do ensino secundário de Guimarães, pelo que nesta associação se podem associar todos os antigos estudantes do secundário em Guimarães; a ACFN representa a vertente específica da Comissão de Festas Nicolinas e as realidades atinentes com a sua organização.

4. Qual o grau de empenho/articulação dos Stakeholders?

Poderei dizer que aquilo que designa como "stakeholders" são no fundo os membros da comunidade Nicolina, e se o grau de empenhamento é o melhor possível, porque as Nicolinas, para quem as vive, possibilitam e quase exigem de nós um empenhamento e um envolvimento quase constante (quando chega o frio ocupa-nos a alma), já no que respeita à articulação creio estar muito além do desejado, por existir ainda a lógica de funcionamento em "ilhas" muito característico da nossa sociedade. Em todo o caso, há uma iniciativa que já conta com mais de 5 edições - o Jantar das Instituições - que junta estas 3 instituições no período que antecede as festas, e que visa ser um local e um momento para favorecer e impulsionar essa articulação.

5. Considera que as Festas Nicolinas, enquanto Património Imaterial, contribuem para a valorização turística da cidade? Sim.

5.1. Se a resposta for sim. Justifique

Creio que a eventual classificação como Património Imaterial Nacional, e mais tarde como Património Imaterial da Humanidade, trará objetivamente um ponto adicional de interesse à nossa cidade. Não há dúvida que as Festas Nicolinas e os seus números, com exceção porventura do Pinheiro, não têm uma lógica nem um interesse de participação turística. Mas a verdade é que a sua originalidade, aliada a alguma dimensão internacional que possam obter, será sem dúvida um fator adicional de atração turística para a nossa cidade.

6. Na sua perspetiva, quais os números nicolinos que detêm maior visibilidade quer para o turista quer para o residente?

Para o turista: o Pinheiro, o Pregão, as Posses e as Maçazinhas.

Para o residente depende muito da sua envolvência pessoal mas sem dúvida o Pinheiro, porque é destinada a todos os antigos estudantes, e porventura as Posses porque têm sido acompanhadas por um número crescente de vimaranenses que acompanham o percurso da Comissão de Festas na noite fria de dezembro.

7. Em que medida uma candidatura das Festas Nicolinas, a Património Oral e Imaterial da Humanidade, pode valorizar o evento do ponto de vista turístico?

Indubitavelmente que essa eventual classificação trará uma valorização turística ao evento. Mas em bom rigor, as Festas Nicolinas não estão, na minha ótica, carecidas de valorização turística, porque elas são de nós, para nós. Mas objetivamente, apesar de disso não estarem carecidas as Festas, poderá estar a cidade, que naturalmente agradecerá se houver um fator adicional de interesse, como o poderão ser as nossas festas, se lograrem obter essa classificação.

7.1. Na sua ótica, identifique quais os aspetos a ter em conta numa recandidatura?

É impossível dar esta resposta desligando-me do percurso que eu próprio fiz em prol deste objetivo. De facto, sem prejuízo de o assunto ter sido trazido a público por iniciativa do Dr. Lino Moreira da Silva, que é quem tem o mérito absoluto da sua sugestão, ele deu passos formais com a apresentação de uma moção na Assembleia Municipal de Guimarães que tive o gosto e o prazer de redigir e subscrever. Essa moção é que veio a dar azo a que, em 2008 e por iniciativa e pressão da Ass. Municipal de Guimarães, se tivesse aprovado na Ass. República a convenção que permitia que em Portugal fosse possível apresentar candidaturas a este catálogo da UNESCO, e que permitiu que nesse mesmo ano se reunisse a Comissão Especializada de Cultura que deliberou, por unanimidade, apresentar à Câmara Municipal um documento que desde então aguardou pelo impulso que agora conheceu.

Quanto a mim, como então e já por diversas vezes o defendi, o principal aspeto a ter em conta para que essa candidatura possa ser uma classificação reside na absoluta originalidade das Festas Nicolinas, que na realidade são constituídas de um conjunto de números absolutamente originais, sem paralelo em qualquer outra festividade académica

ou de outra natureza, em Portugal ou na Europa. O outro fator tem que ver com a **imaterialidade** na passagem das tradições, como se verifica, sobretudo, com os toques nicolinos, que sem uma única entidade que os ensine, passam de geração em geração, por aprendizagem espontânea e não organizada, verificada no seio da comunidade.

Apêndice VI

Entrevista – Miguel Coelho Lima

Presidente da direção da ACFN

1. Em que medida, a entidade que representa está envolvida nas Festas Nicolinas?

A Associação de Comissões de Festas Nicolinas [ACFN] está envolvida nas Festas Nicolinas, não do ponto de vista organizativo, pois esse pertence a apenas e somente a Comissão de Festas do respetivo ano, mas apenas do ponto de vista participativo. Ainda assim, e uma vez que apenas fazem parte da ACFN aqueles que no passado foram membros da Comissão de Festas, é justo dizer que existe uma proximidade organizativa com as várias Comissões de Festas, sempre que estas o solicitam. Ao nível participativo a ACFN faz-se representar em alguns dos números das Festas, tais como, as Moinas Nicolinas, Pinheiro, Posses e Danças de São Nicolau.

Aparte dos números oficiais do cartaz das Festas Nicolinas, a ACFN organiza também todos os anos o “Jantar das Instituições” – jantar reúne as três instituições Nicolinas (Irmandade de São Nicolau, AAELG-VN e ACFN) e a Comissão de Festas do ano corrente, e a Gala Nicolinos D’ouro – cujo objectivo é permear algumas personalidades Nicolinas e elementos da Comissão de corrente ano.

2. Quais os principais domínios de intervenção por parte da entidade que representa?

Apoio à Comissão de Festas, proximidade e disponibilidade de ajuda à Comissão, sempre que esta assim o solicite.

Contribuir objetivamente para dois dos eventos do cartaz anual – Moinas Nicolinas e Posses – com a oferta de um lanche para os estudantes que se desloquem à sede da Associação no dia das Moinas Nicolinas e com a oferta de um cabaz, na noite de Posses, que mais tarde será usado para o magusto dado à população pela Comissão de Festas.

2.1. Quais as políticas/ ações de intervenção associadas a esses domínios?

Garantia da independência da Comissão de Festas. Garantia das tradições e do “espírito Nicolino”.

2.2. Qual o grau de sucesso/insucesso da intervenção relativamente aos diferentes domínios?

Considero que a intervenção da ACFN, tem tido sucesso na sua intervenção a todos os níveis.

3. Quais as outras entidades que destaca no apoio às Festas Nicolinas?

Irmandade de São Nicolau e Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Guimarães – Velhos Nicolinos

4. Qual o grau de empenho/articulação dos Stakeholders?

Na medida das possibilidades individuais dos elementos das três instituições, o empenho para o sucesso de cada ano de Festas Nicolinas é total. Na medida das possibilidades organizativas das três instituições, a articulação e o relacionamento entre elas, é salutar, mas limitado pelos respetivos campos de atuação no que diz respeito a organização das Festas – papel esse que pertence inteiramente a Comissão de Festas Nicolinas.

5. Considera que as Festas Nicolinas, enquanto Património Imaterial, contribuem para a valorização turística da cidade? Sim

5.1. Se a resposta for sim. Justifique

Não estando a par de relatórios da Unesco ou de outras entidades, que comprovem se tal atribuição tem resultados diretos no turismo das cidades nas quais as candidaturas estão inseridas, considero que é quase um princípio lógico pensar que, a um reconhecimento internacional está quase sempre associada maior visibilidade, reconhecimento e também um aumento do turismo.

6. Na sua perspetiva, quais os números nicolinos que detêm maior visibilidade quer para o turista quer para o residente? Pinheiro, Posses, Maçãzinhas, Pregão

7. Em que medida uma candidatura das Festas Nicolinas, a Património Oral e Imaterial da Humanidade, pode valorizar o evento do ponto de vista turístico?

Sendo as Festas Nicolinas uma tradição dos estudantes de Guimarães, para os estudantes de Guimarães, considero que o conjunto de eventos que completam as Festas Nicolinas, pouco ou nada sairão valorizados do ponto de vista da tradição e dos costumes das Festas, uma vez que estes são estáticos e se devem manter intactos. A única valorização

que vejo como possível será apenas ao nível do possível aumento do turismo e da visibilidade da cidade e da região.

7.1. Na sua ótica, identifique quais os aspetos a ter em conta numa candidatura?

Em primeiro lugar e mais importante, considero que uma candidatura a Património Imaterial deve garantir a defesa e a manutenção integral e absoluta das tradições e costumes relacionadas com as Festas Nicolinas.

Deverá dar relevância e fundamentação histórica da origem das festas Nicolinas, quais os propósitos e o que motivou ao início da tradição Nicolina.

Deverá igualmente comprovar com o máximo aprofundamento factual possível, a evolução das Festas Nicolinas até aos dias de hoje.

Salvaguarda de toda a documentação existente ou entretanto recuperada, ou qualquer outro tipo de arquivo histórico, escritos, textos, edições, pinturas, retratos, imagens etc.

Apêndice VII

Entrevista - Vítor Marques

(Responsável pelo Turismo de Guimarães)

1. Em que medida, a entidade que representa está envolvida nas Festas Nicolinas?

2. Quais os principais domínios de intervenção por parte da entidade que representa?

2.1. Quais as políticas/ ações de intervenção associadas a esses domínios?

(Resposta 1, 2, 2.1.)

O turismo de Guimarães não está envolvido em nada. A câmara municipal sim. Tem essencialmente relacionado com a logística, são festas de iniciativa privada, da responsabilidade da comissão de estudantes do secundário de Guimarães. Tendo apoio da associação dos antigos alunos/velhos nicolinos.

Portanto, a câmara está envolvida colaborando na organização, essencialmente no que se refere a questões ligadas com a ocupação de espaço público, trânsito e limpeza. Também colabora na sua divulgação e promoção. No Pinheiro, tem que haver alguém que desenhe o percurso para ele estar impedido. E que no dia seguinte à noite do pinheiro, às 9h as ruas estejam limpas. O contributo da câmara é grande não é diretamente na organização da festa, isso compete à comissão. O programa das festas é

muito estável e a camara abre as portas das instalações para o pregão, e tem sempre os serviços atentos para ajudar naquilo que for preciso.

O apoio da camara presta, ou seja, disponibilizar um conjunto de meios que obviamente quando fazem as contas às Nicolinas não contabilizam e estamos a falar de valores que provavelmente, por exemplo, envolvência de máquinas, equipamentos, pessoas são maiores que os investimentos que faz a comissão. Mas, isso tudo bem porque é para isso que nós cá estamos. E é assim, para qualquer iniciativa que tem alguém a promove-la porque se for a camara a fazer tudo, a sociedade civil quer dizer as pessoas não fazem nada. A camara é que manda e que faz. Não! E a própria essência das festas perder-se-iam, nós não somos os principais líderes e nem nunca queremos ser. E enquanto as pessoas se interessarem em organizar ela vai ter sucesso. Isto é um bocado como as marchas gualterianas, as pessoas é que organizavam e faziam. E a câmara foi ajudando, e cada vez foi ajudando mais e as pessoas que antes organizavam, e se interessavam que davam o espírito entretanto aquilo começou a ser uma coisa em que as pessoas já queriam receber dinheiro para participar nas marchas porque a câmara que estava a organizar e perdeu-se o sentido da coisa.

E as Nicolinas ganharam valor porque foi com muito empenho, muito trabalho, dedicação, esforço, muitos naos ouvidos de muita gente durante muitos anos, faz com que as coisas ganhem dimensão. E as gualterianas é um exemplo em que um evento que vinha de baixo para cima, vinha do povo, com a camara apoiar “demasiado”, isto é, tudo que eram preciso a câmara dava chegou ao ponto que nem organizadores havia e depois as pessoas já criticavam “ a camara é que manda naquilo.” E agora, depois de anos controversos, já há organizadores e a câmara da poio mas, não tanto porque não queremos ser os dos elementos principais porque se um dia a câmara acaba, a sociedade desaparece. E a câmara é uma das instituições da cidade.

E as Nicolinas têm um espírito local que são promovidas pelos estudantes. Porque as Nicolinas são as festas que se a câmara acabar, continuava haver as Festas Nicolinas. Podem ser melhores ou piores, maiores ou menores, mas vai existir sempre as festas. E esta chama e esta vontade é que lhe dá o valor que ela tem.

2.2. Qual o grau de sucesso/insucesso da intervenção relativamente aos diferentes domínios?

São cumpridos todos os objetivos.

3. Quais as outras entidades que destaca no apoio às Festas Nicolinas?

Irmandade de S. Nicolau, Ass. dos antigos alunos, Comissão dos estudantes.

4. Qual o grau de empenho/articulação dos Stakeholders?

O grau de empenho é positivo.

5. Considera que as Festas Nicolinas, enquanto Património Imaterial, contribuem para a valorização turística da cidade?

Sim.

5.1. Se a resposta for sim. Justifique

Tem características singulares que a distinguem de outros eventos. Tem uma forte ligação á comunidade local e são um atrativo turístico numa época baixa do turismo local.

Em termos turísticos, tem interesse para o público local e nacional. Que é por exemplo um grande drama do teatro, há muitas peças de teatro, mas como é que os turistas estrangeiros vão assistir a peças em português. Nisso a opera teve sempre vantagens porque tradicionalmente é sempre em italiano ou alemão, quer dizer, as pessoas já estão habituadas a ver noutra língua e depois têm guiões. O nosso teatro não está adaptado nem preparado para isso, para estrangeiros ele é ditado em português.

O caso do Fado é diferente porque é música. Uma coisa é estar a ver teatro sem perceber outra coisa é ouvir música porque tem a melodia, os instrumentos e a verdade é que a maioria das pessoas gosta de música e não percebem a letra. A música é diferente do teatro, pois a envolvência da música é suficiente para cativar enquanto o teatro efetivamente se for ver uma peça em russo estão ali sentados e não percebem nada. Isto é uma discussão que se tem como a dinâmica de atividades como o teatro se podem adaptar para de facto ter um interesse turístico porque enquanto a questão da língua não for ultrapassada é muito complicado.

Pergunta: Mas, se fosse falado noutra língua para ser entendido por todos não perderia a identidade? Pois o teatro tem muitos problemas, e porquê que os musicais têm mais sucesso turístico do que as peças de teatro em particular? Porque são muito mais facilmente apreendidas pelas pessoas porque tem a parte da musica e a história é contada não baseada no texto, tem muito movimento e enquanto que o teatro normalmente é o texto. E isto é um problema nacional que se debate muito em termos de cultura e de aproveitamento de algumas manifestações culturais para o turismo, estão relacionados com esta questão.

Pergunta: E a nível nacional adesão ao teatro não é muita? Isso é outro problema. E se o teatro não atraí as pessoas tem que se ver porque. Se é o teatro que se tem de adaptar às

peças ou se é as peças ao teatro? E normalmente, os do teatro querem que sejam as peças e as peças querem que seja os do teatro, tem que existir um entendimento.

6. Na sua perspectiva, quais os números nicolinos que detêm maior visibilidade quer para o turista quer para o residente?

As Nicolinas têm um programa que muita gente não tem acesso e que muita gente não tem interesse se quer em ver.

Mas, o **Pinheiro** sim é uma expressão com dinâmica e que se espalha pela cidade. Mas, mesmo assim os nicolinos vão tolerando a presença de peças que não são nicolinos. Toleram porque de facto tem que se ser nicolino, tem que se ter andado na escola secundária em Guimarães. E penso que isso tem se perdido nos últimos anos, existe uma maior tolerância a peças de fora e eventualmente tocam nos bombos e nas caixas, mas o evento para começar a crescer e a despertar interesse em peças fora deste grupo e quando digo fora deste grupo refiro-me a peças de fora do concelho de Guimarães e a tolerância tem que ir alargando muito.

Isto é como a largada dos touros de Pamplona, na altura eram as peças que tratavam do gado de lá que faziam sito e hoje em dia é um evento mundial porque a partir de certa altura deixaram as peças vestir as roupas e toleraram a presença de peças de fora e converteram aquilo num evento mundial, mas não foi de um ano para o outro, foi ao fim de algumas décadas de trabalho.

E as Nicolinas têm uma expressão da noite do pinheiro que tem capacidade para atrair gente que as peças gostam de ver, mas existe muitos números que não têm tanta atratividade, como a roubalheira. As danças de S. Nicolau, que toda a gente quer bilhetes e nunca arranja, vamos estar a promover as danças que está sempre esgotado?! Ou seja, é contraproducente promover as danças que é um evento que não tem capacidade para dar resposta às peças que já querem ir e não conseguem, vamos estar a promover um vento para as peças chegarem à porta e não ter bilhete. E a organização faz as danças no auditório do vila-flor que leva 800 lugares mas se fossem 1500 estavam vendidos sem promoção e sem único esforço.

7. Em que medida uma candidatura das Festas Nicolinas, a Património Oral e Imaterial da Humanidade, pode valorizar o evento do ponto de vista turístico?

Dá-lhe certamente uma visibilidade maior. Já se falou disso, mas não compete à câmara, mas sim à organização.

Comentário: mas, a associação sozinha pode não ter o peso que é necessário ter, nas entidades que decidem para fazer andar o processo teria de ter o apoio do município!

Isso são decisões políticas. Provavelmente, que existir um movimento cívico forte e empenhado devido que o município não apoia-se. Agora se estão à espera que o município vá assumir o processo, aí já é diferente até porque nós, neste momento, já estamos incluídos na lista de património da humanidade. E as características a património imaterial são muito mais densas, mais complexas e mais difíceis de conseguir.

7.1. Na sua ótica, identifique quais os aspetos a ter em conta numa candidatura?

Pessoalmente, penso que as Nicolinas não têm no contexto mundial como são iniciativas culturais com uma grande dimensão, não apreço que reúnem condições. Nós em Portugal tivemos o Fado, que é uma coisa imensa, muito maior que as Nicolinas, teve uma candidatura que durou anos e foi muito complicado e chegou ao fim e foi uma longa batalha. O que quero dizer é que a camara não assumiria a vanguarda de um processo destes. Pelo interesse que têm, a visibilidade como património da humanidade já temos assegurado de alguma forma e porque as candidaturas do imaterial na são candidaturas simples.

Se a candidatura for avante, dificilmente a câmara não se associará ao processo. O processo de candidatura garante uma notoriedade como candidato.

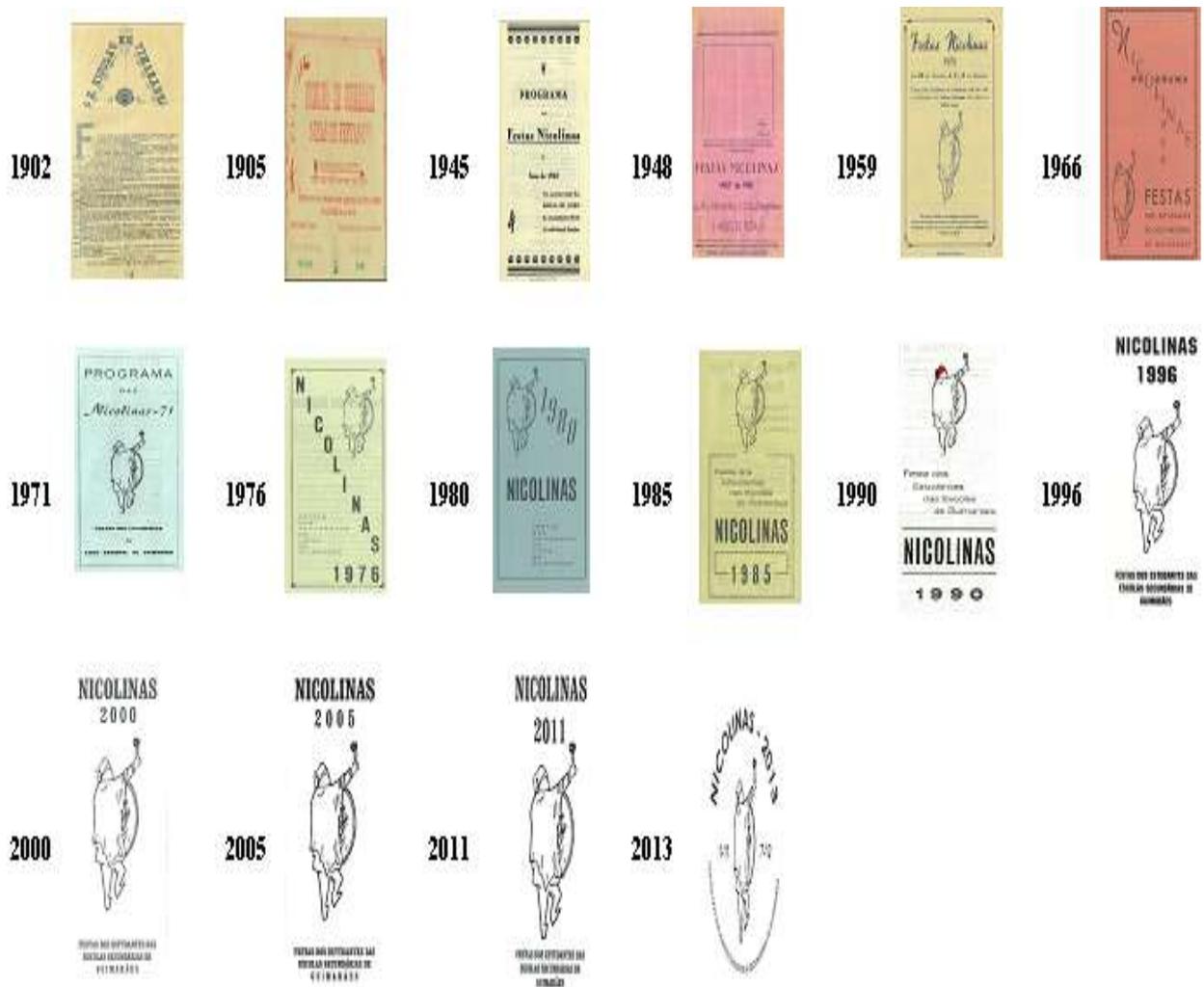
O tango também foi candidato a património imaterial recentemente é que está a falar de coisas de dimensão mundial. As Nicolinas são umas festas com interesse óbvio, mas não tem dimensão internacional e aliás nem nacional. Tem sim, uma dimensão local muito forte e depois tem algum impacto regional. E a UNESCO quando olha para isto, olha para o planeta todo e portanto têm, que ser coisas que saltem á vista.

Comentário: tem conhecimento do estudo antropológico que está a ser feito pelo professor Jean Yves Durand (Universidade do Minho).

Não tenho conhecimento, mas o facto de se fazer um estudo sobre as Nicolinas só implica que se está atento a estas realidades e que se quer documentar relativamente a elas não é nenhum passo para anda porque nas nossas competências também temos essas informações e reunimos e trabalhamos com parceiros como a UM no desenvolvimento deste tipo de trabalho.

Apêndice VIII

Imagem 4 - Programas das Festas Nicolinas

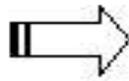


Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN

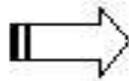
Apêndice IX

Imagem 5 – Objetos nicolinos

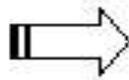
Traje acadêmico



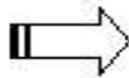
Traje de trabalho



Caixa



Bombo



Fonte: Elaboração própria

Apêndice X I

Tabela 15 - Ficha Etnográfica nº 1

Nome	Pinheiro
Análise etnográfica deste número começa no ano 1822 (primeira referência documental deste número) até à atualidade.	
Dia de realização	Na noite de 29 de novembro e prolonga-se pela madrugada do dia 30.
Local realização	<p>1842 - <i>"Pelos 8 horas da noite, indo os Estudantes desta vila a içar a Bandeira na Praça do Toural (era um pinheiro muito grande) conforme o costume, por haverem de principiar no dia seguinte as Novenas de N. Sra. da Conceição, caiu o Pinheiro e matou logo um rapaz, enteado de um pedreiro Gago de Trás-o-Muro, o qual tinha 10 anos, pouco mais, ou menos, e o qual estava vendo levantar a Bandeira. Logo que houve este infeliz acontecimento, retiraram-se todos os Estudantes e mais circunstâncias, levando consigo a dor e a consternação, e cessando desde então todos os sinais de regozijo que costuma haver em tais ocasiões, ficando na Praça só o cadáver da infeliz vítima para ser levantado pela Justiça no dia seguinte".</i>⁴⁴</p> <p>1864 - <i>"Naquele dia ao anoitecer chegou à praça do Toural, precedido de grande número de tambores, e, seguido da música desta cidade, o pinheiro que serve para a bandeira que anuncia os festejos."</i>⁴⁵</p> <p>2005 - <i>"O cortejo do Pinheiro arranca à meia-noite, com milhares de pessoas, saindo do Terreiro do Cano ao lado do Campo de S. Mamede, passando depois pelo castelo de Guimarães, Rua de Santo António, Toural, Alameda S. Dâmaso e Campo da Feira, e terminando no Largo de S. Gualter, ao lado da igreja de Santos Passos."</i>⁴⁶. <i>"O desfile sai do Cano e depois de</i></p>

⁴⁴ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito do SMS.

⁴⁵ Religião e Pátria, n.º 17, 4.ª série, Guimarães, 3 de Dezembro de 1864.

⁴⁶ Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

	<p><i>passar pelo Toural, o pinheiro vai a enterrar no Largo de S. Gualter, ao lado da Igreja de Santos Passos, num local agora definitivo, onde tem uma placa evocativa.</i>”⁴⁷</p> <p>Atualmente, o cortejo do pinheiro sai do Terreiro do Cano passa pelo Castelo de Guimarães, Palheiros, Rua de Santo António, Largo do Toural, Alameda São Dâmaso e Campo da Feira e termina no Largo de São Gualter ao lado da igreja dos Santos Passos (lugar onde encontra-se o monumento nicolino).⁴⁸</p>
<p>Principais características</p>	<p>Primeiro número oficial na celebração profana das Festas Nicolinas mas, não é um dos iniciais números Nicolinos mas representa atualmente o número Nicolino mais divulgado em Portugal e nasce com as mudanças que as festas sofreram ao longo dos tempos. E foi através do uso de uma tradição minhota que baseia-se em erguer no local onde vai acontecer as festas, um grande mastro que é o sinal do princípio das festas e ai fica até ao fim da festividade.</p> <p>Este número teve início no século XIX (apesar de se desconhecer a data precisa do início deste número), o cortejo é comandado pela personagem principal que é o chefe de bombos ele guia o cortejo e atrás de si a sua “boneca” que marca o ritmo dos bombos, depois seguem os estudantes, novos e velhos. <i>“O Pinheiro segue enfeitado com lanternas e um festão com as cores escolásticas (verde e branco), pousado em carros puxados por juntas de bois, levando à frente uma representação da figura de Minerva, deusa da sabedoria (que é desempenhada por um homem travestido com um traje de soldado romano).</i>”⁴⁹ Antigamente, só os velhos nicolinos participavam e acompanhavam o pinheiro do Toural e só tocavam quando chegassem ao Campo da Feira. Sendo que o Pinheiro era transportado por 50 a 60 juntas de bois (hoje em dia, continua a ser transportados por bois), depois atrás iam indivíduos</p>

⁴⁷ Guimarães digital, 29 de novembro de 2005.

⁴⁸ Diário de bordo.

⁴⁹ Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

a cavalo, com lenço brancos e um turbante. Quem não tocava (caixa ou bombo), utilizavam máscaras.

Inicialmente só participavam os homens pois consistia numa exteriorização da masculinidade dos homens da terra e esta manifestação masculina era executada perante as meninas que assistiam ao desfile sem poder participar. Associa-se este número como simbolismo da virilidade pois existe a preocupação em escolher o pinheiro maior da cidade, ou seja, o pinheiro erguido simbolizava a virilidade.⁵⁰

Antes do cortejo realiza-se a ceia Nicolina, esta ceia apareceu devido à ceia efetuada pelos Irmãos de Nicolau e foi uma forma de reanimar as Festas Nicolinas, e teve início na década de 50. E no qual em 1954, surge a proposta para se criar a Associação dos Antigos Estudantes. *“As Ceias Nicolinas, que hoje juntam milhares de estudantes e antigos alunos de todo o Concelho, servem para preparar o momento alto que se segue, o Pinheiro.”*⁵¹ E esta ceia tem uma aliança com este número porque é único que se realiza a noite e a ceia não é mais do que um jantar de convivência entre estudantes novos e os antigos e para que reunidos desfilarem pelas ruas da cidade. A ceia Nicolina ou ceia da confraternidade, antigamente, era só depois do Pinheiro erguido e de se ouvir o hino Nicolino, *“ (...) o cortejo é antecipado pelas tradicionais 'Ceias Nicolinas' e são compostas por caldo verde com tora, papas de sarrabulho, rojões de porco com batatas, tripas com grelos e castanhas assadas, sempre bem regadas com vinho verde”*⁵². Realizam tertúlias acompanhadas de vinho tinto, rojões com castanhas e papas de Sarrabulho, arrozadas de penosas, sardinhas assadas, broa e Caldo Verde. *“ Antes do Cortejo (...) A tradição, apesar de tudo, ainda é o que era então faltam os grupos, as tertúlias, muitas com "poiso certo" para o jantar da praxe. De resto, na noite de hoje, quem quiser*

⁵⁰ Diário de bordo

⁵¹ Notícias de Guimarães, ano 78º, nº4118, 25 de novembro de 2010.

⁵² Guimarães Digital, 29 de novembro de 2005.

*jantar fora e ainda não reservou mesa vai ter algumas dificuldades.”*⁵³

Atualmente, os estudante invadem a cidade e há restaurantes a fazerem turnos para servirem as refeições, por exemplo, das 19h30 às 20h30 vai um grupo de estudantes, das 20h30 às 21h30 outro e das 21h30 às 22h30. Ou seja, o número de pessoas nesse número é elevado e por isso a restauração vimaranenses fica lotada nessa noite.⁵⁴ A cidade enche-se de gente com objetivo recarregar forças que vão ser precisas para o cortejo do Pinheiro. Para além, da ceia ser o reencontro dos antigos estuantes, da convivência e do espírito de companheirismo fraternidade.⁵⁵

*“Esta noite, os restaurantes vão encher-se de grupos nicolinos, muitos dos quais feitos por colegas de escola que aproveitam esta noite para um reencontro (...)”*⁵⁶

Depois do cortejo, segundo a tradição, os estudantes vão para frente do antigo e simbólico Liceu Nacional de Guimarães (Escola secundaria Martins Sarmiento) e ficam a tocar tambores ate ao nascer do dia, isto teve inicio porque não havia tolerância de ponte de aulas e por isso ficavam a tocar para impedir a sua execução.

Em termos de tamanho do pinheiro, tendo em conta os documentos analisados, verificou-se o seguinte:

1863 - Media 96 palmos.

1881 - “Cento e tantos” palmos 1881 e foi preciso 7 juntas de bois.

1883 – Foram precisas doze juntas de bois.

1895 – Foram 26 juntas de bois.

1899 - Atingia os 115 palmos.

1900 – Foi preciso 48 juntas de bois possantes.

1904 - Atingia 25 metros e foi preciso 61 juntas de bois.

1906 – Foram 70 juntas de bois.

⁵³ Jornal de Noticias, 29 de novembro de 2005.

⁵⁴ Anotações do diário de bordo.

⁵⁵ Diário de bordo

⁵⁶ Jornal Público, 29 de novembro de 2002, artigo escrito por Adelino Gomes.

	<p>1911 - Ficou-se pelos 21. Foram precisas 79 ou 80 juntas de bois. O pinheiro media-se tendo em conta as juntas de bois, ou seja, quanto maior quanto mais juntas de bois fossem necessárias para o cortejo.</p> <p>1916 – Existiu uma baixa nas festas, visto que o pinheiro só foi luxado por uma juntas de vacas (não havia feno à 15 dias).</p> <p>1918 – Anunciou-se o fim das festas.</p> <p>1919 – As festas volta, sendo pinheiro puxado por várias juntam.</p> <p>1925 - Foram 53 juntas de bois.</p> <p>1927 – 71 robustas juntas de bois.</p> <p>Na década de 60 ainda media-se por juntas de bois. E atualmente mede-se o pinheiro pelo número de pessoas que acompanha o cortejo⁵⁷.</p>
Utensílios/ Acessórios	<ul style="list-style-type: none"> • Bombo • Caixa • Comissão das Festas Nicolinas usa o traje de trabalho, que é composto pela calça preta, sapato preto, camisa branca lisa, lenço tabaqueiro (quadrado e vermelho) e mitra (barrete vermelho, com a base verde).
Toques	<p>Conjunto afinado de caixas e bombos. A caixa toca “ratas” e “pranas” com “repiques” contidos acatando o período de toques do bombo tocados com energia.</p> <p>3 - 2.2 - 3 - 1.3 - 3 - 1.5 completos ou finais⁵⁸</p>
Expressões e relatos	<p>1822 – Não se sabe o dia certo em que o Pinheiro saiu à rua a primeira vez mas, o primeiro registo escrito em que menciona-se o número do Pinheiro não foi no dia 29 de Novembro mas sim a 18 de dezembro, sendo chamado de bandeira.⁵⁹</p> <p>1842 – Pelas 20h ergueram a bandeira (pinheiro) no Largo do Toural.⁶⁰</p> <p>1854 – <i>“No dia 29 de Novembro chegou ao Toural... o mastro</i></p>

⁵⁷ Diário de bordo.

⁵⁸ Diário de bordo.

⁵⁹ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito do SMS.

⁶⁰ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito do SMS

para a bandeira, pintado de branco e vermelho (cores escolásticas) tendo na sua chegada urna girândola de foguetes, e acompanhado da música do Batalhão de Caçadores 7.”⁶¹

1864 - *“Na madrugada de hoje houve música outra vez;”⁶²*

1883 – Segundo uma lenda, de 1883, que o pinheiro é erguido para anunciar as Festas Nicolinas.

1906 – *“A’s 8 horas em ponto dará entrada na cidade o clássico pinheiro, mastro anunciador das características festas em honra de S. Nicolau o santo patrono dos estudantes de Guimarães.”⁶³*

*“Esse pinheiro dava de ordinário entrada pelas 7 ou 8 horas da noite, conduzidos dos arrabaldes da cidade, por seis ou sete juntas de bois, com muitos archotes e uma música, tocando o hino escolástico, indo na frente muitos estudantes, tocando tambores e zabumbas (...) na noite do dia 29 de Novembro no Campo do Toural”.*⁶⁴

1910 - com a queda da monarquia, as Nicolinas sofreram algumas alterações e protestos, como podemos verificar numa parte do artigo escrito por ex-estudante. *“(...) tais Festas vão-se aguentando por um tour de force e que só as anima e vitaliza o vosso entusiasmo juvenil ou as olha boquiaberto e saudoso algum velhote, veneranda relíquia do tempo em que elas eram, pelo menos, uma exibição de costumes. Tais festas, porem, nem comemoram uma data importante da nossa história, nem consagram uma benemerência social, nem visam a acendrar o sentimento patriótico, nem sequer têm o mérito duma folga higiénica ou divertimento inofensivo. (...) Fazei convergir para Ela as energias, os entusiasmos, os sacrifícios que malbaratais ingloriamente e perigosamente do pinheiro, no zabumba, nas roubalheiras e estúrdias ao S. Nicolau (...)”⁶⁵*

⁶¹ Jornal do Porto, Braz Tizana, n.º288, 1854.

⁶² Religião e Pátria, n.º 17, 4.ª série, Guimarães, 3 de Dezembro de 1864.

⁶³ Programa de 1906 (ver anexos).

⁶⁴ O Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906

⁶⁵ Artigo, escrito por ex-estudante, à data de 3-12-1910.

	<p>1914– <i>“Rapazes, atenção!//A lei de Nicolau decreta, neste dia,/ a todo o estudante amigo da folia,/ que o bombo entre acção./Rufai valentemente! (...).”</i>⁶⁶</p> <p>1920 – <i>“ (...) ‘os Velhos Nicolinos’ juntaram-se aos novos, engrossando a ‘orquestras’ infernal dos zabumbas na entrea triunfal do Pinheiro (...).”</i>⁶⁷</p> <p>1935 – <i>“Não morrerão jamais as Festas que o Pinheiro/ Bme alto as anuncia, ao burgo, num terreiro!”</i>⁶⁸</p> <p>1940 – <i>“ (...) essa banda infernal de bombos e tambores! (...) /Minerva já assinou as cartas de doutores/ Para aqueles de rijo exibam maçanetas!”</i>⁶⁹</p> <p>1945 - <i>“A’s dez horas da noite, puxado por centenas e centenas, de juntas de bois, sairá do Capo do Salvador (mais conhecido por o Cano, no meios populares). O Pinheiro maior, o mastro mais gigante que ao longo e ao largo, canta a Festa do Estudante.”</i>⁷⁰</p> <p>1951 - Como curiosidade, em 1951 o pinheiro não se festejou a 29 mas no dia 30 de Novembro, por causa do regime republicano ter decretado luto nacional pela morte da Rainha D. Amelia de Orleans e Bragança, viúva de D. Carlos I, é um facto isolado, mas revela a união clara dos estudantes vimaranenses e da Festa Nicolina ao estabelecer luto nacional, como consideração à herança e à história de Portugal.</p> <p>1960 – <i>“A’s 22 hora (....) sairá o Pinheiro... Será puxado (o Pinheiro por muitos animais Kon Kornos o que proporcionará um espetáculo de rara beleza, cómica ...”</i>⁷¹</p> <p>1966 – <i>“(...) barulhentos bombos e esganiçadas caixas (...) um grande mastro (apelidado de Pinheiro) percorrerá as ruas da cidade (...).”</i>⁷²</p>
--	--

⁶⁶ Pregão de 1914.

⁶⁷ Os Velhos: 1845-1970. Número único consagrado ao 75º Aniversário do Ressurgimento das Festas Nicolinas, p.2.

⁶⁸ Pregão de 1935.

⁶⁹ Pregão de 1940.

⁷⁰ Programa das Festas Nicolinas, de 1945.

⁷¹ Programa das Festas Nicolinas, de 1960.

⁷² Programa de Festas Nicolinas, de 1966.

	<p>1972 – <i>“O pinheiro é, como toda a gente sabe, aquela árvore que se torna rapidamente centenária. O velho Nicolino é aquele em cuja superfície craneal varrida pelos ventos da mais pura ‘Nicolinidade’ patinam recordações que o tempo não apagou”</i>⁷³</p> <p>1978 – <i>“(…) devidamente preparado, o ‘gigante encarumado’ ficará em repouso junto ao Cano, indiferente aos rigores do tempo e aos olhares dos curiosos. (...) organizado o cortejo, e o Pinheiro desce vagaroso rumo ao Campo da Feira, sem respeitar os semáforos com o respetivo acompanhamento.”</i>⁷⁴</p> <p>1983 – <i>“O mastro anunciador das Festas em honra do Santo padroeiro e que neste ano da graça vão ser, como nos demais, de arromba.”</i>⁷⁵</p> <p>1985 – <i>“Precediam-no numerosos estudantes com zabumbas e tambores, que faziam um barulho ensurdecador. Atrás do pinheiro vinha uma banda de música, tocando o antigo hino escolástico (...)”</i>⁷⁶</p> <p>1986 – <i>As 20h, deu-se início ao cortejo do pinheiro, que estava devidamente enfeitado.</i>⁷⁷</p> <p>1990 – <i>“Multidões arrastam-se das mais diversas aprtes do planeta para assistir a mais um lançamento do Missil Nicolino, o único construído com preocupações ecológicas e biodegrável para além de possuir excelente camuflagem.”</i>⁷⁸</p> <p>1996 – <i>“(…) o figurino da Noite do Pinheiro muda, a bem da popularidade e das audiências (que se tem mantido nas várias dezenas de milhares de espetadores live). Assim, deixa o Pinheiro de ser puxado por tração bovina e vai ser trazido pelas Baionnetes (...) em vez da Minerva vem o Baião (...)”</i>⁷⁹</p>
--	---

⁷³ Programas de Festas Nicolinas, de 1972.

⁷⁴ Programas de Festas Nicolinas, de 1978.

⁷⁵ Programa de Festas Nicolinas, de 1983.

⁷⁶ O Comércio de Guimarães, n.º 1069, XII ano, 2 de Dezembro de 1895

⁷⁷ Programa das Festas Nicolinas de 1896.

⁷⁸ Programa das Festas Nicolinas de 1990.

⁷⁹ Programa das Festas Nicolinas de 1996.

	<p>2002 – “(...) abertura oficial das Festas Nicolinas só acontece hoje, com o Cortejo do Pinheiro...”⁸⁰ “Cortejo do Pinheiro ao nível da sua tradição e prestígio.”⁸¹</p> <p>2004 – “Esta noite realiza-se o cortejo do Pinheiro, o momento alto de mais uma edição das festas Nicolinas. Milhares de estudantes saem à rua para tocar caixas e bombos, anunciando o início dos festejos (...)”⁸²</p> <p>2005 – “E porque é a última vez, vou repetir: O Pinheiro, é tão somente o mastro anunciador das Festas, serve para dizer que estamos em Festa, serve para lembrar que estamos nas Nicolinas.”⁸³. “O cortejo do “Pinheiro” abre (...) as Festas Nicolinas de Guimarães, que juntam, numa semana de folia em honra de S. Nicolau, os atuais e antigos estudantes dos liceus da cidade-berço”⁸⁴. “ (...) Cortejo do Pinheiro. É o cumprimento de uma tradição secular dos estudantes de Guimarães. A noite ficará marcada pela invasão pacífica dos estudantes com milhares de caixas e bombos nicolinos (...)”⁸⁵</p> <p>2007 - “Numa fria noite de Novembro, o rufar ensurdecedor de milhares de bombos e caixas não deixa dúvidas: o “pinheiro” está em marcha!”⁸⁶. “Milhares de estudantes participaram no cortejo do Pinheiro, o número mais carismático das Festas Nicolinas”.⁸⁷. “a Eles andam aí - medo, muito medo. Eles quem? (...) os bombos e as caixas. Qual é a cidade com mais bombos e caixas por metro quadrado? Pode até nem ser científico, mas a 29 de Novembro só pode haver uma resposta certa: Guimarães”⁸⁸</p>
--	---

⁸⁰ Jornal Público, 29 de novembro de 2002, artigo escrito por Adelino Gomes.

⁸¹ Guimarães digital, 29 de novembro de 2002.

⁸² Guimarães Digital, 29 de novembro de 2004.

⁸³ Programa de 2005.

⁸⁴ Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

⁸⁵ Guimarães Digital, 29 de novembro de 2005.

⁸⁶ António Luís Campos, in *National Geographic - Portugal*, edição de Novembro de 2007

⁸⁷ Guimarães Digital, 30 de novembro de 2007.

⁸⁸ Jornal Público, 2 de dezembro de 2007, artigo “Guimarães é a cidade com mais bombos por metro quadrado” de Sandra Silva Costa.

	<p>2010- “ (...) <i>Cortejo do Pinheiro que marcou o início da edição deste ano dos festejos nicolinos</i>”⁸⁹. “...<i>com o Pinheiro, na segunda-feira, dia 29, que as Festas Nicolinas iniciam oficialmente, embora a cidade já esteja contagiada com o ambiente festivo.</i>”⁹⁰</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

Apêndice XII

Tabela 16 - Ficha Etnográfica nº 2

Nome	Novenas
Análise etnográfica deste número começa no ano 1319 até à atualidade.	
Dia de realização	1 a 7 dezembro
Local realização	Capelinha de Azurém ou de Nossa Senhora da Conceição de Fora (conhecida como “ <i>de Fora</i> ” porque situa-se no subúrbios da cidade).
Principais características	<p>Tem origem, de forma mais habitual, no século XVIII, apesar do culto religioso a S. Nicolau ser mais antigo. E surge pela existência de uma Irmandade sediada na capela de Nossa Senhora da Conceição, desde o século XVI, e no qual os estudantes associara-se a essa devoção à Nossa Senhora da Conceição, e assim as novenas começaram a ser parte integrante das Festas Nicolinas. Consiste num conjunto de cerimónias religiosas que consistem na celebração nove missas antes de qualquer festa. Hoje em dia, realizam-se só uma vez e pelas 6h, e nesse dia os Nicolinos acordam Guimarães, desde o centro histórico até a capelinha de Azurém, com o toque das novelas.</p> <p>“ (...) <i>foi o costume de os Estudantes irem à Nossa Senhora da Conceição de Fara, assistir às Novenas. Manhãzinha cedo, ao</i></p>

⁸⁹ O Comércio de Guimarães, 1 de Dezembro de 2010, ano 127, edição nº 8600.

⁹⁰ Notícias de Guimarães, ano 78º, nº4118, 25 de novembro de 2010.

	<p><i>dialbar da aurora, um bando de Estudantes, enroupados com camisolas e carapuças à lavresca, saem à rua, tonitroando tambores e caixas. (...) Nove dias se sucedem, como contas em rosário, para esta, devoção matinal.” (Carvalho, 1956: 103).</i></p> <p>Depois da novena vão ao mercado onde as vendedoras oferecem os estudantes géneros alimentos e que são entregues na casa dos pobres. Este número é descrito no seguinte texto, intitulado “Novena da Conceição”.</p> <p><i>DEZEMBRO FRIO. A geadas/ cobre os caminhos que vão, / Sob os palores da Alvorada./Ao lugar da Conceição!/Denso brilho de ametista, /Reflectindo a lua cheia,/Sob o Alpendre Seiscentista/Pela noite bruxuleia! (...)/Como esperança/redentora,/ A Devoção pressurosa/Vai visitar a Senhora /Da Conceição - «Gloriosa!» / As sinetas tagarelas,/Em transportes de alegria, Trilam, em notas singelas: / «Tota pulchra, es Maria»/ E o eco responde além (...)/Querubim, anjo ou donzel:/ «Tu Glória Jerusalém!» /«Tu faeticia Israel»/ Reparai na Capelinha/ 'Spargindo luz em lampejos,/A refletir a Rainha/No brilho dos azulejos/Já chegou o Organista,/Sisudo (...) fitando o chão! (...)/ -João Lopes, grande artista /Na solfa do cantochão!/Lá estão o Felix, Ferreira/E o Couto Procurador;/ João de Deus enfileira/Também canta por amor! (...)</i></p>
<p>Utensílios/ Acessórios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Bombo • Caixa • Traje⁹¹: Artigo 1º, do Decreto nº 10/290 de 1924 refere que o traje era “<i>permitido aos estudantes de ambos os sexos das Universidades, liceus e escolas superiores o uso da capa e batina, segundo o modelo tradicional, como traje de uso escolar (...) a todas as pessoas que indevidamente enverguem capa e batina são aplicadas as sanções estabelecidas pela legislação penal para o uso ilegítimo de uniformes, fardamentos e distintivos</i>”.⁹²

⁹¹ Traje composto por calças pretas, batina, camisa branca, gravata preta, sapatos pretos e capa preta.

⁹² Decreto nº 10/290 de 12 de novembro de 1924, Ministério da Instrução Pública.

<p>Toque</p>	<p>Toque usado em vistas cemitérios, procissões, missas ou novenas. Toque vagaroso e os estudantes têm que estar trajados.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caixa - 2 “ratas” + 3 “pranas”+ 1 “rata” individual • Bombo - acompanha a caixa com toques abafados e individuais. 2 - 1 – 9 em ritmo⁹³
<p>Expressões / Relatos</p>	<p>1319 – No de início das festas em honra da Nossa Senhora da Conceição (grande participação da população). Este facto contribui para a construção da capelinha de Azurém, no século XIV.</p> <p>1513 – “(...) <i>Os padres careiros ao serviço da Colegiada - denominados Padres Capinhas – tomaram o encargo de celebrar um acto religioso na capela de Nossa Senhora da Conceição, erecta na freguesia de Azurei, subúrbio da cidade.</i>” (Carvalho, 1956: 103).</p> <p>1594 – Surge uma irmandade sediada na capela da Nossa Senhora da Consolação (atual Igreja dos Santos Passos). (Carvalho, 1943).</p> <p>1738 – Um estudante tocava um “ralejo”, num momento cerimónia religiosa, interpreta-se que sejam as novenas (Carvalho, 1943). É importante referir que, no século XVIII, devido ao facto de existir uma Irmandade (cónegos e estudantes), sediada na capelinha, os estudantes dedicaram-se a celebrar nove novenas (terminava no dia 8 de dezembro) de uma forma mais rotineiro.</p> <p>1906 - “<i>Até ao dia 6 de Dezembro (dia de S. Nicolau) desde o dia 30 de Novembro, ao romper da aurora, ia a caminho de Nossa Senhora da Conceição, às novenas, uma grande parte desses estudantes, também com tambores e Zabumbas.</i>”⁹⁴</p> <p>1945 - “<i>Dia 30, 1, 2, 3 Haverá tréguas. O General Paz e Sossêgo, será interrompido apenas das 16,5 às 18 da manhã: hora da chamada dos estudantes para a tradicional novena de Nossa Senhora da Conceição</i>”⁹⁵</p> <p>1988 - “<i>Atenção Madrugadores!!! As Novenas regressaram, com os Nicolinos a rufarem nos seus tambores. Lá pelas 6.00 horas da</i></p>

⁹³ Diário de bordo.

⁹⁴ *O Comércio de Guimarães*, Dezembro de 1906.

⁹⁵ Programa das Festas Nicolinas de 1945.

*manhã 10 vultos negros serão avistados a dirigirem-se para a capela da Nossa Senhora da Conceição. Não se assustem que não são ladrões, são os Nicolinos que lá irão rezar a S. Nicolau, o seu Santo Padroeiro.”*⁹⁶

1990 – *“E como antes das Festas está o Santo que lhes empresta o nome, vamos pagar-lhe o devido tributo com algumas madrugadas, que todo o bom nicolino não pode deixar de fazer. Afinal o que são algumas horas de sono a menos para celebrar alguém que nunca dorme por nossa causa. Viva S. Nicolau! Já sabem é na Capela de Nossa Senhora da Conceição. Vamos que por este andar nem com muita fé o ensino vai prá frente!”*⁹⁷

2000 – *“Porque nem só do profano vivem as Festas, aqui se presta tributo ao Santo. Em horas que os outros dormem oram os Nicolinos.”*⁹⁸

2001 – *“como se sabe, as Festas Nicolinas são Festas consagradas a S. Nicolau, que entre outros, é padroeiro dos gatunos (...) Comissão de Festas Nicolinas, vai orar ao Santo., para que este zele e vele por nós e nos proteja contra, o terrorismo, o Antraz, as Antroses, os Poliban, os Esfregões, e todos esses que andam por aí a fazer mal ao Povo.”*⁹⁹

2002 – *“Seguem-se as famosas Matinas com recolha de alimentos e dadivas (...)”*¹⁰⁰

2005 – *“ O programa das "Nicolinas" inclui, de 1 a 7, as novenas (...) ”*¹⁰¹.

2007 - *“ (...) as novenas (nove missas, de 30 a 8 de Dezembro), que são também de tributo a Nossa Senhora da Conceição. Os estudantes*

⁹⁶ Programa das Festas Nicolinos de 1988.

⁹⁷ Programa das Festas Nicolinas de 1990.

⁹⁸ Programa das Festas Nicolinas de 2000.

⁹⁹ Programa das Festas Nicolinas de 2001.

¹⁰⁰ Programa das Festas Nicolinas de 2002.

¹⁰¹ Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

	<p><i>assistem a algumas destas missas, às 6h30, e regressam à cidade a tocar bombos e caixas.</i>”¹⁰²</p> <p>2010 - “(...) <i>as Novenas, de 1 a 7 do mesmo mês (...)</i>”¹⁰³</p> <p>2011 – “<i>Na recôndita capela de Our Lady of Conceição (é conveniente sermos sensíveis ao contexto da CEC 2012) “ajuntam-se os madrugadores estudantes a pedir a sagrada bênção, numa missa matinal. Aqui chegam eles em afinadíssimo toque de caixa (...) vão de seguida ao mercado municipal fazer peditório de bens alimentares, que depois oferecem à Casa dos Pobres (...) A atividade decorre por uma semana (...)</i>”¹⁰⁴</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

Apêndice XIII

Tabela 17 - Ficha Etnográfica nº 3

Nome	Posses e Magusto
Análise etnográfica deste número começa no ano 1717 até à atualidade.	
Dia de realização	4 de dezembro
Local realização	Atualmente, este número tem inicio as 21 horas no campo da feira e dirigindo-se ao centro histórico (o percurso depende da localização das casas onde foi acordada pararem).

¹⁰² Jornal Público, 2 de dezembro de 2007, artigo “*Guimarães é a cidade com mais bombos por metro quadrado*” de Sandra Silva Costa.

¹⁰³ Notícias de Guimarães, ano 78º, nº4118, 25 de novembro de 2010.

¹⁰⁴ Programa das Festas Nicolinas de 2011

<p>Principais características</p>	<p>As Posses nasceram no Convento das Clarissas. E os estudantes que eram coreiros da colegiada vinham pedir prendas às freiras, ou seja, pedir a posse. Este número evoluiu e sofreu mudanças, e atualmente, as posses são pedidas as instituições, casas particulares e restaurantes.</p> <p>O magusto surgiu, segundo a lenda, pelo facto de um cônego deixar em testamento uma dádiva anual aos correios da colegiada (padres). Os estudantes recolhem essa oferta numa propriedade, dos Cónegos da Colegiada, em Santo Estevão de Urgeses sendo a posse constituída por castanhas, vinho, maçãs, palha e nozes. Era tradição “ (...) pagar aos Estudantes que festejavam S. Nicolau, seu Patrono, uma porção dos frutos da dizimaria de St. Estêvão de Urgeses.” (Carvalho, 1957:66).</p> <p>No regresso à cidade, ao passar na Cruz de pedra, onde os oleiros ofereciam, lenha e mato. Quando chegavam à cidade, ao sítio onde se encontrava o pinheiro (no Rossio de Guimarães, atual Toural), fazia-se uma fogueira para assar as castanhas para toda a população, e mostrar o espírito de camaradagem e de partilha com a população. Hoje em dia, as Posses e o Magusto, são no mesmo dia, realiza-se um cortejo, os estudantes são acompanhados por uma banda de música que toca o hino das Nicolinas ou hino escolástico. Antes de oferecer as posses, as pessoas que se encontram nas janelas ou varanda, proferem uns versos, comunicando um recado aos estudantes.</p> <p>Os membros da comissão de festas solicitam os “comes e bebes” que depois vão brindar a população no magusto. Só os membros da comissão podem participar. Este número é interessante porque consiste numa caminha pelo centro histórico, lembrando os nossos antepassados. Sendo também um momento importante pois os estudantes demonstram o seu altruísmo ao recolher alimentos e distribuí-los pela população.</p>
--	--

<p>Utensílios/ Acessórios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A comissão das festas nicolinas usa o traje de trabalho.¹⁰⁵ • Banda de Música que acompanha o cortejo, tocando o Hino Escolástico ou Hino Nicolino. • Cesto onde se entrega as Posses aos Nicolinos, ou seja, o cesto é preso a uma corda que é puxada para se conseguir chegar à varanda, onde colocam a Posse e depois descem o cesto para entregar aos Nicolino. • Carrinho decorado onde é despejada a Posse.
<p>Toque</p>	<p>Não tem toque associado.¹⁰⁶</p>
<p>Expressões/ Relatos</p>	<p>1717 – “ (...) e outro sim ele readeiro satisfará aos estudantes do Senhor S. Nicolau pelo seu dia a porção que é obrigado com toda a boa satisfação, como é uso e costume.” (Carvalho, 1956: 66)</p> <p>1744 – “Há uma costumeira de dar aos Careiros em dia de S. Nicolau os frutos seguintes: 200 maçãs, 1/2 rasa de tremoços cortidos, meia de nozes, 2 alqueires de castanhas assadas, e duas dúzias de palhas, de grandes molhos.” (Carvalho, 1956:66).</p> <p>1797 - “Despendeu-se com o que se paga aos Meninos do Coro na função de S. Nicolau que lá vão, três mil e duzentos reis (...) ” (Carvalho, 1956: 66).</p> <p>1800 – “ (...) e também com o encargo da posse aos estudantes em dia de S. Nicolau.” (Carvalho, 1956:66).</p> <p>1808 – “ (...) com mais obrigação de em dia de S. Nicolau de cada um ano(dar) aos estudantes (...) dois alqueires de castanhas assadas, meio alqueire de nozes, meio alqueire de tremoços, duzentas maçãs, dois almudes de vinho e duas dúzias de palha de argola.” (Carvalho: 1956: 67)</p> <p>1812 – “ (...) com obrigação de dar aos Estudantes o que for costume...” (Carvalho, 1956: 67).</p> <p>1823 - “ (...) e mais com a obrigação de dar aos careiros ou estudantes (...) na forma do costume, duzentas maçãs, meia raza de</p>

¹⁰⁵ Anotações do diário de bordo - Traje de trabalho: calça preta, sapato preto, camisa branca lisa, lenço tabaqueiro (quadrado e vermelho) e mitra (barrete vermelho, com a base verde).

¹⁰⁶ Diário de bordo.

	<p><i>tremoços cortidos, meia raza de nozes, dous alqueires de castanhas assadas, dous almudes de vinho, e duas dúzias de grandes molhos de palha painça, assim como pagará aos careiros ou estudantes (...) 6 de Dezembro deste ano e do próximo futuro ano, sem falta alguma.</i>” (Carvalho, 1956:67-68).</p> <p>1832 – Os estudantes não se mascararam, recolheram só a renda (posses).¹⁰⁷</p> <p>1833 – <i>“Há uma costumeira de dar aos coreiros em dia de S. Nicolau as pitaças (géneros) seguintes.</i>” (Carvalho, 1956:68).</p> <p>1862 – <i>“Este mato serve para fazer um magusto no meio do Toural, onde se distribui aos circunstantes castanhas e vinho. (...) Seguiram à Praça da Oliveira, a casa do digno professor de latim, que também todos os anos distribue aos seus discípulos doce e licor.</i>”¹⁰⁸</p> <p>1864: - realização do Magusto: <i>“última teve lugar na praça do Toural o costumado magusto. Na tarde deste dia saiu o bando...”</i>¹⁰⁹</p> <p><i>“ (...) E na madrugada de segunda-feira 5 do corrente terá lugar um magusto na praça do Toural.</i>”¹¹⁰</p> <p>1868 – <i>“Vão às freiras pedir, encartuchados,/ Os doces de antiga costumeira (...) Pois tudo tem seu fim; a lei mesquinha,/ Nem os pastéis poupou da joaninha.</i>”¹¹¹</p> <p>1881 – <i>“ (...) uma das mais entusiásticas e especiais brincadeiras destas festas escolásticas”.</i>¹¹²</p> <p>1888 - <i>“Um amigo cônego legara em seu testamento aos rapazes coreiros uma renda (...) Os coreiros indo ali todos os anos no dia de S. Nicolau receber a renda, vinham depois a cavalo e em hábitos corais oferecer da mesma às pessoas mais gradadas da terra.”</i>¹¹³</p>
--	---

¹⁰⁷ Efemérides Vimaranenses, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

¹⁰⁸ Religião e Pátria, 1ª série, nº 8, dezembro de 1862.

¹⁰⁹ Religião e Pátria, n.º 18, 4.ª série, Guimarães, 10 de dezembro de 1864

¹¹⁰ Religião e Pátria, n.º 17, 4.ª série, Guimarães, 3 de dezembro de 1864

¹¹¹ Pregão de 1862.

¹¹² Religião e Pátria, dezembro de 1881.

¹¹³ Jornal Vimaranense, 12 de dezembro de 1886.

	<p>1985 – <i>“Ontem fizeram o magusto, andando depois as posses. A alma popular expandiu-se com os rapazes, havendo fraternização geral.”</i>¹¹⁴</p> <p>1896 – <i>“Nabiça, couve-penca e flor, e os nabos doces,/ Que o Penafort dá, por ser das posses”</i>¹¹⁵ Iniciaram o cortejo das posses às 20h e depois tiveram o magusto a seguir.¹¹⁶</p> <p>1904 – <i>“noite que consistiu em fazer passar ao estômago maçãs, uvas, nozes, pinhões, castanhas, figos de ceira, doce sortido, pastéis e vinho verde, de Lamego, de Murça, cognac e aguardente de bagaço.”</i>¹¹⁷</p> <p>1906 – <i>“ No dia 5 de Dezembro, pela uma da madrugada, saía uma música, indo na frente os estudantes, que iam às posses (...) o magusto que se fazia no largo do Toural, distribuindo-se as castanhas e o vinho da Comissão pelos músicos e homens”</i>¹¹⁸</p> <p>2005 – <i>“ (...) uma pessoa de posses, não é necessariamente uma pessoa das Posses. Porque estas Posses, apesar de ainda estarem na posse de alheios, passarão a ser Posse da Comissão de Festas...”</i>¹¹⁹ <i>“ (...) no dia 4, as posses e magusto...”</i>¹²⁰. <i>“Na noite das roubalheiras tudo pode acontecer (...)”</i>¹²¹.</p> <p>2007 - <i>“(...) Posses, que mais não são do que um peditório feito pelos estudantes em alguns locais da cidade. O resultado da coleta - normalmente alimentos - é depois partilhado com a população junto da Praça de Santiago (...)”</i>.</p> <p>2010 - <i>“ (...) Os festejos nicolinos prosseguem sábado com as Posses e Magusto (...)”</i>¹²². <i>“No dia 4 de Dezembro (...) unem-se</i></p>
--	--

¹¹⁴ O Comércio de Guimarães, n.º 1070, XII ano, 5 de dezembro de 1895

¹¹⁵ Pregão de 1896.

¹¹⁶ *Povo de Guimarães*, N.º 6, 1.º ano, Domingo, 6 de dezembro de 1896

¹¹⁷ *Jornal Independente*, 4º ano, n.º 159, Guimarães, 11 de dezembro de 1904.

¹¹⁸ O Comércio de Guimarães, dezembro de 1906

¹¹⁹ Programa de 2005

¹²⁰ *Jornal de Notícias*, 24 de novembro de 2005.

¹²¹ *Comércio de Guimarães*, Ano n.º 121, edição n.º 8348, 23 de novembro de 2005.

¹²² O Comércio de Guimarães, 1 de dezembro de 2010, ano 127, edição n.º 8600.

	<p><i>para receber as oferendas da cidade, ao som do hino das Nicolinas. Recolhidas as Posses, os estudantes passam ao magusto (...) ”¹²³.</i></p> <p>2012 – “ (...) dia de posses e, no final, realiza-se o tradicional magusto no Centro Histórico (...) ”¹²⁴</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

Apêndice XIV

Tabela 18 - Ficha Etnográfica nº 4

Nome	Roubalheira
Análise etnográfica deste número começa no ano 1895 até à atualidade.	
Dia de realização	Não tem noite certa...
Local realização	Pelas ruas da cidade ¹²⁵
Principais características	<p>Surgem no séc. XIX, tendo por base uma tradição, já em desuso, de S. João e teve muita importância em tempos idos e o seu principal objetivo era por em reboliço a cidade, mostrando a irreverência dos jovens e que eram capazes de refazer a comunidade e voltar depois a organizá-la. Ou seja, os estudantes percorrem a cidade e desviam as coisas das casas, lojas e depois aparecem de manhã no largo do toural. Por exemplo, tirar a tabuleta do tribunal e colocar a tabuleta da mercearia ou vestir as estátuas com roupa interior, a noite é entendida e respeitada como dos jovens.</p> <p>Este número deixou de ser realizado devido a abusos por parte de pessoas fora das Festas Nicolinas e só em 1998 foi considerado parte integrante das Festas. Atualmente, as forças de segurança são</p>

¹²³ Notícias de Guimarães, ano 78º, nº4118, 25 de novembro de 2010.

¹²⁴ Guimarães Digital, 4 de dezembro de 2010.

¹²⁵ Anotações do diário de bordo.

	avisadas e todos têm que estar identificados como membros da comissão de festas e são colocados avisos oficiais para nas casa e nas lojas “assaltadas” de forma a comunicar o sucedido e para as pessoas poderem ir buscar os seus pertences sendo que o dia não é comunicado (só as autoridades e os nicolinos têm conhecimento).
Utensílios/ Acessórios	Não tem quaisquer utensílios ou acessórios relacionados com este número. ¹²⁶
Toque	Não tem toque associado. ¹²⁷
Expressões/ Relatos	<p>1895 – Surgiu em 1895, intitulado como Roubo das tabuletas.</p> <p>1899 – Primeira vez que aparece com o nome de Roubalheiras.</p> <p>1864 - As ruas eram alegradas com música e sinais de festa. ¹²⁸</p> <p>1909 – “<i>Nós discordamos apenas das roubalheiras. Isto não está nas tradições dos festejos nicolinos e, ainda que estivesse, era um número que se devia banir, porque ofende muitas vezes e raro tem graça (...)</i>”¹²⁹</p> <p>1923 – “<i>Os académicos, snr. redactor, apenas podem ser culpados por insistirem em não eliminar do programa das suas e nossas festas, os números das "posses" e "mudanças de tabuletas", números esses que, por vários motivos, não merecem aplausos a gente de senso e boa razão.</i>”¹³⁰</p> <p>1961 – “<i>Roubalheiras – Não nos responsabilizamos pelas façanhas dos profissionais (...)</i>”¹³¹</p> <p>1972 - O número “Roubalheiras”, não se realizou, foi extinto por excessos por parte de pessoas que não faziam parte das festas. ¹³²</p> <p>1997 – Este número volta e é proposto, pela Comissão de festas, que as Roubalheiras sejam inseridas nas Festas Nicolinas (Miguel, 1998).</p> <p>1998 – Inseridas como parte integrante da tradição (Miguel, 1998). “<i>(...) Não se tratará decerto deste caso e aconselham-se todos a terem</i></p>

¹²⁶ Anotações do diário de bordo.

¹²⁷ Anotações do diário de bordo.

¹²⁸ Religião e Pátria, n.º 17, 4.ª série, Guimarães, 3 de dezembro de 1864

¹²⁹ Jornal o Regenerador, 10 de dezembro de 1909

¹³⁰ Jornal O Comercio de Guimarães, 11 de dezembro de 1923.

¹³¹ Programa das Festas Nicolinas de 1961.

¹³² Anotações do diário de bordo.

	<p><i>alguma paciência e presença de espírito quando confrontados com a possível falta de bem ao luar.”</i> ¹³³</p> <p>2002 - <i>“Roubar sim... mas com calma (...).”</i>¹³⁴</p> <p>2005 - <i>“Sem dia nem hora marcada (...)”</i>¹³⁵. <i>“(...) a 5, o pregão de S. Nicolau (...) Em dia não divulgado, realiza-se o número das "roubalheiras", no qual é permitido aos estudantes furtarem objectos na rua ou comerciantes. O produto do furto é devolvido, no dia seguinte, às vítimas.”</i>¹³⁶</p> <p>2007 - <i>“A noite foi de Roubalheiras. O tradicional número dos festejos acontece sempre de imprevisto”.</i> ¹³⁷</p> <p>2010 - <i>“(...) Sem data marcada a Comissão das Festas Nicolinas vai realizar as Roubalheiras”</i>¹³⁸. <i>“(...) as Roubalheiras, que como habitualmente não têm data marcada, sabendo-se apenas que será numa das noites nicolinas”</i>¹³⁹.</p> <p>2012 - <i>“(...) a tradição, na última madrugada, a Comissão de Festas Nicolinas realizou as roubalheiras. O número é sempre organizado de surpresa e o resultado é exposto no Largo Toural (...).”</i>¹⁴⁰</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

¹³³ Programa das Festas Nicolinas de 1998.

¹³⁴ Programa das Festas Nicolinas de 2002.

¹³⁵ Programa das Festas Nicolinas de 2005.

¹³⁶ Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

¹³⁷ Guimarães Digital, 3 de dezembro de 2007.

¹³⁸ O Comércio de Guimarães, 1 de dezembro de 2010, ano 127, edição n° 8600

¹³⁹ Notícias de Guimarães, ano 78°, n°4118, 25 de novembro de 2010.

¹⁴⁰ Guimarães Digital, 3 de dezembro de 2012.

Apêndice XV

Tabela 19 - Ficha Etnográfica nº 5

Nome	Pregão
Análise etnográfica deste número começa no ano 1817 até à atualidade.	
Dia de realização	5 de dezembro
Local realização	Nos dias de hoje, o cortejo do pregão tem inicio no campo da feira e segue em cortejo até ao 5 locais onde é recitado (Camara Municipal de Guimarães, Escola Secundária Martins Sarmento, Casa da Sra. Aninhas (madrinha dos estudantes), Praça de Santiago e Torre de Almada. O cortejo tem termino no largo do tournal. ¹⁴¹
Principais características	<p>Pregão verifica-se a 5 de dezembro e outrora tinha por nome “bando escolástico”, e resume-se na declaração de um texto sátiro e retórico, de autoria dos membros da comissão, proclamado de uma forma entusiasmada por um estudante, que é o “pregoeiro”. Ele é eleito entre os membros da comissão por ser o que mostra dons de declaração e que tem uma postura condescende para a ocorrência.</p> <p>Sendo que o Pregão tinha como objetivo anunciar as festas nicolinas visto que o pinheiro era um número que não fazia parte das Festas Nicolinas. O pregão surgiu no século XVIII, apesar do único documento existente ser de 1817, é uma crítica à política local, nacional e mundial e também ao futebol, nomeadamente o Vitoria de Guimarães. Existem pregões que refletem o aparecimento da luz elétrica, do automóvel, da Implantação da República, na entrada na união europeia, alguns são verdadeiras lições de história local e nacional e outros autênticas obras literárias.</p> <p>Ou seja, trata assuntos como <i>“epigramas satíricos aos costumes; alusões picaram aos sucessos escolares; amavios românticos às damas; coriscadas virulentos aos intrusos; panegíricos camoneanos aos deuses gentílicos; brejeirices</i></p>

¹⁴¹ Diário de bordo.

	<p><i>picantes às criadas e costureiras; facécias críticas aos governantes municipais; ditirambos graciosos ao Patrono; pançadas risonhas ao burguês; hossanas campanudas à política do momento - tudo em decassílabos, em louvor das Musas e mais das tradições escolásticas.”</i> (Carvalho, 1956: 117).</p> <p>O cortejo do pregão é liderado pelo 1º vogal da comissão que vai a cavalo, trajado e com a bandeira da academia em seguida o carro alegórico do pregão onde vai o pregoeiro.</p>
Utensílios/ Acessórios	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa • Cavalo (onde vai o pregoeiro) • Pregoeiro vai de traje e com uma máscara. • Comissão das Festas Nicolinas vai com o traje de trabalho.¹⁴²
Toque	<p>Toque curto, caloroso e forte no acompanhar do cortejo do pregão. Os toques marcam o ritmo do cortejo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caixa: 4 “pranas” + 1 “repique” + 1 “rata” final • Bombo: 1+2 toques em ciclos¹⁴³
Expressões/ Relatos	<p>1817 – Referência mais antiga (que se tenha conhecimento) relativamente a um pregão, na altura intitulado de Bando Escolástico. Mas, devido à qualidade do texto desse ano conclui-se que deveriam existir Pregões anteriores a este.¹⁴⁴</p> <p>1822 - Realizou-se o Pregão mas, sem estarem mascarados porque foi proibido pelo Intendente geral da polícia.¹⁴⁵</p> <p>1833 – Os estudantes não se mascararam mas, foram de caras pintadas, que pouca diferença fazia.¹⁴⁶</p> <p>1844 - Pregão teve como personagens principais Mercúrio e Minerva. “ <i>Mercúrio (deus da Eloquência), Minerva (deusa da Ciência)</i> ” (Carvalho, 1956: 119).</p> <p>1845 – O Pregão foi proibido porque eram dirigidas aos que estavam a construir a estrada em direção ao Porto.¹⁴⁷</p>

¹⁴² Anotações do diário de bordo.

¹⁴³ Anotações do diário de bordo.

¹⁴⁴ Pregão de 1817 e anotações do diário de bordo.

¹⁴⁵ *Efemérides Vimaranenses*, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

¹⁴⁶ *Efemérides Vimaranenses*, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

¹⁴⁷ *Efemérides Vimaranenses*, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

	<p>1846 – O Pregão foi realizado apesar de toda a contestação política existente na altura. ¹⁴⁸</p> <p>1847 – Pela primeira vez o Pregão é impresso. ¹⁴⁹</p> <p>1852 - <i>No domingo saiu o Bando (...) pregoeiro recitava o Bando Escolástico (...) O pregoeiro ia rica e elegantemente vestido (...)</i> ¹⁵⁰</p> <p>1854 - <i>“No dia 5 de Dezembro, depois do meio dia, saiu o Bando da casa do teatro de S. Francisco (...) O pregoeiro (ia) de capa curta (...)</i> ¹⁵¹. <i>“ O pregoeiro (ia) de capa curta (...) à portuguesa antiga, fechando o préstito duas figuras - Portugal e Guimarães, cada uma com sua bandeira.</i> ¹⁵².</p> <p>1955 – Pregão, recitado por J. Sampaio junto ao Paços do Concelho, onde estava na varanda o presidente da Câmara, Dr. J.M de Castro Ferreira. (Carvalho, 1956).</p> <p>1856 – Os estudantes realizaram o número do Pregão que acabou às 21 horas. ¹⁵³</p> <p>1858 – <i>“O pregoeiro ia rica e elegantemente vestido e, o carrinho que o conduzia, vistosamente ornado, podendo dizer-se bem de todos os máscaras, tanto de pé, como a cavalo.</i> ¹⁵⁴</p> <p>1862 – O Pregão foi escrito por José, apelidado de fatinho e recitado pelo Domingos Ribeiro da Costa Sampaio (Menino de ouro). ¹⁵⁵</p> <p>1864 - Pregão (na altura conhecido como Bando, realizado na parte da tarde. <i>“Na tarde deste dia sairá o bando, e na terça-feira 6 farão os estudantes a costumada distribuição da renda, e haverá bailes de máscaras.</i> ¹⁵⁶.</p>
--	---

¹⁴⁸ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

¹⁴⁹ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

¹⁵⁰ Religião e Pátria de Dezembro de 1852.

¹⁵¹ Jornal Braz Tizana, n.º286, Porto.

¹⁵² Jornal do Porto, Braz Tizana, n.º286

¹⁵³ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

¹⁵⁴ A Tesoura de Guimarães, n.º 226, Guimarães, 7 de Dezembro de 1858

¹⁵⁵ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

¹⁵⁶ Religião e Pátria, n.º 17, 4.ª série, Guimarães, 3 de Dezembro de 1864

	<p>1866 – “ (...) eu venho anunciar a festa ingente(...)”¹⁵⁷ Esta frase não traduz a realidade porque quando é recitado o pregão, já outros números foram realizados.</p> <p>1895 – “Hoje há o bando, que nos dizem estar primorosamente escrito, ou ele não saísse da brilhante pena do distinto e talentoso advogado dr. Bráulio Caldas.”¹⁵⁸ “O bando ia excelente, e Sampaio tirou todo o partido dele.”¹⁵⁹</p> <p>1906 – “E vós oh bellas! Que esaes ás janelas! Preparae-vos para ouvirdes o pregão (...)”¹⁶⁰ “Pregão em verso”.¹⁶¹</p> <p>“Pelas duas horas da tarde do dia 5 de Dezembro saía o bando escolástico, com mascarados tocando tambores e zabumbas, organizado com diferentes carros alegóricos, com um estudante vestido de Guimarães, outro de Minerva, etc, etc.”¹⁶²</p> <p>2005 – “(...) Pregão é hoje, 5 de Dezembro, e como toda a gente sabe...”¹⁶³. “ (...)a 5, o pregão de S. Nicolau...”¹⁶⁴. “Continuam as Festas Nicolinas, hoje é dia de Pregão.”¹⁶⁵</p> <p>2007 - “Pregão, uma declamação satírica feita por um estudante eleito dentro da Comissão de Festas (aquele que tem a voz mais portentosa) e apresentada em vários pontos da cidade”.¹⁶⁶.</p> <p>2010 - “ (...) Domingo é dia de Pregão (...)”¹⁶⁷.</p>
--	--

¹⁵⁷ Pregão de 1866.

¹⁵⁸ O Comércio de Guimarães, n.º 1070, XII ano, 5 de Dezembro de 1895

¹⁵⁹ O Comércio de Guimarães, n.º 1071, XII ano, 9 de Dezembro de 1895

¹⁶⁰ Programa de 1906 (ver anexos)

¹⁶¹ Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906

¹⁶² O Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906.

¹⁶³ Programa de 2005.

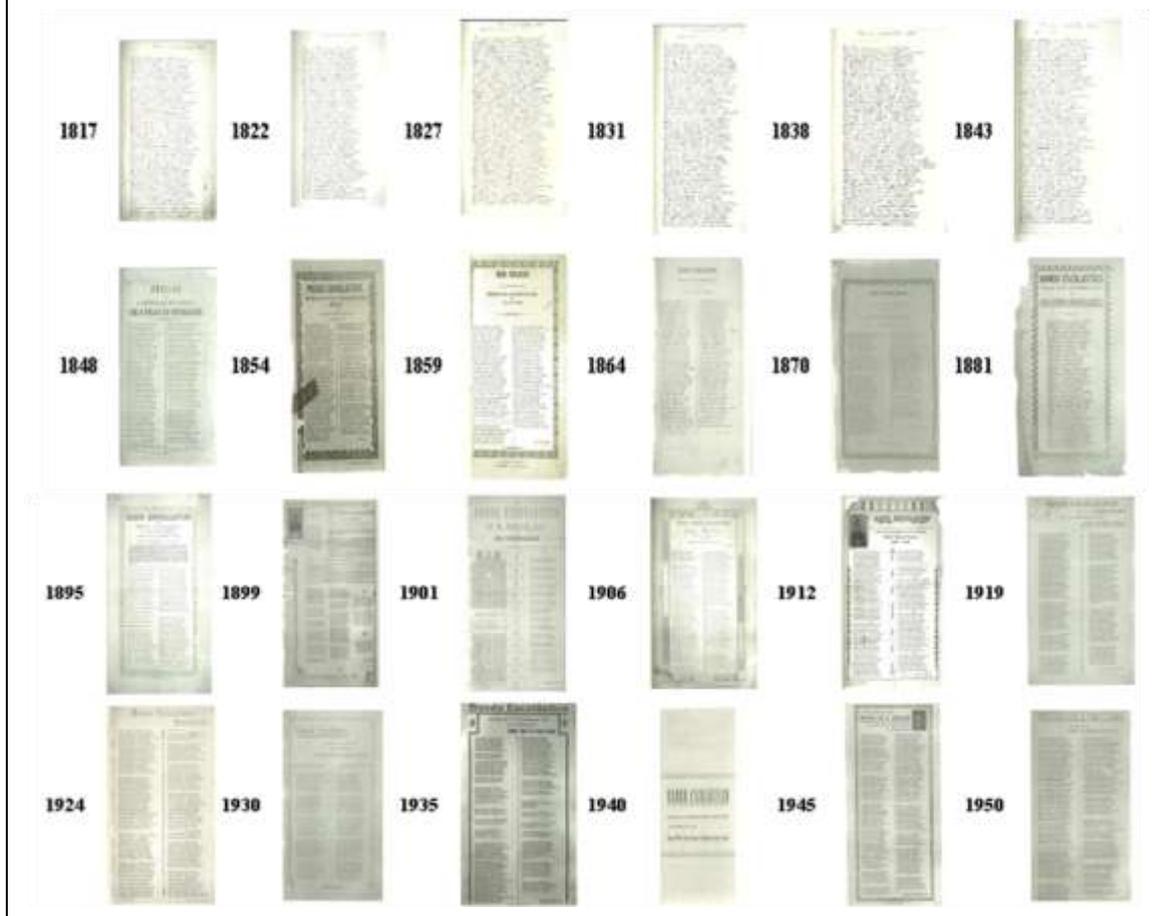
¹⁶⁴ Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

¹⁶⁵ Guimarães Digital, 5 de dezembro de 2005.

¹⁶⁶ Jornal Público, 2 de dezembro de 2007, artigo “Guimarães é a cidade com mais bombos por metro quadrado” de Sandra Silva Costa.

¹⁶⁷ O Comércio de Guimarães, 1 de Dezembro de 2010, ano 127, edição nº 8600

Lista de Pregões



Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

Apêndice XVI

Tabela 20 - Ficha Etnográfica nº 6

Nome	Maçãzinhas
Análise etnográfica deste número começa no ano 1817 até à atualidade.	
Dia de realização	6 de dezembro (na parte da tarde)
Local realização	Até 1990, sua realização era o Largo do Toural e a rua de Santo António. A partir desse ano, o cortejo tem saída as 15horas e segue em direção à Praça de Santiago. Sendo que em 2013, este número voltou à sala de visitas da cidade, ou seja, Largo do Toural. ¹⁶⁸
Principais características	<p>As Maçãzinhas são o número mas importante e significativo, realizam-se no dia de São Nicolau. E pelo motivo de antigamente, as raparigas não poderem participar nos festejos, só podendo assistir por isso dedica-se este o dia às raparigas sendo um número de clara inspiração romântica. <i>“Essencialmente consagrado ao Eterno Feminino, não admira que, para ver passar este cortejo as janelas se guarneçam de senhoras, ou mais destacadamente, de meninas, pois são estas, em nossos dias, as que mantêm a tradição, colaborando com a sua presença e a permuta das suas lembranças, na linda festa de cunho medieval.”</i> (Carvalho, 1956: 123).</p> <p>Os rapazes levam a sua lança e pondo-a no cimo de uma cana de maneira a chegarem às varandas onde a raparigas os esperam. Este facto de as raparigas os esperarem nas varandas tem um significado pois S. Nicolau é padroeiro das raparigas pobres porque segundo a lenda ele ofereceu um dote a três raparigas pobres para que estas pudessem casar e esses dotes foram entregues por uma janela sem elas saberem. As lanças utilizadas são decoradas com fitas que podem ser de varias cores e são colocados símbolos e mensagens.</p> <p><i>“Os escolares que no cortejo das maçãzinhas tomam parte, usam enfeitar a sua lança com fitas multicores. (...) Aqui se reproduz uma lança, tendo no seu remate um simbolizado coração ofertando a maçã.”</i> (Carvalho, 1956:126).</p> <p>Constituem também um cortejo alegórico que desfilam pelas ruas até chegarem ao destino final a Praça de santiago, não tem nenhuma união</p>

¹⁶⁸ Diário de bordo.

	<p>direta as festas mas tem o mesmo nome que a cidade espanhola santiago de Compostela que teve uma importância essencial no início do culto a S. Nicolau sendo uma homenagem à aosromeiros devotos de S. Nicolau. “São a alma essencial das Nicolinas numa relação natural da descoberta do homem e da mulher” (Miguel, 1998: 22).</p>
<p>Utensílios/ Acessórios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Carros alegóricos – onde os estudantes vão com a sua lança para chegarem à varanda onde tem as raparigas à sua espera. • Maças – são colocadas no cimo da lança. • Canas – onde é colocada a lança. • Lanças – que os rapazes têm que levar e colocar em cima da cana para chegar às varandas. • Fitas – decoram as lanças, podem ser diversas cores mas, cada uma tem um significado. Por exemplo, a fita branca é oferta da mãe e por isso essa cor é dedicada à mãe.¹⁶⁹ 
<p>Toque</p>	<p>Não tem toque associado.¹⁷⁰</p>
<p>Expressões/ Relatos</p>	<p>1817 – “<i>O sórdido taful, audaz caixeiro,/ Que na função se meter prazenteiro,/ Há-de limpar-nos com a lingua as botas/ E levar as costas meias rotas.</i>”¹⁷¹</p> <p>1822 – O pregão desse ano atribui a S. Nicolau a responsabilidade do sucesso da implantação do regime Constitucional de esse ano, ou seja, louvor à Liberdade. “ (...) <i>Tu destes ao coração, nobres impulsos (...) Com eles, a Vitória coroastes (...)</i> ”¹⁷²</p>

¹⁶⁹ Anotações do diário de bordo.

¹⁷⁰ Anotações do diário de bordo.

¹⁷¹ Pregão de 1817.

¹⁷² Pregão de 1822, escrito por Dr. João Evangelista de Morais Sarmiento.

	<p>1828 – “A mais guardada e tímida donzela,/ Se concede este dia de janela.”¹⁷³</p> <p>1842 - "Saíram mascarados o Maneta (era Manuel de Matos Costa), da rua de Coiros, e o Abade, filho do Joaquim Peixoto, não sendo considerados já como Estudantes, por cujo motivo, foram uns poucos de Estudantes, dos mais taludos que andavam em uma exibição, em procura deles, e encontrando-se na Praça da Senhora da Oliveira, querendo-lhe tirar as mascaras, puxou por um punhal o Maneta para eles, de que lhe resultou o darem uma tosa, tirando-lhe a mascara, e sendo informado o administrador do concelho deste acontecimento, mandou prender por duas escoltas de infantaria n.º 14 os Máscaras Estudantes, que tinham maltratado o tal Maneta, as quais escoltas tendo chegado a Santa Clara onde estavam os Estudantes, o Povo entrou a dizer = fora a tropa = e vendo os soldados que não tinham partido contra o Povo deixaram fugir os Estudantes. Por causa desta desordem andaram a rondar escoltas do 14, e polícia, e o administrador e todos os seus empregados. À noite saíram os Estudantes com cavalhadas, recitando quadras, sendo este ano o primeiro que saíram com este divertimento".¹⁷⁴</p> <p>1852 – “Ontem, a distribuição da 'renda pelas damas começou tarde (...) belas meninas, que ornavam as janelas, as córadas maçãs (...) tinham nas pontas agudas das suas lanças douradas.”¹⁷⁵ “No dia 6, pelo meio dia (...) Cupido dava maçãs na ponta de uma seta (...)”¹⁷⁶</p> <p>1858 – “ (...)Era meio-dia quando os cavaleiros se espalharam pelas ruas chegando às belas meninas, que ornavam as janelas, as coradas maçãs e açucarados bolosque cravados tinham nas pontas agudas das suas lanças douradas (...)”¹⁷⁷</p> <p>1862 – “ (...)e talvez preso pelo coração ao delicado sexo feminino - saiu a fazer lembrar este antigo costume (...)”¹⁷⁸ “ (...) Rubros pomos colher, maçãs mimosas,/ Para vir oferecer às mais formosas (...)”¹⁷⁹</p> <p>1864 – “ (...) na terça-feira 6 farão os estudantes a costumada distribuição</p>
--	---

¹⁷³ Pregão de 1828.

¹⁷⁴ Efemérides Vimaranenses, de João Lopes de Faria. Manuscrito do SMS

¹⁷⁵ Religião e Pátria de Dezembro de 1852.

¹⁷⁶ Jornal Braz Tizana, 1852, Porto.

¹⁷⁷ A Tesoura de Guimarães, n.º 226, Guimarães, 7 de Dezembro de 1858

¹⁷⁸ Jornal Braz Tizana, 1862, Porto.

¹⁷⁹ Pregão de 1862.

	<p>da renda(...)”¹⁸⁰</p> <p>1866 – “ (...) <i>Garridos anciões que, em tal festeio,/ Não querem de brincar perder o ensejo (...)</i>”¹⁸¹</p> <p>1870 – “<i>Ao col/ler, das cestínhas p'rá regaço,/ Rubicundas maçãs com trémulo braço,/ Raiava em vossas faces um sorriso,/ Que nos faz lembrar o Paraizo.</i>”¹⁸²</p> <p>1880 – “ (...) <i>acompanhados por grande multidão de povo, que dava entusiásticos vivas às Córtes e a EI-Rei.</i>”¹⁸³</p> <p>1881 – “<i>No dia 6, verificada a posse em S.^{to} Estevão (...)</i> entraram as hostes escolásticas na cidade, cavalgando famosos ginetes, distribuindo pelas damas as rubicundas maçãs (...), castanhas, de mestura com amêndoas, uvas de Alicante e outras especiarias.”¹⁸⁴</p> <p>1892 – Realiza-se a festa em honra de S. Nicolau.¹⁸⁵</p> <p>1895- As Maçãzinhas regressam “ (...) <i>a mais de um velho ouvimos dizer que nunca se havia feito uma cavalgata assim, tão numerosa, tão viva, tão alegre, tão elegante e ricamente vestida.</i>”¹⁸⁶ “ (...) <i>O seu aspecto era realmente deslumbrante!</i>”¹⁸⁷ “<i>A entrada dos rapazes que vinham ofertar às damas vimaranenses as maçãs foi esplêndida (...)</i> Na oferta das maçãs gastaram os académicos algumas horas”¹⁸⁸</p> <p>1896 – “<i>Eva enganou a Adão com a maçã traidora;/ Mas às nossas maçãs, ó virgem sedutora,/ Não são pomos de engano ou pomos de discórdia;/ Vossa boca rosada aromatisa-a e morde-a,/ Libando na doçura amarga essa saudade/ De um desejo d'amar que tem a mocidade!/ Cada um de nós é Adão, e a maçã afiança,/ A árvore é o balcão, e a serpente a lança,/ Conquistando um sorriso, um meigo olhar bendito,/ Que nem o próprio Deus acusa de maldito.</i>”¹⁸⁹ Explica o simbolismo e a beleza que tem o número das maçãzinhas.</p>
--	---

¹⁸⁰ Religião e Pátria, n.º 17, 4.ª série, Guimarães, 3 de Dezembro de 1864.

¹⁸¹ Pregão de 1866.

¹⁸² Pregão de 1870.

¹⁸³ Religião e Pátria, de 22 de Dezembro de 1880.

¹⁸⁴ Religião e Pátria, N.º 1, Guimarães, 7 de Dezembro de 1881

¹⁸⁵ Efemérides Vimaranenses, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS

¹⁸⁶ Religião e Pátria, 11 de Dezembro de 1895.

¹⁸⁷ Jornal Vimaranense, 10 de Dezembro de 1895.

¹⁸⁸ Comércio de Guimarães, n.º 1071, XII ano, 9 de Dezembro de 1895

¹⁸⁹ Pregão de 1896, escrito pro Dr. Bráulio Caldas.

	<p>1902 – “ (...) a entrega das maçãs às gentilíssimas senhoras de Guimarães realizou-se, aparecendo alguns estudantes ricamente vestidos em carros luxuosamente postos(...)”¹⁹⁰</p> <p>1906 – “A entrada das maçãs será esplendida!”¹⁹¹</p> <p>1911 – Surge pela primeira vez o nome Distribuição de Maçãs.</p> <p>1961 – Intitula-se este número como <i>Cortejo das maçãzinhas</i> ou <i>maçãzinhas</i>, esta consagração surgiu no programa das festas desse ano.</p> <p>1966 – “Todas as varandas da cidade (ou quasi todas) se assemelharão a engalanados jardins (...) E depois de muito esperarem, algumas (as outras desesperaram ao ver que não alcançavam) receberão a lança (...) ”¹⁹²</p> <p>1971- “ (...) diferenciarmos a famigerada maçã nicolina das vulgares maçãs de rosto cultivadas pelas tribos de canibais-vegetarianas de África, e das maçãs da gravidez de Newton, revemos nosso estatutos no respeitante à respeitosa essência da maçã nicolina.”¹⁹³</p> <p>1976 – “Mal soa a trovoada que anuncia a saída do cortejo, elas mexem-se ansiosas, o coração palpitante, pondo em sítio de destaque as melhores prendas. Das varandas enfeitadas, tentam reconhecer aqueles que a seguir irão jogar com elas ao mete...tira...mete (a maçã suavemente pontada na lança é tirada não menos suavemente pela donzela, que retribui com a prenda).”¹⁹⁴</p> <p>1983- “ (...) vai sempre um amor timorato e assolapado, um digo não digo, um faço não faço que se resolve, por magia, no cortejo das Maçãzinhas(...)”¹⁹⁵</p> <p>1988- “Como se de medievais escudeiros se tratassem (já que não andam a cavalo) empunham compridas varas de bambu ostentando na ponta as cores das suas favoritas (...) começa o assalto aos femininamente povoados balcões e janelas, a fim de se conseguir uma troca de pequenos frutos por quaisquer outras surpresinhas (...)”¹⁹⁶</p> <p>1993- “ (...) uma lança de ferro forjado (que está para este acto como as balas de prata para matar lobisomens... in-dis-pen-sá-vel), lança onde</p>
--	--

¹⁹⁰ Jornal Independente, dezembro de 102

¹⁹¹ Programa das Festas Nicolinas de 1906

¹⁹² Programa das Festas Nicolinas de 1966.

¹⁹³ Programa das Festas Nicolinas de 1971.

¹⁹⁴ Programa das Festas Nicolinas de 1976.

¹⁹⁵ Programa das Festas Nicolinas de 1983.

¹⁹⁶ Programa das Festas Nicolinas de 1988.

	<p><i>constam em numerosas fitas de cores garridas e pintadas à mão as cores e o grau de entrosamento do Nicolino com o género feminino.</i>”¹⁹⁷</p> <p>1998- “ (...) Nicolinos, de lança em punho, fazem subir às sacadas a famosa maçãzinha, fruto que não tendo o calibre aprovado pelos burocratas de Bruxelas, se destina exclusivamente a esta função. Fruto este que sendo o do pecado original é aceite e em retribuição as meninas fazem descer prendinhas daquilo que lhes vai na alma.”¹⁹⁸</p> <p>2002 – As raparigas são “conquistadas” pelos rapazes nas Maçãzinhas.¹⁹⁹</p> <p>2004 – “ (...) cortejo das maçãzinhas sai às 15 horas do Centro Juvenil de S. José em direção à Praça de S. Tiago onde os estudantes oferecerão maçãs nas lanças às donzelas que retribuirão com prendas.”²⁰⁰</p> <p>2005 – “As Maçãzinhas, um tão singelo pomo a pontuar o centro do Universo festejante Nicolino. A mulher como o fundamento da Festa.”²⁰¹. “ (...) a 6, o cortejo das maçãzinhas (...)”.²⁰². “A meio da tarde o centro histórico vai animar-se com os estudantes a ofertar com lanças maçãzinhas às jovens que vão tomar lugar em varandas e janelas da Praça de S. Tiago.”²⁰³</p> <p>2006 – “Na tarde do dia 6 do próximo mês tem lugar as Maçãzinhas. Jovens mascarados em carros alegóricos, de lança em punho, dirigem-se às varandas enfeitadas na Praça S. Tiago (...) A maçã que se levanta na ponta da lança, enfeitada com fitas, é trocada por uma prenda oferecida pela menina”.²⁰⁴</p> <p>2007 - “Um dos mais carismáticos números das Nicolinas, levaram ao Centro Histórico muitas centenas de pessoas para assistirem à oferta de maçãs por parte dos membros da Comissão de Festas às meninas que ocuparam janelas e varandas dos edifícios”²⁰⁵. “Chegámos às Maçãzinhas. Acontece no dia mais importante - o Dia de São Nicolau. Na prática, é um</p>
--	---

¹⁹⁷ Programa das Festas Nicolinas de 1993.

¹⁹⁸ Programa das Festas Nicolinas de 1998.

¹⁹⁹ Jornal Público, 29 de novembro de 2002, artigo escrito por Adelino Gomes.

²⁰⁰ Guimarães Digital, 6 de dezembro de 2004.

²⁰¹ Programa de 2005.

²⁰² Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

²⁰³ Guimarães Digital, 6 de dezembro de 2005.

²⁰⁴ Comércio de Guimarães, Ano nº 122, edição nº 8399, 29 de novembro de 2006.

²⁰⁵ Guimarães Digital, 6 de dezembro de 2007.

	<p><i>desfile em que, de lança em punho, os rapazes oferecem maçãs às raparigas que assistem ao espetáculo das varandas</i>”²⁰⁶</p> <p>2010 - “ (...) na segunda-feira realizam-se as Maçãzinhas (...)”²⁰⁷. “O dia 6 de Dezembro, dia de S. Nicolau, é o dia das festas nicolinas dedicadas ao sexo feminino.”²⁰⁸ .</p> <p>2012 – “ (...) as Maçãzinhas (...) atenções estão as meninas que os estudantes tentam conquistar através da oferta de maçãs.”²⁰⁹</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

Apêndice XVII

Tabela 21 - Ficha Etnográfica nº 7

Nome	Danças de São Nicolau
Análise etnográfica deste número começa no ano 1654 até à atualidade.	
Dia de realização	6 de dezembro.
Local realização	Inicialmente, as danças eram realizadas “... no Rossio do Toural, na Praceta do Convento das Claristas ou nos Pátios e Casas Senhorais.” (Miguel, 1998:22). Atualmente, as danças realizam-se no Centro Cultural Vila Flor (auditório com maior número de lugares da cidade) ²¹⁰
Principais características	As Dança de S. Nicolau relacionam-se com a necessidade de angariar fundos para a construção da capela. Por isso iniciou-se este número através de um espetáculo com representações e danças, em 1691, “ <i>O Estatuto da Irmandade de S. Nicolau, do século XVII, dedicou alguns</i>

²⁰⁶ Jornal Público, 2 de dezembro de 2007, artigo “*Guimarães é a cidade com mais bombos por metro quadrado*” de Sandra Silva Costa.

²⁰⁷ O Comércio de Guimarães, 1 de dezembro de 2010, ano 127, edição nº 8600

²⁰⁸ Notícias de Guimarães, ano 78º, nº4118, 25 de novembro de 2010.

²⁰⁹ Guimarães Digital, 6 de dezembro de 2012.

²¹⁰ Diário de bordo.

	<p><i>dos seus Capo à maneira como obtinha meios de receita para o culto do Santo, sua festividade, e fins pios da instituição. Um dos meios estabelecidos provinha da representação de Comédias e Danças.”</i> (Carvalho, 1956: 53).</p> <p>Este número termina com o hino Nicolino harmonizado em conjunto pelos estudantes. Também realizavam-se as provas de perícias como forma de angariar fundos, evento que á não acontece.</p>
Utensílios/ Acessórios	Roupas da peça teatral.
Toque	Não tem toque associado. ²¹¹
Expressões/ Relatos	<p>1654 - No Inventário Geral da Colegiada, em 1654, faz referência às Danças como forma de angariar dinheiro para a construção da Capela de S. Nicolau. (Carvalho, 1956).</p> <p>1691 - <i>“Aumento desta Santa Irmandade consiste nas esmolos que se dão pelas Comédias e Danças”</i>²¹²</p> <p>1730 - <i>“folia preta dos estudantes e dança preta”</i>.</p> <p>1738 – As danças não se realizaram (Miguel, 1998).</p> <p>1820 – <i>“Festivas danças, lícitos folgares, / Não mancham o sagrado dos altares.”</i>²¹³</p> <p>1821 – <i>“Máscara, exibição, festiva dança,/Que ao coração das Ninfas prisões lança,/É cacho que ninguém mais depenica.”</i>²¹⁴</p> <p>1823 – <i>“Nos dias 12 e 13 de janeiro de 1823 saíram os estudantes mascarados, acompanhando um carro triunfal com o retrato de D. João VI, cantando o hino nacional, e precedido duma brilhante dança.”</i>²¹⁵</p>

²¹¹ Diário de bordo.

²¹² Estatutos da Irmandade S. Nicolau, cap. XV, de 1691.

²¹³ Pregão de 1828.

²¹⁴ Pregão de 1829.

²¹⁵ O Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906

	<p>1844 – <i>“Dança Militar, que o amor desperta,/ A todos deixará de boca aberta!”</i>²¹⁶</p> <p>1845 – As danças não se realizaram devido ao mau tempo. 217</p> <p>1852 – <i>“Nem só quem traz judia, e traz bigode,/ As danças, as facécias gozar pode;/Verá qualquer lapónio as farsas belas,/Té de riso estalar pelas costelas.”</i>²¹⁸</p> <p>1855 – <i>“À noite, estando o Teatro todo iluminado (...) os Estudantes com a3 suas exibições e danças (...)”.</i>²¹⁹</p> <p>1856 – <i>“O Teatro D. Afonso Henriques estava tão cheio, que muita gente não pode entrar por falta de lugar, e outras se retiraram por incomodadas (...)”.</i>²²⁰</p> <p>1857 – <i>“ (...) Houveram mais três danças, o que tudo se reuniu à noite no Teatro (...)”</i>²²¹</p> <p>1866 – <i>“Vereis depois, vertiginosas danças,/Não só de gentis moços, mas de panças/ – Garridos anciãos, que em tal festejo/ Não querem de brincar perder o ensejo”</i>²²². <i>“À frente os indispensáveis tambores e zabumbas; seguiam-se três académicos montados em bons cavalos, um dos quais empunhava a bandeira da academia (...) precedendo-a a dança das lavradeiras e picadores”.</i>²²³</p> <p>1868 – <i>“Vestiam de luto alguns mascarados, acompanhando, de archotes acesos, campainhas soando lugubrememente e tambores cobertos de crepe, um carro em que vinham outros mascarados.”</i>²²⁴</p>
--	---

²¹⁶ Pregão de 1844.

²¹⁷ Efemérides Vimaraneses, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS

²¹⁸ Pregão de 1852.

²¹⁹ Jornal Braz Tizana, de 1855.

²²⁰ Jornal Tesoura de Guimarães «, Dezembro de 1856.

²²¹ Jornal Braz Tizana, de 1857.

²²² Pregão de 1866.

²²³ Povo de Guimarães, N.º 7, 1.º ano, Domingo, 13 de Dezembro de 1896

²²⁴ Religião e Pátria, dezembro de 1868.

	<p>1895 – “<i>Mas o clou da festa foi, à noite, a dança dos velhos (...)</i>”²²⁵ “<i>À noite houve cavalhadas e danças, que foram pouco apreciadas (...)</i>”²²⁶</p> <p>1901 – “<i>Depois a dança da China,/Grande pagode chinês (...)</i>”²²⁷</p> <p>1906 – “<i>As danças! Ai as danças! Que lindas vão ser as danças!</i>”²²⁸</p> <p>“<i>(...) as danças, cavalhadas e exibições do dia 6 (...) Às duas horas da tarde saíam as danças: uma, a dos pequenos estudantes, outra, a das grandes (...) exibições, serenatas, espectáculos teatrais (...)</i>”.²²⁹</p> <p>1921 - As danças realizaram-se no Teatro D. Afonso Henriques²³⁰</p> <p>1923 – “<i>(...) Realizaram-se as tradicionais Danças Nicolinas, que, como nos primeiros anos das festas, percorreram as ruas da cidade. No Teatro foram exibidas duas vezes (...)</i>”²³¹</p> <p>1945 – Regresso das danças</p> <p>1972 – As danças foram recreadas, apesar de existirem esporadicamente em anos anteriores, realizam-se, no Teatro Jordão, pelas 21h30 no dia 6 de dezembro.²³²</p> <p>1978 – “<i>Tidas como expressão do movimento (...) um misto de vida e som. As danças também já foram danças; e porque o foram, não deixarão de o ser (...)</i>”²³³</p> <p>1988 – Danças realizam-se no Teatro Jordão, pelas 21h30, no dia 7 de dezembro.²³⁴</p>
--	---

²²⁵ Religião e Pátria, dezembro de 1895.

²²⁶ O Comércio de Guimarães, n.º 1071, XII ano, 9 de Dezembro de 1895

²²⁷ Programa das festas nicolinas, em 1901.

²²⁸ Programa de 1906 (ver anexos).

²²⁹ O Comércio de Guimarães, Dezembro de 1906

²³⁰ Cartaz das Danças S. Nicolau, no ano de 1921.

²³¹ Jornal a Razão, dezembro de 1923

²³² Cartaz das Danças de S. Nicolau, do ano 1972

²³³ Programa das festas de 1978.

²³⁴ Cartaz das Danças S. Nicolau, no ano de 1988.

	<p>1992 – As danças forma da responsabilidade de Novais de Sousa, Fernando Capela Miguel e Rolando Sampaio.²³⁵</p> <p>1996 – Foram dirigidas Miguel Bastos (direção artística e escrita do roteiro). Alguns dos textos da autoria de Rolando Sampaio e Ricardo Gonçalves.²³⁶</p> <p>2000 - Realizaram-se no dia 6 de dezembro, pelas 21h30 no auditório da Universidade do Minho. Com textos de Miguel Bastos, João Neves, Ricardo Gonçalves, Capella Miguel e Rolando Sampaio.²³⁷</p> <p>2004- “ (...) <i>de S. Nicolau no Auditório da Universidade do Minho (...)</i>”²³⁸</p> <p>2005 – “<i>Sim, são Danças Senhor! Danças de S. Nicolau (...)</i>”²³⁹ Danças realizaram-se pela primeira vez, no auditório do Centro Cultural Vila Flor, 6 de dezembro pelas 21h30²⁴⁰. <i>A noite será preenchida com as danças de S. Nicolau.</i>”²⁴¹</p> <p>2006 – “ (...) <i>Realizam-se as Danças de S. Nicolau, que, essencialmente, é uma peça de teatro</i>”.²⁴²</p> <p>2007 - “<i>As tradicionais danças de S. Nicolau foram mais uma vez um êxito. Com o auditório principal do Centro Cultural Vila Flor completamente cheio, no palco foram muitas as críticas à vida vimaranense social e política desportiva.</i>”²⁴³. “<i>Danças de São Nicolau, um espetáculo próximo do teatro de revista integralmente representado pelos rapazes</i>”.²⁴⁴</p>
--	--

²³⁵ Textos e letras relativas às danças do ano 1998

²³⁶ Programa das festas e textos e letras., das festas de 1996

²³⁷ Textos e letras das Danças S. Nicolau de 2000 e cartaz das danças do mesmo ano.

²³⁸ Guimarães Digital, 6 de Dezembro de 2004.

²³⁹ Programa de 2005.

²⁴⁰ Cartaz das danças de S. Nicolau, de 2005.

²⁴¹ Guimarães Digital, 06 de Dezembro de 2005.

²⁴² Comércio de Guimarães, Ano nº 122, edição nº 8399, 29 de novembro de 2006.

²⁴³ Guimarães Digital, 7 de dezembro de 2007.

²⁴⁴ Jornal Público, 2 de dezembro de 2007, artigo “*Guimarães é a cidade com mais bombos por metro quadrado*” de Sandra Silva Costa.

2010 – Realizaram-se no Centro Cultural Vila Flor. Conceção e direção geral de Miguel Bastos²⁴⁵. “ (...) *na segunda-feira realizam-se (...) as Danças Nicolinas*”²⁴⁶. “ (...) *as Danças de S. Nicolau, no dia 6 de Dezembro (...)*”²⁴⁷.

2012 – Realizaram-se no dia 8 de dezembro, no Centro Cultural de Vila Flor, cartaz continha a seguinte frase “*Capital Euronicolina da Cultura*” (Guimarães foi no ano de 2012, Capital Europeia da Cultura).²⁴⁸. “(...) *sábado as festas Nicolinas com mais uma edição das Danças de S. Nicolau. Na edição deste ano os nicolinos prometem fazer um balanço "sério" à Capital Europeia da Cultura.*”²⁴⁹

2013 – Realizaram-se no dia 6 de dezembro, pelas 21h30 no Centro Cultural de Vila Flor²⁵⁰

Cartazes das Danças de S. Nicolau



Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

²⁴⁵ Cartaz das Danças de S. Nicolau, de 2010.

²⁴⁶ O Comércio de Guimarães, 1 de Dezembro de 2010, ano 127, edição nº 8600.

²⁴⁷ Notícias de Guimarães, ano 78º, nº4118, 25 de novembro de 2010.

²⁴⁸ Cartaz das Danças de S. Nicolau, de 2012.

²⁴⁹ Guimarães Digital, 8 de Dezembro de 2012.

²⁵⁰ Cartaz das Danças de S. Nicolau, de 2013.

Apêndice XVIII

Tabela 22 - Ficha Etnográfica nº 8

Nome	Baile Nicolino
Análise etnográfica deste número começa no ano 1858 até à atualidade.	
Dia de realização	7 de dezembro
Local realização	Antigo Restaurante Jordão
Principais características	<p>O Baile Nicolino é o número de fecho das festas Nicolinas e consiste num baile de gala no qual os estudantes vão vestidos em rigor e tem por companhia a sua “noiva”.</p> <p><i>“ Elas deixam-se levar rodopiantes ao som da valsa ou nos rompantes do tango (...) Eles aprumam-se como cavalheiros, com tiques discreto s em toques de colarinho ou punhos da camisa, concentrados na tarefa de não pisar a dama que seguram nos braços delicadamente (...) e reveem-se velhos amores interrompidos, cenas de ciúmes escondidas e paixões que chegaram a queimar corações.”</i> (Miguel, 1998: 23) Ou seja, o Baile Nicolino ou Baile da Saudade é o espírito de <i>“confraternidade, reencontro de amigos e de companheiros de outros tempos onde pontificam as recordações dos amores e paixões que se entregam com saudade aqui e como herança às gerações mais novas.”</i> (Miguel, 1998:24).</p>
Utensílios/ Acessórios	Os Nicolinos têm que ir <i>“vestidos a rigor”</i> ²⁵¹
Toque	Não tem toque associado. ²⁵²
Expressões/ Relatos	<p>1858 - <i>“À noite, teatro gratuito e primorosamente desempenhado. Concorrência superior à capacidade da casa.”</i>²⁵³</p> <p>1862 – Nesse ano existiram dois bailes, como já era tradição.²⁵⁴</p> <p>1864: <i>“Apenas apareceram dois bailes de máscaras, um composto de estudantes maiores e em gosto mais epigramático, outro de</i></p>

²⁵¹ Anotações do diário de bordo.

²⁵² Anotações do diário de bordo.

²⁵³ A Tesoura de Guimarães, n.º 226, Guimarães, 7 de Dezembro de 1858

²⁵⁴ *Efemérides Vimaraneses*, de João Lopes de Faria. Manuscrito da SMS.

	<p><i>estudantes de mais tenra idade, vestidos a carácter com extrema elegância e que mais prendeu a atenção do público.</i>”²⁵⁵</p> <p>“ (...) <i>Arde saíram dois vistosos bandos de máscaras, vestidos a carácter.</i>”²⁵⁶</p> <p>1902- “<i>depois mais tarde, à noite,(...) fecha com chave ‘ouro as festas Nicolinas grrrande animação até às quatro e meia, no Club (...)</i>”²⁵⁷</p> <p>1961- “<i>um baile de ‘galo’ para arrancar ‘fundos’ (...)</i> <i>Sonhos e recordações...</i>”²⁵⁸</p> <p>1964 – “ (...) <i>Baile de Fim de Festa, que se realiza nos Restaurantes Jordão dia 7 de Dezembro (...)</i> <i>Guimarães, Novembro 65...</i>”²⁵⁹</p> <p>1971 – “ (...) <i>baile uma simples reunião de pessoas com fins dançantes trajados a rigor (...)</i>”²⁶⁰</p> <p>1974/1976/1979 - <i>Baile decorreu pelas 22h no Ginásio de Liceu de Guimarães.</i> ²⁶¹</p> <p>1985 – “(...) <i>houve iluminação, música e fogo, estando muito povo a apreciar a última noite dos festejos de S. Nicolau (...)</i>”²⁶²</p> <p>1990- “<i>E assim chegamos ao fim. (...)</i> <i>encerrar os festejos em apoteose com o já famoso Baile Nicolino.</i>”²⁶³</p> <p>1996- “ (...) <i>baile e o fecho das Nicolinas (...)</i>”²⁶⁴</p> <p>2000- <i>Baile de nicolino no dia 7 de dezembro, “tudo que começa acaba, Mrs De La Palisse, merci!”</i>²⁶⁵</p> <p>2004 – “<i>Terminam (...)</i> <i>as Festas Nicolinas. Esta noite há Baile</i></p>
--	--

²⁵⁵ *O Vimarãense*, n.º 246, 5.º ano, Guimarães, 9 de dezembro de 1864

²⁵⁶ *Religião e Pátria*, n.º 18, 4.ª série, Guimarães, 10 de dezembro de 1864

²⁵⁷ Programa das Festas Nicolinas de 1902.

²⁵⁸ Programa das Festas Nicolinas de 1961.

²⁵⁹ Convite de 1964 para o Baile Nicolino

²⁶⁰ Programa de Festas Nicolinas de 1971.

²⁶¹ Convite de 1974/1976/1979 para o Baile Nicolino.

²⁶² *O Comércio de Guimarães*, n.º 1071, XII ano, 9 de dezembro de 1895

²⁶³ Programa das Festas Nicolinas de 1990.

²⁶⁴ Programa das Festas Nicolinas de 1996.

²⁶⁵ Programa das Festas Nicolinas de 2000.

	<p><i>Nicolino.</i>²⁶⁶</p> <p>2005 - <i>“Baile a sério, só o das Nicolinas! Este é o Baile dos Bailes, la creme de la crime, a espuma dos dias e a nata das noites...”</i>²⁶⁷.</p> <p><i>“ (...) a 7, o baile nicolino(...)”</i>²⁶⁸. <i>“O Baile Nicolino é o número de encerramento das Festas Nicolinas.”</i>²⁶⁹</p> <p>2006 - <i>“ (...) no dia 7, o Baile para fechar esta forma de comunicação Nicolina”</i>²⁷⁰</p> <p>2007 - <i>“A 7 de Dezembro, o Baile Nicolino encerra os festejos (...)”</i>²⁷¹</p> <p>2010 - <i>“Na terça-feira é o fim das festas com o Baile Nicolino”</i>²⁷².</p>
<p>Convites do Baile Nicolino</p> 	

Fonte: Elaboração própria com base no arquivo da AAELG/VN; <http://araduca.blogspot.pt/>; Dantas (1920); Carvalho (1943; 1956); Pinto de Castro (1945;1970); Silva (1991;1992;1994); Santos (1994); Meireles (1994); Alcântara Santos (1994); AAELG/VN (1997;2003); Miguel (1998).

²⁶⁶ Guimarães Digital, 07 de dezembro de 2004.

²⁶⁷ Programa de 2005.

²⁶⁸ Jornal de Notícias, 24 de novembro de 2005.

²⁶⁹ Comércio de Guimarães, Ano nº 121, edição nº 8348, 23 de novembro de 2005.

²⁷⁰ Comércio de Guimarães, Ano nº 122, edição nº 8399, 29 de novembro de 2006.

²⁷¹ Jornal Público, 2 de dezembro de 2007, artigo *“Guimarães é a cidade com mais bombos por metro quadrado”* de Sandra Silva Costa.

²⁷² O Comércio de Guimarães, 1 de dezembro de 2010, ano 127, edição nº 8600